

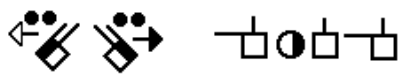
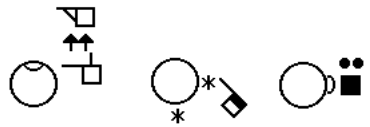
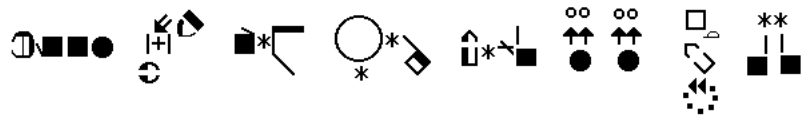
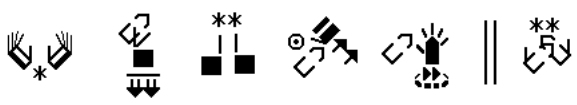


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**ASPECTOS DA LEITURA E ESCRITA DE SINAIS: ESTUDOS
DE CASO COM ALUNOS SURDOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA E
DE UNIVERSITÁRIOS SURDOS E OUVINTES**

DÉBORA CAMPOS WANDERLEY

**FLORIANÓPOLIS
2012**



DÉBORA CAMPOS WANDERLEY

Aspectos da leitura e escrita de sinais: estudos de caso com alunos surdos da educação básica e de universitários surdos e ouvintes

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Marianne Rossi Stumpf

FLORIANÓPOLIS
2012

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Wanderley, Débora Campos

Aspectos da leitura e escrita de sinais [dissertação]: estudos de caso com alunos surdos da educação básica e de universitários surdos e ouvintes / Débora Campos Wanderley; orientadora, Marianne Rossi Stumpf – Florianópolis, SC, 2012.

192 p. ; 21cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. produção dos textos. 3. Consciência fonológica. 4. leitura e escrita de sinais. I. Stumpf, Marianne Rossi. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

DÉBORA CAMPOS WANDERLEY

Aspectos da leitura e escrita de sinais: estudos de caso com alunos surdos da educação básica e de universitários surdos e ouvintes

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Aprovada em / /

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marianne Rossi Stumpf (Orientadora)
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Profa. Dra. Ronice Muller de Quadros
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof. Dr. Vilmar Silva
Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC

Profa. Aline Lemos Pizzio
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, pelo amor incondicional e pela confiança e liberdade dadas na minha busca de oportunidades.

Aos alunos do curso de graduação em Letras Libras e da escola de Santa Maria, pela sua iniciativa em tantas produções em escrita de sinais.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, Senhor de todos os meus dias, meus minutos, meus segundos, que sempre me protegeu em qualquer lugar, por todas as lições aprendidas, que me fez amadurecer aos poucos e aumentar a vontade de amar a vida.

Aos meus pais, Maria Sheila de Souza Campos e Gilson Amorim Sobrinho Wanderley, pela paciência em atender minhas vontades e curiosidades inesperadas, por compreenderem, em qualquer momento, com muita disposição, o meu mundo de diferenças e minhas necessidades em me tornar uma pessoa feliz.

À minha irmã, muita querida e amada, Andréa Campos Wanderley e à minha amiga, Cleuciane, pelo seu apoio e sua presença aqui, em Florianópolis, por dividirem comigo os dias de ansiedade que antecederam minha aprovação no processo seletivo do programa de pós-graduação em Linguística e por compartilharem os meus momentos de felicidade e de tristeza.

À Aldenora, pela criação que me deu e por me cuidar todos os momentos na minha infância.

À minha família materna e paterna, mesmo distante, pelos carinhos, incentivos dados e por sempre lembrarem de mim.

À UFSC, pelo curso em Língua e Escrita de Sinais, pelo espaço de riqueza e de experiência profissional dispensados, pela oportunidade de estudo, pesquisa e crescimento na área de Linguística.

Ao memorável e sumido professor Klilton, que pretendo reencontrar, pelo seu valioso ensino, suas exigências e paciência em ouvir meus desabafos, minhas dúvidas a serem esclarecidas e das nossas brincadeiras chatas.

À Patrícia Rezende, pela sua ideia do tema ‘Lúdico’, que combinasse com o meu perfil, pelo seu incentivo do meu primeiro passo e oportunidade para morar em Florianópolis, por acreditar nas minhas responsabilidades e competências, por estar agora nesse estágio de pesquisa.

À minha orientadora, Marianne Stumpf, pela insistência em permanecer com a ideia da valorização de Lúdico quando pensei abandoná-la, pelos incentivos e oportunidades para meu desenvolvimento nos estudos, pelo meu aperfeiçoamento em relação à escrita de sinais e por ser uma mulher de um saber profissional, que muito admiro.

Ao Marcelo Radicchi, pela ideia motivadora para fazer pesquisa, que se tornou importante.

Às amigas surdas, Fernanda Machado e Priscila Xavier, pela sua presença junto comigo, nos momentos finais da dissertação, por estarem atentas em ouvir as minhas experiências ao opinar sobre a importância em escrita de sinais e por valorizar minha autoestima na troca de ideias acadêmicas.

À Ronice Quadros, pelos seus discursos sobre a língua de sinais, pela oportunidade em aprender durante os debates, aulas, palestras, livros publicados e por tudo que defende a comunidade surda. Sou-lhe grata por ter lido, com carinho, minha dissertação para qualificação, pelas muitas opiniões que auxiliaram no desenvolvimento de minha pesquisa.

Ao Rundesth Nobre, pelo companheirismo na UFSC, nos tempos de nossas inquietudes em relação à escrita de sinais.

À Sofia Messerschmidt, pela sua disponibilidade de me receber e me ajudar durante seu trabalho, na Escola em Santa Maria, pelos contatos por e-mail. Também ao diretor Jeferson Miranda, pela sua felicidade em ver o crescimento da pesquisa em escrita de sinais.

À comunidade de Manaus, Colégio Filippo Smaldone, Colégio e Faculdade Martha Falcão e Universidade Federal do Amazonas – UFAM, instituições que me acolheram como também as pessoas surdas, interpretes, irmãs, conhecedores de LIBRAS, professores e amigos, pelo exemplo de coragem e pelos meus aprendizados junto a eles..

Às amigas Flaviane Reis, Gladis Perlin, Rosana Grasse, Juliana Mafra, Aline Sousa, Janine Oliveira e outros companheiros como João Paulo, Marcos, pelas conversas fluidas sobre o ideal da língua de sinais, cultura surda e escrita de sinais.

Aos interpretes na UFSC, especialmente a Tiago Coimbra, pelo conhecimento em escrita de sinais, que me proporcionou a compreensão de leitura nas minhas produções para o português, como segunda língua, desta dissertação e por fazer algumas correções.

RESUMO

A escrita de sinais é um sistema de escrita que registra a língua de sinais, como primeira língua usada por sujeitos surdos e assim pode-se denominar, em algumas vezes, a segunda língua usada por sujeitos ouvintes. A presente dissertação é fruto de muita leitura e de muita reflexão teórica e prática a partir da literatura publicada, que aborda a história, o desenvolvimento, a produção e também as ações de liberdade na produção em Leitura, Escrita e Língua de Sinais. Este trabalho tem como objetivo geral da pesquisa identificar os elementos que constituem a compreensão e a produção dos textos em escrita de sinais, os quais contribuíram para a elaboração desta dissertação. Os objetivos específicos desta pesquisa foram seis: (1) comparar crianças, que estão aprendendo a ler e escrever a Língua de Sinais, com adultos universitários aprendendo a ler e escrever Língua de Sinais; (2) comparar surdos e ouvintes universitários, que estão aprendendo a ler e escrever a Língua de sinais; (3) identificar quais os elementos que constituem a leitura de um sinal escrito (as configurações de mãos, os movimentos, a marcação não-manual, a marcação do espaço, a pontuação); (4) identificar quais os elementos que são produzidos em um sinal escrito; (5) analisar a relação da consciência fonológica com a produção dos textos escritos em sinais; (6) analisar a estrutura de um texto produzido em escrita de sinais considerando aspectos da coesão e da coerência. Tais objetivos contribuíram para o aprendizado da referida escrita e leitura, como também, na análise das observações e pesquisas realizadas através de questionários, aplicados nas citadas categorias, em sala de aula. A partir dos resultados obtidos, foram identificados importantes elementos, como: organização de textos, facilitadores de comunicação dos leitores, respostas relevantes e, principalmente, a produção criativa de cada sujeito que contribuiu para alcançar o principal objetivo específico desta dissertação, ou seja, a forma e o método do lúdico a ser adotado na alfabetização de pessoas em “Escrita de Sinais”.

Palavras-chave: Escrita. Leitura. Consciência Fonológica. Processo textual.

ABSTRACT

The signwriting is a system that records the sign language as the first language used by deaf people and so can be called, in some cases, the second language used by hearing individuals. This dissertation is the result of a lot of reading and a lot of theoretical and practical reflection from the published literature, which covers the history, development, production and also the actions of freedom in the production in Reading, Writing and Sign Language. This work general goal of the research is to identify the elements that compose the comprehension and production of texts in signwriting, which contributed to the preparation of this dissertation. There were six specific objectives in this research: (1) compare children who are learning to read and write in sign language with adult college students learning to read and write in Sign Language, (2) compare deaf and hearing college students who are learning to read and write the Sign Language, (3) identify the elements that constitute the reading of a written sign(hand configurations, movements, non-manual marking, the marking of space, punctuation), (4) to identify which elements are produced in a written sign, (5) analyze the relationship of phonological awareness with the signwriting texts production, (6) analyze the structure of a text produced in signwriting considering aspects of cohesion and coherence. These goals contribute to the learning of that referred writing and reading, as well in the analysis of the observations and researches conducted through questionnaires administered in the mentioned categories, while in the classroom. From the results obtained, we identified important elements such as: text organizing, facilitating communication of readers, relevant answers, and especially the creative output of each individual which contributed to achieve the main specific goal of this dissertation, that is the form and method of the ludic to be adopted in the literacy of people in "SignWriting."

Keywords: Writing. Reading. Phonological Awareness. Textual process.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Representação dos números em Escrita de Sinais.	31
Figura 2 –	Baralho das Configurações de Mãos desenvolvido por Pimenta.....	33
Figura 3 –	Sinal de acidente incorreto.....	34
Figura 4 –	Sinal de acidente fora contexto da outra.....	35
Figura 5 –	Sinal de acidente correto.....	35
Figura 6 –	Livro intitulado Mimographie por Bébian.....	40
Figura 7 –	Imagens da forma da mão do livro de Bébian.....	41
Figura 8 –	Símbolos usados por Bébian para registrar o movimento.....	41
Figura 9 –	Imagens usadas por Bébian para descrever os locais de realização dos sinais.....	42
Figura 10 –	Símbolos usados por Bébian para descrever as expressões faciais corporais.....	42
Figura 11 –	Capa de DanceWriting.....	46
Figura 12 –	Capa da tese de doutorado em escrita de sinais por duas autoras surdas.....	58
Figura 13 –	Imagem do primeiro passo.....	63
Figura 14 –	Desenhos de mesas.....	65
Figura 15 –	Escrita de Sinais do sinal de mesa	65
Figura 16 –	Placa em escrita de sinais na biblioteca de Manaus.....	66
Figura 17 –	Escrita de: O lúdico, na camisa, em Escrita de Sinais.....	68
Figura 18 –	Papel com desenhos de passos que indicavam onde encontrar os ovos de chocolates.....	82
Figura 19 –	Jogo dos alfabetos.....	85
Figura 20 –	Escrita de Sinais a palavra “Casa”.....	86
Figura 21 –	Atividade em escrita de sinais a palavra “Casa”..	86
Figura 22 –	Boliche.....	86
Figura 23 –	Número 3.....	92
Figura 24 –	Número 3 e 5.....	93
Figura 25 –	Palma da mão que não é número 5.....	93
Figura 26 –	Dorso da mão que é o número 5.....	93
Figura 27 –	números 2 e 6.....	94
Figura 28 –	Materiais de boliche na Escola Santa Maria.....	96
Figura 29 –	Movimentos para cima e para baixo.....	105
Figura 30 –	Movimentos para frente e para trás.....	106
Figura 31 –	Movimentos para o lado esquerdo e direito.....	106

Figura 32 –	O desenho de um sinal “resposta”.....	117
Figura 33 –	Desenvolvida por Sérgio Júnior, Surdo, e é uma imagem geradora do texto.....	124
Figura 34 –	Em escrita de mão sem ser revisado.....	127

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Meu ou Minha.....	49
Quadro 2 -	Perguntar.....	50
Quadro 3 -	Casa.....	50
Quadro 4 -	Lingüística.....	50
Quadro 5 -	As representações da escrita de sinais.....	68
Quadro 6 -	Frase do número dois em personagens.....	89
Quadro 7 -	Número de dois em tempo.....	90
Quadro 8 -	Representações da escrita dos números.....	90
Quadro 9 -	Exemplos de cobra e cinco.....	108
Quadro 10 -	Exemplos de cobra e casa.....	109
Quadro 11 -	Atividades da consciência fonológica.....	111
Quadro 12 -	O uso da qualidade da escrita à semelhança de português pelos sujeitos surdo e ouvinte ,na atividade final.....	155
Quadro 13 -	A quantidade e o uso com dificuldades nos movimentos após terem feito atividade de consciência fonológica.....	156
Quadro 14 -	O uso de qualidade da escrita à semelhança do português por sujeitos surdos e ouvintes, no trabalho final.....	176
Quadro 15-	O uso de qualidade da escrita com marcação da expressão facial incluindo a sintaxe de perguntas e contexto de espaço, por sujeitos surdos e ouvintes, no trabalho final.....	177
Quadro 16 -	Número de ocorrências das perguntas, no trabalho final dos sujeitos.....	178
Quadro 17 -	Número de usos que indicam dificuldades nos movimentos após uma atividade lúdica, de consciência fonológica ,feita em sala de aula.....	178

SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO.....	25
2.	INTRODUÇÃO.....	29
2.1	Situando o contexto deste trabalho.....	29
2.2	Situando a pesquisa realizada.....	36
3.	PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA INVESTIGAÇÃO.....	39
3.1	Histórico.....	39
3.1.1	A importância da Escrita de Sinais.....	50
3.1.1.1	A escrita.....	50
3.1.2	A Leitura.....	58
3.1.3	Alfabetização e Letramento em Escrita de Sinais.....	63
4.	PERCURSO METODOLÓGICO.....	69
4.1	Natureza da pesquisa.....	69
4.2	Objetivos.....	77
4.2.1	Objetivo geral.....	77
4.2.2	Objetivos específicos.....	77
4.3	Contexto de aplicação da pesquisa.....	77
4.3.1	Instrumentos usados na coleta dos dados na Educação Infantil.....	80
4.3.2	Análise dos dados da pesquisa.....	96
4.3.2.1	Organização de um texto pela aluna da Educação fundamental.....	96
4.3.2.2	Relato da interação com alunas de letras Libras Presencial em 2011.....	103
4.4	Consciência Fonológica.....	105
4.5	Plano dos processos cognitivos para produção: os passos para escrever a escrita de sinais.....	119
4.5.1	Primeiro Passo: Ter conhecimento a importância de escrita e leitura.....	119
4.5.2	Segundo passo: Produções escrita.....	130
4.5.2.1	Análise comparativa.....	155
4.5.3	Terceiro passo: Estrutura de texto.....	157
4.5.3.1	Análise da produção dos sujeitos surdos e ouvintes.....	176
5.	DISCUSSÃO SOBRE OS RESULTADOS OBTIDOS.....	183

6.	CONCLUSÃO.....	185
7.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	189

1 APRESENTAÇÃO

Até os oito anos, eu, Débora Campos Wanderley, surda praticamente desde o nascimento, acreditava que o mundo das letras resumia-se ao universo escolar em que estava inserida.

Foi nessa idade, já alfabetizada, que fui estimulada a escrever cartas para as minhas primas que moravam no Recife, uma vez que sou pernambucana e, devido ao ofício de meu pai que é Médico, que tinha que servir ao exército, ainda pequena, fui morar em Manaus.

Com a finalidade de estimular o meu aprendizado, os meus pais estavam sempre dispostos a levar e buscar as minhas cartas nos correios. Lembro que isso os deixava muito felizes. Por outro lado confesso que gostava muito de ler e escrever estas cartas, admirava a escrita das minhas primas, pois eram bem melhores do que as minhas, mais extensas, traziam muitas informações, com assuntos que aguçavam e vinham ao encontro de minha curiosidade.

No entanto, no conteúdo das cartas havia palavras que não compreendia, por não saber a sua tradução, o que não diminuía o meu interesse pela leitura por serem, as autoras, da mesma idade e pensarem igual a mim apesar de dificultar o entendimento. Algumas vezes que foi necessário, pedi ajuda aos meus pais e minhas professoras e desta forma passava a entender o que queriam me dizer. O texto era sempre prazeroso.

Gostaria muito que as minhas palavras fluíssem como as delas, compondo grandes textos e de fácil compreensão. Para isso procurava as palavras que mais traduzissem de forma espontânea meus sentimentos sem, no entanto, tornar-me prisioneira da gramática com a qual não me preocupava.

Desconhecia completamente a necessidade de correção. Para mim as palavras já estavam prontas e corretas à medida que simbolizavam meu pensamento, se eu as compreendia, elas não estavam erradas.

Minhas primas, que, obviamente, não eram professoras de português, não corrigiam meus erros de escrita e continuamos trocando cartas tranquilamente até o surgimento do email.

Não conseguia entender o porquê, nas aulas de português na escola, pois havia tantas exigências quanto a conjugações verbais, separação correta de sílabas e tantas outras regras gramaticais, que eram muito diferentes da minha experiência prazerosa de leitura e escrita que as cartas me proporcionavam. Era necessário, porém, fazer as provas e para ter um bom resultado, esforçava-me para aprender através da memorização, mas o esquecimento sempre se fazia presente e a memorização uma constante nos meus estudos.

Aos poucos fui percebendo que o meu desenvolvimento na língua portuguesa era facilitado pelas cartas, pois aprendia de forma lúdica.

Outra ferramenta que muito auxiliou no meu desenvolvimento de leitura e escrita foram as revistas em quadrinhos. Mesmo antes de aprender a ler, via as histórias e as entendia com base nas expressões dos desenhos. Com o tempo percebi que as palavras “desenhadas” nos balões dos quadrinhos tinham significados que estavam associados aos desenhos. Apaixonei-me pela leitura dos gibis, que muito me estimularam a conhecer cada vez mais as palavras e me despertaram a vontade de escrever. Eles foram tão marcantes em minha vida que guardava todas as revistinhas que lia e relia o que me deixava muito satisfeita. Tanto que, reconhecendo sua importância, doei minha coleção para a escola de surdos da minha cidade.

Devo grande parte do meu aprendizado de língua portuguesa aos momentos lúdicos de trocas de cartas com as minhas primas, da leitura das revistas em quadrinhos, da leitura dos livros infantis e dos jogos educativos, práticas que cultivo até os dias atuais.

Na escola, é o espaço onde os professores ensinam as palavras novas, com o cuidado de usar as palavras formais e informais em todos os conteúdos com o objetivo de se aprender várias informações possíveis. Isso é diferente na rotina da linguagem falada cotidianamente. Para esse ensino, os educadores ouvintes utilizam-se de uma função metalinguística, com base na língua oral cujas palavras já foram ouvidas em todas as disciplinas em função da escrita. Como surda oralizada, só conseguia entender parte da comunicação informal fora da escola, por interlocutores que sabiam lidar com a minha condição. Na escola, isso só seria possível se tivesse o uso da língua de sinais ou da escrita de sinais.

Na escola, portanto, não conseguia aprender o uso da variante padrão devido a não conseguir entender minhas professoras, que não sabiam utilizar qualquer metodologia de ensino para surdos, o que me trouxe bastantes dificuldades de aprendizado. O uso dessa variante apenas acontecia durante as aulas de reforço que tinha em casa com professores particulares e com o auxílio de meus pais. Na realidade, não me importava muito por não conseguir aprender na escola até que um episódio me despertou para isso. Quando fui morar em Recife, aos dezesseis anos, um parente disse algo que ficou gravado na minha memória: que eu não conseguia ler e entender um livro como um ouvinte conseguia. Esse comentário me afetou tanto que me desafiou a mostrar minha capacidade de aprender. Antes desse fato, tive poucos contatos com a língua de sinais, apenas de forma informal com amigos surdos e em um curso de dez dias com uma professora ouvinte, em São Paulo.

Um ano depois desse episódio, de volta a Manaus, iniciei o curso superior em pedagogia e letras libras. Tive o privilégio de aprender muito em língua de sinais, a qual trata de uma língua de espaço visual, com o status ideal para uma língua a ser adquirida naturalmente como primeira língua de um indivíduo surdo. Graças à língua de sinais, consegui adquirir informações de forma completa, absorvendo conhecimentos profundos e mais do que isso, melhorando a minha autoestima.

Utilizar uma língua natural me estimulou a buscar mais informações e ler mais, também na minha segunda língua. Minhas leituras e interesse no estudo me levaram ao mestrado, onde tenho a oportunidade de ler e escrever cada vez mais.

Mesmo sendo fluente na sinalização em língua brasileira de sinais e tendo boa compreensão de leitura e escrita em Português, me interessei pela pesquisa em escrita de sinais. A motivação nasceu através do tutor da graduação em letras libras, que fez um curso de formação em escrita de sinais, para poder orientar a minha turma durante essa disciplina e me falou bastante sobre o quanto gostou e o quanto era interessante essa escrita. Sempre o admirei, por ser muito inteligente e, mais ainda, por saber escrever e ler em escrita de sinais. Este contato foi determinante para decidir que iria dar continuidade aos estudos da “escrita de sinais” e, ao fim da graduação, iniciei o mestrado,

oficializando assim a minha trajetória na pesquisa sobre a ESCRITA DA LINGUA DE SINAIS.

2. INTRODUÇÃO

2.1 Situando o contexto deste trabalho

A escolha da pesquisa em escrita de sinais deu-se através da minha experiência em segunda língua. Desde a minha adolescência que não notava a importância da escrita, pois era única surda na escola regular, da primeira série até o terceiro grau. Foram quatro escolas em que estudei, pois muitas coisas contribuíram para isso, como o final da infância, a vontade de conhecer um novo colégio e a mudança da outra escola por ter que morar em outro estado. Essas escolas nas quais estudei não tinham intérprete em libras, porque na época não se reconhecia a importância de presença de intérprete e nem da Língua de Sinais. Como tinha dificuldade em escrever na segunda língua, que não é minha língua natural, envolveram-se muitos preconceitos, dentro e fora da escola, em relação à escrita de palavras em uma forma não correta, de acordo com a norma padrão da língua. Muitos anos depois, quando aprendi a escrita, notei que a sociedade dava mais valor para quem sabe produzir e escrever bem, pois esses já estão incluídos em muitas possibilidades de se desenvolver para entrar num mundo competitivo. Esforçando-me para escrever bem na segunda língua, fiz muitas perguntas aos professores particulares, pois tinha dúvidas relacionadas a regras gramaticais e os mesmos disseram que era a única que fazia muitas perguntas comparando aos outros alunos ouvintes. Em 2006, abri os olhos e vi que a Língua de Sinais poderia mudar a minha vida quando vi pela primeira vez, no lugar de acadêmico, onde tinham quatorze surdos, intérprete de libras e ouvintes, no curso de pedagogia¹. Este momento nunca mais esqueci e a vontade só ficava aumentando para estudar, junto com eles, já que uma experiência tão diferente e nova que nunca tive, mesmo sem saber me comunicar na Língua de Sinais. Abandonei o curso de fisioterapia onde não tinha intérprete de libras, corri atrás sozinha, sem me importar com os comentários dos outros, para convencer a diretora Nelly Falcão, que não me permitia a estudar no curso de Pedagogia, junto com surdos, porque aquele período de vestibular já tinha sido encerrado e já tinham decorridos três meses que

¹ Primeiro curso de pedagogia na Faculdade Martha Falcão em Manaus que permitiu a ter os intérpretes de libras e aceitar e ocupar o espaço de Libras. Interessei-me a entrar nesse curso, não foi pelo curso, mas foi por encontro aos surdos que utilizam a língua de sinais e que pudesse a mudar a minha vida para o desenvolvimento no futuro.

o curso tinha iniciado. A luz que Deus me deu foi dizer que poderiam fazer uma avaliação, uma prova de vestibular e provas de todas as disciplinas do primeiro período que não tinha feito. Foi-me dado o prazo para estudar uma semana para realizar e fazer vestibular e todas as provas e, enfim, fui aprovada. Realizei o meu desejo e foi só para me sentir mais viva e ser livre, conforme o meu jeito ser, com a minha identidade junto com outros surdos e foi assim que consegui chegar onde estou agora.

Imaginei que alguns surdos como eu estão sofrendo para se esforçar sem ter conhecimento da importância da escrita do português. Por isso que quero estimular, em primeiro lugar, as pessoas surdas a terem prazer em escrever a escrita como a primeira língua para compreender que é tão significativa dentro da sociedade e também terem possibilidades, com a sua boa vontade, de aprender em outras línguas, como segunda opção.

Antes de apresentar o desenvolvimento da escrita de sinais como primeira língua propriamente dita, considero relevante relatar brevemente o meu histórico de formação como professora e pesquisadora até o momento da descoberta do tema ao qual que me dedico atualmente. Durante a minha formação em pedagogia, fui sempre orientada para o lúdico, como estratégia de motivação para a aprendizagem prazerosa através dos jogos, que é uma coisa séria. Aprendi durante esse curso a reconhecer que os jogos são importantes para a vida em sociedade e contribuem para o aumento da autoestima, embora confesse que inicialmente não me estimulou tanto para aprender sobre a comunidade surda, pois os estudos estavam direcionados à inclusão e a professora não preparava metodologia para surdos, só ensinava para ouvintes. Portanto, formada no curso de pedagogia optei também cursar outro curso, Letras Libras, na modalidade a distância, que tem algumas disciplinas pelas quais me interessei. Foram três disciplinas da escrita de sinais I, II e III, ministradas pela professora Marianne Stumpf que também é minha orientadora atualmente. Somente após cursar as duas graduações, consegui unir as duas referências que julguei principais em minha formação: O lúdico e a Escrita de Sinais. Motivada por esses dois referenciais, iniciei a minha pesquisa do mestrado.

Em 2007, trabalhei como estagiária sem formação em duas faculdades para visitar e orientar a formação de professores no sentido

de trabalhar a inclusão na educação dos surdos. Um dia, visitei uma sala de aula, da prefeitura, onde havia dois alunos surdos convivendo diretamente com alunos ouvintes. A professora sabia pouco de libras, pois tinha apenas um curso básico de libras. No momento, os alunos estavam aprendendo a escrever e ler símbolos, no caso, os números, que era o plano preparado pela professora, porém eram os símbolos de português padrão. Uma aluna surda, que sabia libras, sinalizava enquanto lia os símbolos dos números 1 até 10, já o outro aluno surdo não sabia sinalizar. Esse aluno costumava esperar ajuda da amiga (a outra aluna surda), como se fosse receber uma imitação da repetição. Tentei enfrentar um desafio pela aprovação da professora para mudar a visão dele de dependência e comecei a apresentar os números em escrita de sinais (figura 1) sem ensinar. Ele conseguiu acompanhar a leitura e sinalizar ao mesmo tempo sem ajuda. Eu mesma fiquei impressionada, pois não esperava que ele fosse aprender a ler de uma forma tão rápida, no primeiro dia. Esse fato fortaleceu ainda mais meu desejo de trabalhar com a escrita de sinais.



Figura 1 - Representação dos números em Escrita de Sinais

Enquanto cursava Letras Libras no pólo UFAM (Universidade Federal de Amazonas), tive oportunidade de ser a primeira voluntária para monitoria da disciplina em Escrita de Sinais II para os alunos no pólo UFAM. Isso me motivou ainda mais a melhorar a escrever e ler, tirando as dúvidas dos meus alunos. Também tive outras oportunidades tais como: curso de escrita de sinais para ouvintes que já

aprenderam a Língua de Sinais, trabalhar como primeira professora da escrita de sinais na prefeitura municipal de Manaus, que considerou com o projeto de Escolas de Referência elaborado pelo C.M.E.E, Complexo Municipal de Educação Especial, que atende ao Capítulo V e VI da lei 5626 que estabelece como princípio fundamental para a Educação de Surdos a formação de classes bilíngües. Nessas classes atuarão, necessariamente, instrutores e intérpretes da Língua de Sinais Brasileira, através de Atendimento Educacional Especializado, para que os alunos surdos em classes bilíngües, de Escolas da Rede Municipal, que perpassa também pela inclusão de LIBRAS como modalidade lingüística. Assim, espera-se que esta educação possas ser consequente e efetiva decorrente de inúmeras providências a serem tomadas, a fim de que garantam aos surdos não só o acesso aos espaços do ensino comum, mas que represente um momento histórico inovador e transformador inscrito como avanço no conhecimento sobre a escolarização desses sujeitos rumo a construção da cidadania prevista pelo memorando 2007, em Manaus.

Fui tradutora de português escrito para escrita de sinais em decorações em festas de amigos e vários materiais de mensagens, como em camisas, cartazes, quadros e textos que foram pedidos pelos meus amigos. Tudo isso foi feito através da escrita de sinais, porque acham que a escrita de sinais faz parte da cultura surda, pois ela é tão premente e necessária em nossa vida. Tem um real significado para o nosso ser. Todas essas oportunidades surgiram a partir de meus estudos e aperfeiçoamento na escrita de sinais.

A Faculdade de Martha Falcão, onde me formei em Pedagogia, tem um interprete de libras para acompanhar a inclusão dos surdos e foi a primeira faculdade particular que aceitou essa proposta. Após concluir a graduação em Pedagogia, em novembro de 2009, resolvi residir sozinha em Florianópolis para cursar, inicialmente, como aluna isolada disciplinas do mestrado em lingüística, porque na UFSC há pesquisas nas áreas de Língua de Sinais (PGL e PGET com acompanhante dos interpretes de libras). Comecei também a trabalhar como bolsista e tradutora da escrita de sinais no glossário e tradutora/atriz em textos português para Libras no ambiente virtual de ensino aprendizagem (AVEA) e provas no curso de Letras Libras, em cujo curso era aluna. Por ter mudado de cidade, tive que fazer transferência do curso de Letras Libras que ainda estava cursando no pólo UFAM para o pólo da UFSC. Depois de um semestre como aluna

isolada e desenvolvendo diversas atividades ligadas a curso de Letras Libras, participei do processo seletivo do programa de pós-graduação em Linguística e fui aprovada para cursar o mestrado 2010.2.

No primeiro semestre como aluna regular do mestrado (2010.2,) atuei como monitora da disciplina de Escrita de Sinais I do curso Letras Libras presencial de 2010 na UFSC, uma sala inclusiva que têm surdos e ouvintes fluentes em Libras. Desenvolvi uma atividade na qual os alunos deveriam usar um baralho com imagens das configurações de mãos (figura 2). Ao pegar uma carta, cada aluno deveria escrever a configuração de mão em escrita de sinais. O objetivo era realizar um exercício de fonética.



Figura 2- Baralho das Configurações de Mãos desenvolvido por Pimenta

Mas a atividade não transcorreu como eu planejei, os alunos se animaram e queriam que cada um criasse um sinal com significado em escrita de sinais. Esse não era o objetivo inicial, mas logo que aceitei essa mudança na regra, eles demonstraram uma aprendizagem ainda mais rápida do que eu esperava.

Os alunos sentiram-se motivados a criar novas regras e, com o envolvimento na atividade, tiveram espaço para criatividade participando com prazer de apostar quem escreveria corretamente. Fazem sentido as palavras de Lilian Passarelli, (2004, p. 24):

O aluno cria um novo saber, porque cada um tem o seu universo e constrói seu modelo; o fazer do estudante é tal que. Enquanto opera, inventa o que deve fazer e como deve fazê-lo. Assim, a produção de um texto, tendo como ponto de partida um modelo, não implica reproduzi-lo ou imitá-lo, mas sim (re)criá-lo.

A partir disso, em outro dia da aula, apresentei um seminário que tinha uma escrita de sinais com os erros. Instiguei os alunos a me ajudarem a corrigi-los, pois queria que eles realmente aprendessem. Eles discutiram sobre a forma correta. Um aluno levantava para corrigir e outro para ajudar. Eu coordenava as ações perguntando se estava correto e mostrava a leitura do sinal que eles estavam corrigindo. Quando eu mostrei uma interpretação errada do sinal que eles estavam corrigindo, eles se esforçaram para corrigi-lo até acertar. Foi uma experiência gratificante mostrar um sinal e eles corrigirem, demonstrando que essa estratégia é suficiente para aprenderem participando ativamente do processo de ensino-aprendizagem. Quanto maior a participação, mais o aluno aprenderá e será mais fácil lembrá-lo fazendo a conexão da atividade com a aprendizagem. O trabalho deve surgir de forma espontânea e guiado com sabedoria para favorecer o diálogo entre professor e alunos.

A seguir apresento em escrita de sinais um exemplo da narrativa de um acidente de carro que bateu num muro (Figura 3). Esse exemplo favoreceu muitas discussões durante o seminário realizado em sala de aula:

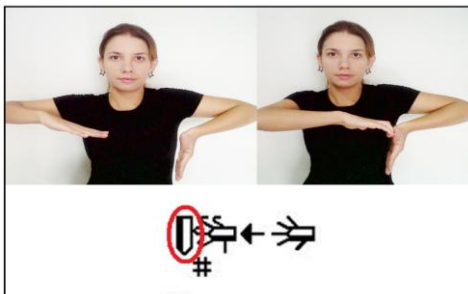


Figura 3 – Sinal de acidente é incorreto (Não se usa essa configuração da mão no muro, ao contrário, de cabeça para baixo) Para transcrever em escrita de sinais, a figura teria que ser da direita para esquerda.

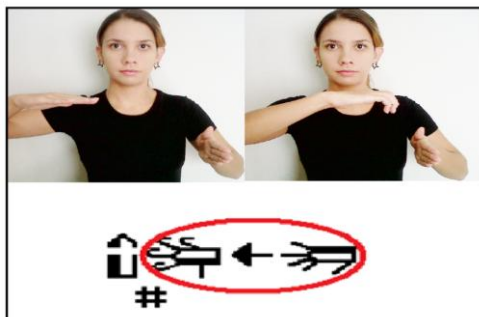


Figura 4 – Após mudar uma configuração da mão para a forma correta, tem outra configuração da mão que está fora contexto da outra.

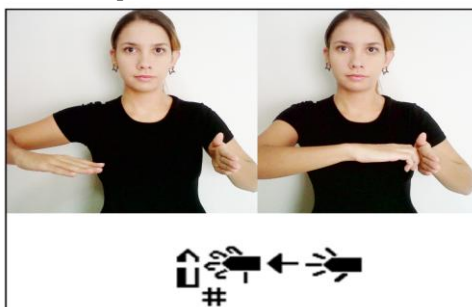


Figura 5 – O sinal correto de acidente de escrita de sinais.

Ao perceber que na minha vida surgiram muitas oportunidades para trabalhar com a escrita de sinais, me habilitei e fiquei querendo mais para aumentar essa escrita de sinais que é mais organizada e que pode se preservar para sempre.

Trabalhando como monitora de Letras Libras ou professora na Escola da Rede Municipal antes de fazer mestrado, eu tinha que despertar ou desenvolver a faceta criativa dos alunos em relação à produção textual escrita. Meu desejo era que eles se desenvolvessem com minha ajuda e pudessem naturalmente ler ou produzir textos a partir do uso de sua própria criatividade. Era o meu novo desafio.

Nem todas as atividades propostas pelo professor despertam interesse nos alunos. Quando ocorre desinteresse, o professor precisa reagir rapidamente, modificando sua estratégia para despertar a participação de todos.

2.2 Situando a pesquisa realizada

Inicialmente, o projeto de pesquisa apresentado limitava-se a averiguar o uso de materiais lúdicos que pudessem servir no ensino da escrita de sinais. Minha orientadora sugeriu, no entanto, que a análise focasse também no processo de aprendizagem, incluindo as produções escritas e as relações afetivas.

Segunda ela, a pesquisa poderia contribuir dessa forma para o novo campo de estudo da pedagogia bilíngue para surdos, já que propostas como essas são praticamente inexistentes no trabalho de ensino de escrita de sinais de forma lúdica e poucos trabalhos existem para o ensino de língua portuguesa de forma lúdica, podendo citar, por exemplo, o trabalho de Passarelli (2004), que muito contribuiu para essa pesquisa, em algumas adaptações feitas à escrita de sinais.

Precisava procurar bibliografias que falassem sobre o uso do lúdico no ensino de escrita de sinais, algo que foi muito difícil, pois a maior parte da bibliografia tratava apenas da área da pedagogia, que não é objeto de minha pesquisa. Minha orientadora, no entanto, manteve o estímulo quanto ao tema, apesar de toda minha insegurança e indecisão quanto ao caminho a ser percorrido e pela falta de estudos que fizessem a interface com a linguística e disciplinas do mestrado que estivessem relacionadas com o meu tema. Com base em Rojo (2009) e com o desenvolvimento da pesquisa, percebi que deveria fazer a relação da linguística com a ludicidade através das estratégias metodológicas que estão embasadas na linguística aplicada, de acordo com o livro de Rojo (1998, p. 54):

E o que importa é que toca à alfabetização ou ao processo mais amplo de cognição mais referente da aquisição da escrita, mais razoável seria começar por tratar o que se ocorre e não como questões a serem resolvidas pela linguística, mas como questões que se apresentam como tal também para a linguística.

O próximo capítulo dos principais pressupostos teóricos, que embasam a presente pesquisa, divide-se em três partes. Na primeira – *Histórico* – começarei com um breve histórico da criação em escrita de sinais e o que foi desenvolvido até o momento no Brasil. Na segunda

parte – *A importância da escrita de sinais* – Descreverei a criatividade dos surdos na escrita da primeira língua, que é a língua de sinais, em aquisição de linguagem e as modalidades diferentes em estruturas gramaticais e leitura. Na terceira parte – *Alfabetização e Letramento* – trata como se usa a escrita de sinais no texto com as diferenças entre a escrita de sinais e escrita de português e o que é colocado pela prática social do letramento.

No capítulo de pesquisa, necessitei de usar os principais teóricos na análise que apresentarei no que se refere à consciência fonológica, às teorias da leitura e escrita que remetam processos linguístico-cognitivos. As ideias de vários autores de minha pesquisa foram Cagliari (2002), Capovilla (2001, 2004 e 2009), Cruz (2009), Quadros & Karnopp (2004), Mussalim & Bentes e Stumpf (2005). Na metodologia, Passarelli (2004) foi de grande utilidade, pois fala da relação do lúdico para o processual da escrita.

O primeiro campo onde apliquei esta metodologia de pesquisa foi a Escola do Doutor Fernando Cóser, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, escola de alunos surdos onde é realizado um trabalho pioneiro em alfabetização das crianças em escrita de sinais.

Nessa escola, além do ensino da escrita de sinais em sala de aula, uma das estratégias para o ensino é o uso de placas indicativas nesta escrita, em todos os ambientes da instituição.

O segundo campo foi a turma 2010/2, do curso de graduação em Letras Libras, na modalidade presencial da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, onde oportunistei com a solicitação do Curso de Pós-Graduação para atuar como Estagiária Docente.

Questões de pesquisa:

1. Como as crianças surdas adquirem a escrita de sinais?
2. Quais os elementos que garantem a leitura de um texto escrito em sinais?
3. Como os alunos universitários desenvolvem a escrita de sinais?
4. Quais os processos relevantes para a aquisição da leitura e escrita de sinais?

É importante mencionar que a pesquisa compreende parte das investigações entre as diversas pesquisas atuais que surgiram para avaliar o processo de ensino dessa escrita da Língua de Sinais, já que ela foi criada recentemente. Acredita-se que mais e mais, novas propostas metodológicas para o ensino dessa escrita de Sinais irão surgir voltadas para períodos, níveis e públicos específicos. Essas pesquisas poderão contribuir não só para o ensino de escrita de Sinais, mas para todos os processos de alfabetização e letramento.

No Brasil, há pouquíssimas pesquisas sobre o ensino da escrita de Sinais. Tenho conhecimento apenas dos estudos de Stumpf, (2005), sobre a alfabetização das crianças surdas, de Silva (2009) sobre a compreensão da leitura e de Nobre (2011) sobre os erros da grafia-fonema. Diferentemente, meu trabalho enfoca a questão do processo de escrita e leitura.

3. PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA INVESTIGAÇÃO

3.1 Histórico

A escrita está entre as maiores invenções da história humana, talvez a maior, pois ela tornou a história possível. Andrew Robinson (1995). *The story of writing: Alphabets, hieroglyphs and pictograms*.

O ensino em libras é uma oportunidade de acesso a um ambiente linguístico para adquirir a língua, através da sua língua natural dos surdos e até dos codas² que é a língua de sinais. Preservando a cultura do povo surdo através dos conhecimentos em língua de sinais, associa-se a criação em escrita de sinais, desenvolvendo-se as adaptações ou as produções diferentes na sociedade dos surdos, que sejam respeitados as diferenças culturais e sociais para participar no mundo sem limitações.

Diferente das crenças e mitos que acreditam a língua de sinais é insuficiente e simplesmente um meio comunicativo para viabilizar a compreensão de conteúdos. É muito mais que isso: aquisição como primeira língua da criança leva ter muitos conhecimentos para fora dela, absorve o conhecimento da vida e se conhecer a si mesma.

Esta constatação infere a aquisição da língua um lugar privilegiado não apenas no que se refere ao processo de comunicação, mas também ao desenvolvimento cognitivo. Afirmamos, também, que através da aquisição de um sistema simbólico, como é o da língua, o ser humano descobre novas formas de pensamento, transformando sua concepção de mundo. Tendo em vista estas colocações, torna-se bastante claro, portanto, que propiciar à pessoa surda a exposição a uma língua o mais cedo possível, obedecendo às fases naturais de sua aquisição é fundamental ao seu desenvolvimento. (Fernandes, 2005, p. 18).

² CODAS: Filhos de pais surdos e crescem no mesmo ambiente linguístico e cultura surda. (CODA) é sempre um filho de pais surdos .

As primeiras produções acadêmicas surgiram com os registros históricos sobre a educação de surdos, a partir da segunda metade do século XVIII, principalmente quando ocorreram as motivações através da visão de língua de sinais tais como a primeira escola na França, pelo Abade de L'Épée, o Instituto Nacional dos Jovens Surdos de Paris (INJS).

Em 1857, a primeira instituição que veio atender a educação dos surdos no Brasil foi Dom Pedro II, que tinha um genro e também um neto, ambos surdos. Assim sentiu-se provocado para pensar a fundar uma escola de educação dos surdos. Para isso, convidou Eduardo Huet, surdo, que morava em Paris para se transferir para o Brasil, no Rio de Janeiro. Ele usava a metodologia desenvolvida por L'Épée. Então surgiu a primeira escola dos surdos brasileiros, que teve a influência da língua de sinais francesa – LSF - e, assim, com o tempo, alguns sinais foram alterados para sinais brasileiros. Pode-se comparar com o português trazido ao Brasil pelos descobridores, que sofreu alterações através dos anos para tornar-se uma língua própria no Brasil.

A Escola em Paris trouxe muitas oportunidades e influenciou na primeira fundação da escola dos surdos no Brasil. Sendo assim, em Paris também nasceu a primeira escrita de sinais pelo Bébien por causa do espaço cultural e pela prática social das pessoas surdas.

Conforme relato de Oviedo (2008), uma das primeiras tentativas de apresentar um registro escrito da língua de sinais partiu de RochAmbroise Auguste, apelidado de Bébien, que, em 1875, publicou um livro intitulado *Mimographie*.

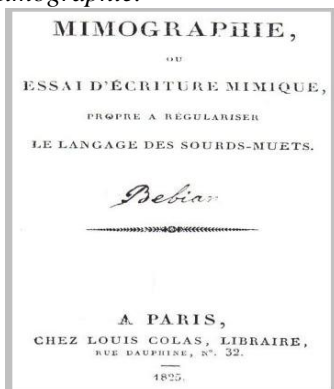


Figura 6 – Livro intitulado *Mimographie* por Bébien

Bébian passou grande parte de sua juventude ao lado do padrinho Roch Ambroise Sicard, que era diretor do Institute Nationale des Sourds-Muets, primeira escola em Paris, onde teve a oportunidade de aprender a língua de sinais francesa e conviver com os alunos e professores Surdos e tornando-se fluente nessa língua de sinais.

Acreditando na importância da língua de sinais e tendo ciência da incompatibilidade do ensino sem um registro efetivo, Bébian teve a idéia de tentar escrever através de sinais, pois antigamente não havia registro por filmadora. Mesmo que os surdos soubessem escrever outras línguas, não é, no entanto, a própria língua que é a modalidade de articulação visual-espacial ou cinésico-visual diferente da modalidade das línguas orais-auditivas, identificadas pelo som das palavras. Assim poderiam registrar suas imagens visuais. Sua escrita era composta por quatro componentes principais.

1 Forma e orientação de mão (Figura 7)

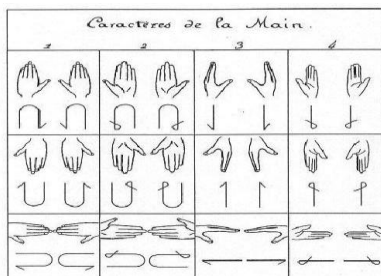


Figura 7 - Imagens da forma da mão, do livro de Bébian

2 Movimento (Figura 8)

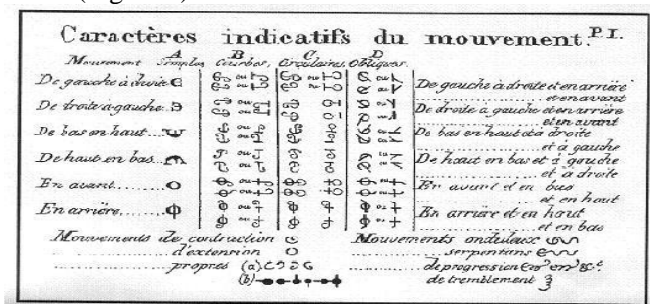


Figura 8 - Símbolos usados por Bébian para registrar o movimento

3 Lugar (Figura 9)

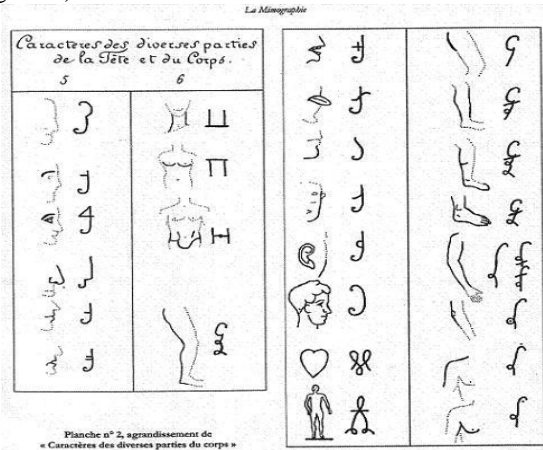


Figura 9 - Imagens usadas por Bébian para descrever os locais de realização dos sinais

4 Expressão facial/ corporal (Figura 10)

La Mimographie

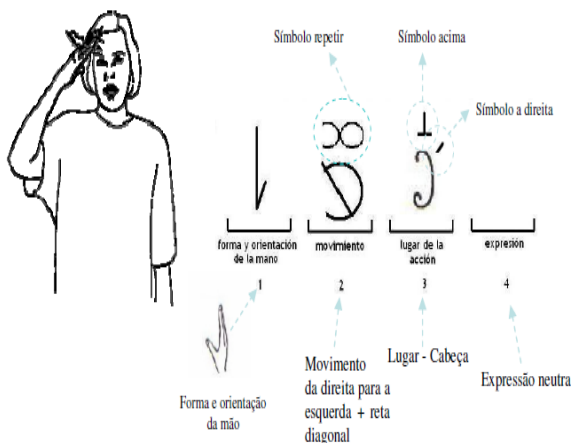
A	q	Exclamation - Attention
B	† b T	Non défini
c	↓ c d	Gaieté - Tristesse
D	} a } } b } } c }	Plaisir - Déplaisir
		Grand plaisir - Grand déplaisir
		Extrême plaisir - Extrême déplaisir
E	∇ e ∇	Attrance - Répulsion
F	↙	Compassion
G	↘ s ∇	Modestie - Orgueil
H	†	Non défini
I	? i ∇	Interrogation - Affirmation
J	† j T	Non défini
K	† k T	Non défini

Planche n° 2, agrandissement et transcription des « Points physiologiques »

Figura 10 - Símbolos usados por Bébian para descrever as faciais/corporais

A invenção da escrita de sinais por Bébian foi de suma importância, porém não foi desenvolvida, pois a forma como é descrita,

já é tão clara para formar um sinal com os parâmetros fonológicos apresentados por Oviedo (2008) o qual trouxe um exemplo de escrita do sinal “Conocer” da língua de sinais alemã:



O crescimento da língua usada pelos surdos calou-se com a proibição da primeira língua de surdos nas escolas, a partir do Congresso de Milão, no ano de 1880. Houve um retrocesso por se colocado os avanços na visão clínica, que fazia a reabilitação de fala e treinamento auditivo, preocupando-se apenas em “curar” os surdos que eram vistos como “deficientes” e não com o objetivo de educar.

Felizmente, depois do Congresso de Milão, após de 100 anos, retomou-se a estimulação da língua dos surdos juntamente com um aumento de pesquisadores na área. Mas, aos poucos, por causa dos colonizadores anteriores de proibição, de não aceitação, por ignorância e de crenças positivas e de tentativas para diminuir a surdez, houve muitas polêmicas sobre educação dos surdos.

Se não tiver o fortalecimento da educação que favoreça a língua de sinais, haverá, conseqüentemente, a demora de produzir mais trabalhos científicos e acadêmicos para o desenvolvimento da sociedade ouvinte. Por outro lado, a escrita de sinais já tinha iniciado no ano 1875, justamente tão próximo no ano 1880, sendo que a idéia do Ambroise Bébíen durou tão pouco e não teve sucesso, mas existia uma possibilidade de um possível um retorno.

O caderno de Leitura e Produção de Textos elaborado pelo professor Tarcísio Leite (2009, p.54), na Licenciatura em Letras Libras, na modalidade a distância, fala sobre o surgimento da escrita.:

A humanidade descobriu uma forma de fazer um registro da língua, isto é, de tornar a língua permanente. As marcas que hoje aparecem no computador e no papel, e que antigamente apareciam no papiro, no barro, nas pedras, fazem com que as palavras da língua não deixem de existir tão logo sejam enunciadas. A língua é capaz de durar, na escrita, infinitamente mais do que na fala.

Dessa forma a escrita se sobrepõe à fala, pois ela eterniza a fala com todos os seus significados e agora perenes através do registro por escrito.

Então, Bébian trouxe esta questão, com o suporte de diversas teorias oriundas de outros países até chegar ao modelo proposto por Valéria Sutton, no qual a escolha da pesquisa se ampara. Portanto, mostro um pouco sobre os estudos que ocorrem no Brasil nessa área, como o sistema ELIS. Existem outros autores e outros modelos mais novos, mas minha pesquisa se ateve até o modelo de Sutton. Cito os nomes de autores a partir de Bébian, que foram seis as notações: Notação de Stokoe (1965), Notação de François Neve (1996), O Hamnosys (1989), O Sistema D'Sign de Paul Jouison (1990), o Sistema SignWriting (1974) e Sistema ELIS (2008).

- O linguista americano, William Stokoe (1965) constatou que na época já tinha o registro de imagem, mas as filmagens eram muito pesadas, grandes e caras. Então viu a necessidade de elaborar uma escrita própria no registro da ASL, que foi utilizado como uma forma alfabética, ou seja, uma tentativa de representação gráfica de cada fonema da língua. Conseguiu comprovar que a língua dos sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças, tornando-se conhecida como o “sistema notacional de Stokoe”. Constatou-se que sem a escrita, nunca se havia percebido que existe uma organização fonológica e morfológica da ASL, cujos parâmetros fonológicos já foram organizados por Bébian. Este autor não foi

divulgado como pesquisador no estudo das línguas de sinais, mas Stokoe se tornou uma pessoa mais marcante nesta área.

Já François Neve é o pesquisador na Universidade de Liège, que teve sua base nos estudos de Stokoe, porém é mais completo.

Hannosys é o estudioso na área, na Universidade de Hamburgo, Alemanha, por Prillwitz, Vollhaber juntamente com seus colaboradores. O sistema foi objeto de diversas versões para a informática e também foi inspirado no sistema de Stokoe.

Outro estudioso, Paulo Jouison, criou um sistema muito elaborado, mas morreu antes de poder explicar completamente seu método. Segundo a Dra. Brigitte Garcia (2000), que recuperou suas notas e escreveu uma tese sobre a pesquisa linguística da Língua de Sinais Francesa – LSF - incluindo o estudo do trabalho de Jouison, a representação escrita proposta por ele não é uma simples notação isolada, mas visa ser uma autêntica escrita.

Enfim, existem duas escritas de sinais aqui no Brasil que fazem parte dos estudos da autora dinamarquesa Valeria Sutton, cuja escrita é denominada SignWriting e outra, a ELIS, elaborada pela autora brasileira Maringela Estelita. Não foi de minha preferencial, pois escolhi a escrita do SignWriting. Iniciei essa pesquisa pelo crescimento que teve em todo Brasil ou, melhor ainda, pelo seu crescimento em alguns países e mais utilizados pelos Surdos. Diferente da escrita Elis, que só se desenvolve apenas em Goiás, no Brasil, com pouca projeção. . A invenção por Maringela Estelita foi pela busca da continuação do sistema da escrita do Stokoe, que acrescentou mais símbolos ao sistema, juntamente com a colaboração de alguns alunos surdos de Letras Libras, em Goiás. Este é um grupo de indivíduos que usa um sistema de escrita linear, da esquerda para a direita, com visual mais reduzido da língua de sinais, porém os parâmetros são os mesmos, tais como: a configuração de dedos, a orientação da palma, o ponto de articulação e o movimento.

A escrita de sinais foi criada e divulgada para o mundo todo por Valerie Sutton, primeiramente como um sistema de notação para registros da dança que acabou se tornando de um sistema de escrita de

sinais e, atualmente, ela é diretora do centro de desenvolvimento DAC³, DeafActionCommittee.

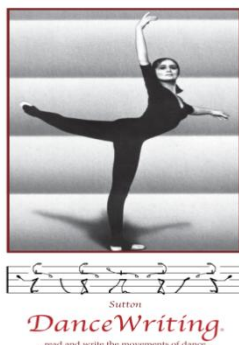


Figura 11 – Capa de DanceWriting

Essa figura é uma capa a qual foi publicada pela autora acima citada, que descreve a escrita de sinais em movimentos, a dança do baile. O sistema de sinais criado por ela é composto por treze categorias: 1 – Orientação e posições de mão, 2 – Tipos de contatos, 3 – Configuração de Mão, 4 – Movimentos de dedos, 5 – Movimentos de braços e apontação, 6 – Expressões Faciais, 7 – Localizações de símbolos de cabeça, 8 – Movimentos de cabeça, 9 – Orientações de olhar, 10 – Movimentos de corpo, 11 – Movimentos de corpo, 12 – Símbolos de pontuação e 13 – Dinâmicas de movimentos. DanceWriting foi inventado e ensinado pela primeira vez no Royal Danish Ballet, em 1974. Naquele mesmo ano, SignWriting começou, na Dinamarca, na Universidade de Copenhague. Assim que se iniciou SignWriting, por sinalizantes surdos, que fizeram pedido e cooperação, os mesmos precisariam registrar o início da história de sua produção cultural e literária em sua própria língua materna.

Para ver uma melhor descrição dos sistemas anteriores adotados e que estão incluídos na defesa de pessoas surdas, podemos

³ DAC: O Comitê de Ação Surdos para escrita da língua de sinais foi fundada por Lucinda O'Grady Batch, e mais tarde foi dirigido por Clark Darline-Gunsauls. O grupo foi ativo de 1988-1998. Pessoas surdas fluentes na Língua de Sinais Americana se reuniram em La Jolla, Califórnia, para preparar livros Signwriting, dicionários, vídeos e software de computador, e apresentar demonstrações de palestras e workshops.

citar Stumpf (2005), Silva (2009) e Nobre (2011), com doutorado⁴ e mestrados⁵, respectivamente. Esses sistemas de comunicação foram mais desenvolvidos em alguns países que mais aceitaram essa proposta, começando assim o aumento de pesquisadores em outros países, como acontece aqui no Brasil. Essas categorias são sistemas visuais que apresentam a forma mais próxima da língua de sinais e, caso se desenvolvam, serão utilizados por muitos anos daqui para frente. Creio que serão desenvolvidas por linguistas, de forma mais econômica, pois pesquisadores já as discutiam toda vez que participam em reuniões sobre o tema. Os critérios desenvolvidos em escrita da língua portuguesa e escrita de sinais são as semelhanças que ocorrem na história de registro, mudanças, discussões e valores para os escritores e leitores.

Ao discutir a história da escrita, foi comprovado que antigamente os que escreviam na primeira língua, foi numa forma do registro visual como viam a realidade e a copiavam ou desenhavam nas pedras. Eram iniciantes que inventaram a comunicação escrita. A autora Creice Barth cita:

A escrita se desenvolveu de várias formas, em um processo gradativo ressignificando a realidade, fazendo-a se relacionar de forma mais próxima com o oral. Num primeiro momento

⁴ Doutorado: Marianne Rossi Stumpf é a segunda surda doutorada na Educação dos surdos no Brasil. Pesquisou o sistema SignWriting através da proposta pedagógica do ensino da escrita de língua de sinais e letramento para crianças surdas, usuárias da Língua Brasileira de Sinais – Libras e da Língua de Sinais Francesa - LSF. O título é Aprendizagem de escrita de sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de Sinais no papel e no computador.

⁵ Mestrados: Fábio Irineu da Silva é pesquisador surdo sobre educação de surdos e escrita da língua de sinais e processos de leitura. Tratou também a compreensão leitora. O autor ainda analisou a coerência e a coesão na língua de sinais e os resultados mostraram que, ao ler em SW, o leitor associa mais facilmente informações novas já adquiridas e demonstra mais habilidade ao interpretar e sinalizar. O título é “Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da língua brasileira de sinais: SignWriting.”

RundesthSimboia Nobre utilizou os instrumentos de coleta por uma entrevista semi-estruturada e uma atividade de produção escrita. O título é “Processo de grafia da Língua de Sinais: Uma análise fono-morfológica da escrita em signwriting.”

com a finalidade de dar suporte às narrativas orais, e depois tendo como função a organização do processo de fonetização, sendo seu objetivo resolver a ambiguidade nos registros gráficos que este processo causara, e de significação das palavras e sons que não poderiam ser transformados ou representados somente através das imagens. (2007, p. 34)

Stumpf descobriu que existe uma escrita simplificada, uma forma de uma escrita mais rápida e que ainda não é divulgada, mas está em andamento através de diversas pesquisas. Cita também o conceito sobre uma escrita simplificada em sinais:

É uma forma simplificada da escrita padrão que exclui alguns símbolos de contatos de maneira a facilitar a redação escrita à mão. A escrita simplificada não é baseada em nenhuma língua de sinais. É um sistema genérico simplificado para anotar qualquer movimento ou posição do corpo rapidamente. Pode ser definido como uma notação estenográfica, onde apenas os elementos indispensáveis a uma decodificação posterior são anotados. (2005, p. 96)

Essa forma simplificada não é do nosso costume, mas por mais que se tente escrevê-la de várias maneiras por indivíduos, ocorrem muitas descobertas, estando na mesma situação dos símbolos excluídos para escrita padrão que trazem as combinações nas gramáticas, podendo, assim, criar naturalmente uma ortografia convencional e bem mais aceita. A escrita é, pois quase que totalmente diferente do fonema na língua oral, onde entra a prosódia e os sotaques. Para o nosso conhecimento da língua sinalizada, a mesma apresenta muitas questões fonéticas, que são diversas em cada região. São detalhistas como, por exemplo, a questão fonéticas na fala de TIO e LIXO. A escrita, no entanto, ficou no registro simplificado, embora se opte por registrar alguns fonemas e por emitir outros, que passam a ser bem aceitos e estabelecidos por convenção para o padrão.

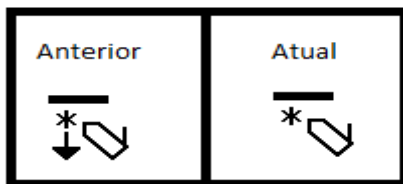
O Alfabeto Fonético Internacional permite descrição detalhada dos fonemas de uma língua falada e um registro preciso das palavras que

resultam de sua combinação, *SignWriting* permite uma descrição detalhada dos quiremas (i.e., do grego *quiros*, mão) de uma Língua de Sinais e um registro preciso dos sinais que resultam de sua combinação. Quando *SignWriting* é usado pela primeira vez para documentar cientificamente os itens lexicais de uma Língua de Sinais jamais antes escrita (como é o caso da Língua de Sinais Brasileira), ele pode ser usado como uma espécie de Alfabeto Fonético (ou Quiremo) Internacional, para registrar cada detalhe (i.e., alóquio) de cada uma das propriedades básicas (i.e., quiremas) que compõem cada sinal. (Capovilla, 2009, p. 73)

Como a escrita de sinais é recente, faz-se necessário registrá-la de forma fonética para a descrição detalhada de sinais em estudos Linguísticos. Mas a mesma objetiva uma comunicação de leitura para entendimento mais rápido pelo Surdo, no dia a dia, quando utilizam a língua de sinais na escrita simplificada.

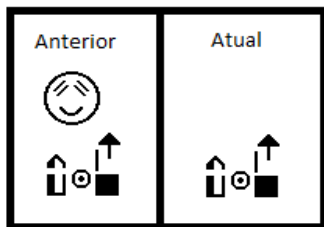
Isso acontece quando os iniciantes, que aprendem a escrita de sinais, se preocupam com a colocação de mais categorias, mas isso acontece só depois que terminarem a disciplina da Escrita de Sinais III, que requer quatro anos de estudos. Os que continuam pesquisando no site, em livros, no ensino nas instituições e em outras atividades, reduzem os símbolos pelo conhecimento adquirido e a tornam padrão sem convencioná-la, pois percebi que a maioria dos que sabem, estão escrevendo iguais pela naturalidade de aceitação.

É um exemplo da escrita de sinais entre a anterior e a atual, que foi excluída, mas as duas estão corretas: Movimento que se exclui para a atual escrita de sinais:



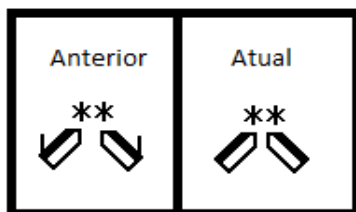
Quadro 1 – Meu ou Minha

Rosto que se exclui para escrita de sinais atual:



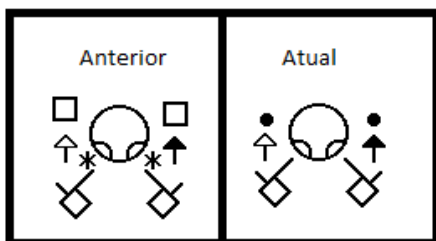
Quadro 2 - Perguntar

Dedos que se exclui para escrita atual:



Quadro 3 - Casa

Configuração de Mão foi substituída por movimento de dedos e exclui os contatos da escrita de sinais atual:



Quadro 4 – Linguística

Cada história que se refere à língua de sinais apresentou muitas oportunidades para o povo surdo, tais como: movimento surdo, cultura surda, arte surda, literatura surda e, enfim, o início da escrita de língua de sinais.

3.1.1 A importância da escrita de sinais

3.1.1.1 A Escrita

Nesta parte abordarei como se deu o desenvolvimento da alfabetização na escrita de sinais no Brasil. Infelizmente, a escrita de

sinais é um acontecimento recente em nosso meio, considerando que o planejamento linguístico na consolidação da escrita de sinais é aceito a inclusão e como tal precisa acontecer na Educação Básica. Se muitas pessoas ouvintes não gostam de escreverem sua primeira língua que tem relação com a língua materna, imaginem os surdos escreverem na segunda língua sem ao menos ter a primeira língua escrita? Vimos o quanto escrever na nossa própria língua, como língua materna, é tão importante para a alfabetização.

A alfabetização para o ensino de surdos começou com a escrita alfabética que não reflete a língua própria dos surdos. A escrita alfabética não tem relação com a língua de sinais, pois as duas possuem estruturas diferentes. Então, a maioria dos surdos se torna um analfabeto funcional, pois não consegue assimilar uma escrita que é resultante de uma língua oral.

Os surdos representam como fracasso a educação que recebem. Poucos chegam ao ensino médio, pouquíssimos à universidade, e contam-se nos dedos pesquisas produzidas por surdos. A maioria, depois de muitos anos de escola, sai dela como um analfabeto funcional. (RANGEL & STUMPF, p.3).

É muita ingenuidade a que o educando é submetido durante muitos anos, aprendendo a escrita que não é sua primeira língua, com limitações na imaginação, sem apoio da outra escrita como primeira língua. São ações puramente mecânicas ao dar-se muita importância à escrita de português de forma não espontânea. É como reforçar sem gosto, com muitos treinos e força. Quanto mais curtos ou mais longos os anos, sem que o aluno desista, finalmente se chega a um alvo, a um objetivo para poder interpretar vários textos de escrita como segunda língua.

Um exemplo desta situação encontramos quando alunos de escolas para surdos fazem demonstrações artísticas de sua potencial capacidade de articular fonemas em palavras e estas em frases e versos. Tais comportamentos robotizados, exibidos pelos surdos a grandes platéias reunidas para testemunharem o sucesso da educação, reforçam a deficiência e geram

expectativas nestes sobre a normalização através da aquisição de uma língua morta (o português para o surdo), mas com poder de domínio cultural. (Lopes, 2005, p. 114)

Muitos surdos sabem muito bem explorar essas informações, trazer informações se expressar, organizar e o que fazer, mas quando chega a primeira aprendizagem na alfabetização de português, alimenta a vontade deles que os impende a escrever, compreender ou interpretar a leitura, mesmo que tenha conhecimento ou capacidades para saberem o que não sabiam, rotulando-os como preguiçosos, limitados ou com pouca inteligência. Assim, pode-se observar a importância que a língua de sinais tem, mas se percebe muitos limites nessa escrita, que é fragmentada, sendo que a abstração está na primeira língua e o registro é feito na segunda língua. Tudo isso limita este registro, que não ocorria da L1 para a L1, mas da L1 para a L2.

Essas duas línguas são totalmente diferentes entre si, pois uma palavra em português pode ser muito diferente a dos sinais. Pode existir apenas uma palavra para vários sinais, dependendo do contexto da situação, como classificadores que o português não tem, porém libras possui. O alfabeto manual, por exemplo, é um empréstimo da língua portuguesa, mas não são sempre a sinalização de libras. Vê-se que as duas escritas, a de sinais e em português também possuem diferenças na prosódia, pois a escrita de sinais pode ter prosódia que ocorre na iconicidade, já o português não tem essa possibilidade e assim fica na ambiguidade. Mas aprendendo as duas línguas, torna-se importante ter base na primeira língua, que é mais aceitável para depois adquirir mais potencial em conhecer e se desenvolver mais rápido na outra língua como segunda.

É importante e fundamentar a representação da escrita própria da primeira língua, ou seja, a escrita de sinais, tendo o apoio de uma cultura própria na qual se possa perceber o profundo sentido da linguagem e vencer, com facilidade e assim ter a possibilidade de aprender outra escrita como segunda língua, que é português.

O domínio da linguagem oral e escrita constitui uma das dimensões do processo da expressividade. O aprendizado da leitura e da escrita, por isso mesmo, não terá significado real

se faz através da repetição puramente mecânica de sílabas. Este aprendizado só é válido quando, simultaneamente com o domínio do mecanismo da formação vocabular, o educando vai percebendo o profundo sentido da linguagem. Quando vai percebendo a solidariedade que há entre a linguagem-pensamento e realidade, cuja transformação, ao exigir novas formas de compreensão, coloca também a necessidade de novas formas de expressão. (FREIRE, 2007, p 28).

Quando há a relação entre a linguagem-pensamento como a expressão de novas palavras, de novos termos e a competência linguística através da experiência e dos contextos em que esta pessoa está inserida é através desta interação que isto ocorre. Os surdos também se desenvolvem a partir dessa experiência com a língua materna. Todas as novas experiências, todas as novidades, todas as vivências que ele vai tendo, tudo isso vai complementando e desenvolvendo a linguagem para que esteja associado à escrita. Quando há uma língua materna, a mesma pode produzir muitas imaginações a fim de que possa falar corretamente e aquele que nunca ouviu falar, combina a formação do vocabulário com a da imaginação escrita como primeira língua. Certamente haverá muitas expressões como em qualquer forma para escrever. Diferente da escrita de português, que é uma forma de aprendizagem e diferente da estrutura da língua de sinais, como já foi explicado, haverá limitações e menos expressões, com muitos erros de gramáticas ou sem idéias na busca de palavras que querem dizer.

Falando sobre a noção de criatividade, Chomsky a descreve como “criatividade governada por regras.

A primeira diz respeito à *língua*, à *competência* do falante enquanto sistema de regras, a segunda diria respeito à *fala*, à *performance*, aos múltiplos desvios individuais que poderiam suceder quando da realização da fala. É a “criatividade governada por regras” que caracteriza a atividade da linguagem como atividade infinita de um sistema de regras.

A primeira diz respeito à *língua*, à *competência* do falante enquanto sistema de regras, a segunda diria respeito à *fala*, à *performance*, aos

múltiplos desvios individuais que poderiam suceder quando da realização da fala. É a “criatividade governada por regras” que caracteriza a atividade da linguagem como atividade infinita de um sistema de regras.

Não se trata absolutamente da idéia de criatividade que diz respeito à criação ou à invenção nas artes e nas ciências, mas da criatividade normal, que faz parte do uso banal e cotidiano da linguagem (Chomsky, 1977, p.92); Associando-se a gramática gerativa, para o autor é uma língua que vem pela competência. Competência é o conhecimento mental que um falante tem de sua língua. É o resultado do desenvolvimento do conhecimento linguístico inato, a partir de sua interação com dados de uma determinada língua. Então toda a gramática é natural, tudo isso está associado à língua. O que ocorre é a questão da competência desse falante, que é um conhecimento inato. E a escrita auxilia no processo de desenvolvimento da própria língua de sinais.

Apesar desses resultados, as pessoas surdas acham que não necessitam ler ou escrever um texto. Já outras negam o direito de ler ou escrever devido a traumas sofridos ao aprenderem, por obrigação, a escrever em português, sem subjetividade, e não associado à língua de sinais. Acham que falar em língua de sinais já é o suficiente para seu conhecimento em relação à comunicação e informações sobre esta língua. São analfabetos que “participam” de uma cultura letrada, por possuírem melhores informações em Língua de Sinais, sem dificuldades de entendimento para abrir a mente do que se alfabetizar. Paulo Freire opina:

O primeiro vive numa cultura cuja comunicação e cuja memória são auditivas, se não em termos totais, em termos preponderantes. Neste caso, a palavra escrita não tem significação. Para que introduzisse a palavra escrita e, com ela, a alfabetização, em uma realidade como esta, com êxito, seria necessário que, concomitantemente, se operasse uma transformação capaz de mudar qualitativamente a situação. Muitos casos de analfabetismo regressivo terão aí sua explicação. Muitos casos de campanhas de alfabetização messiânica ou ingenuamente concebidas pelas

áreas cuja memória é preponderante ou totalmente oral. (2007,p. 22)

Sobre memória auditivas pode-se afirmar que são os olhos que substituem os ouvidos. “A língua de sinais corresponde à minha voz, meus olhos correspondem aos meus ouvidos. Sinceramente, nada me falta. “ Emanuelle Laborit explica que não é necessário ser dependente dos ouvintes para traduzir uma conversa, ou pedir ajuda para telefonar, ou ainda impossibilitada de contatar um médico diretamente, ou ser dependente das legendas da televisão. E relação às legendas, os surdos podem facilmente ter acesso à cultura. Assim não haveria mais deficiência, bloqueio ou fronteiras entre nós. Marianne Stumpf acrescenta:

Há muitas línguas orais que não possuem uma escrita. Seus usuários talvez não sentiram necessidade dessa representação, ou não conseguiram um sistema que representasse adequadamente suas línguas. As comunidades surdas, não são comunidades isoladas, com uma cultura de língua ágrafa, mas participam da vida urbana e do mundo contemporâneo que é cada vez mais dependente da escrita. As comunidades surdas urbanas precisam de um nível adequado de leitura e escrita compatível com a sociedade em que vivem. (2005, p. 47).

Além de garantir a preferência da língua falada como em LIBRAS temos que enfrentar a luta para mudar a visão sobre a escrita para conhecer tanto a si mesmo quanto pelo ato de escrever e desenvolvido com liberdade de ação. Picard, (2008, p. 10) qualifica o ato de escrever como “desejo de se descobrir tanto a si mesmo como aos outros“

A língua de sinais, no espaço da lingüística possui uma gramática e com o crescimento de graduados e pesquisadores , este aspecto foi defendido e comprovado, pois já conhecem a gramática do português e estão inclusos da sociedade ouvinte. Inicia-se então o processo da alfabetização da escrita de sinais como um processo bilíngue, pois a língua brasileira de sinais tem contato com português. Nos Estados Unidos também existe a língua de sinais americana, que tem contato com inglês, pois na língua de sinais americana mexem a

boca e fazem soletrações em inglês. Caso for misturar com português, pode haver confusão como pode acontecer o mesmo em outros países. Diferentemente da cultura dos índios, não quer dizer que eles são analfabetos no país que vivem, pois não estão incluídos na sociedade da cultura branca, pois não conhecem as letras que fazem parte da cultura branca. Eles têm direitos dentro de sua cultura que são diferentes da cultura do cidadão branco.

Há pessoas que acreditam que o contato com outra língua pode atrapalhar o desenvolvimento da memória. São da opinião que os surdos brasileiros não podem aprender a escrever em inglês, porque já estão com dificuldades em escrever no português. Infere-se, portanto, que a escrita de sinais pode estar na mesma situação por ser mais outra língua. São mitos ou crenças. Sabe-se que quaisquer pessoas que aprendem outra língua desenvolvem-se melhor e abrem a mente por receberem muitas informações para tornarem-se flexíveis. Hufeisen, (2006, p. 59) afirma que

Durante muito tempo, pesquisadores acreditaram que muitas línguas poderiam confundir o cérebro. Errado: Quando mergulham em diversos idiomas, [...] [os alunos] aprendem com maior facilidade e rapidez. Alguns especialistas já não consideram o multilinguismo um problema, e sim uma oportunidade.

É interessante vermos como as características da escrita alfabética antiga eram distintas da escrita moderna, comparando com a mesma do falante da língua de sinais e escrita de sinais. Por exemplo, muitos textos escritos antigos mostram que os escritores não marcavam as diferentes partes do texto especialmente tais como: títulos, parágrafos, frases e até mesmo as palavras todas concatenadas uma ao lado da outra, sem espaço, pontuação ou qualquer tipo de marcação.

Percebe-se que isso é uma forma espontânea da oralidade. Será que, antigamente, os falantes não se preocupavam com as unidades gramaticais, como sintagmas, orações e sentenças? Ou será que mudaram para as gramaticais por causa da escrita?

Os pesquisadores da escrita de sinais já desenvolveram e mostraram as propostas de gramática, pois já conhecem a escrita da segunda língua, ao contrário de antigamente quando a mesma não existia. A escrita de sinais tem gramática de sentenças, de coesão, de espaços, de pontuação, entre outras regras.

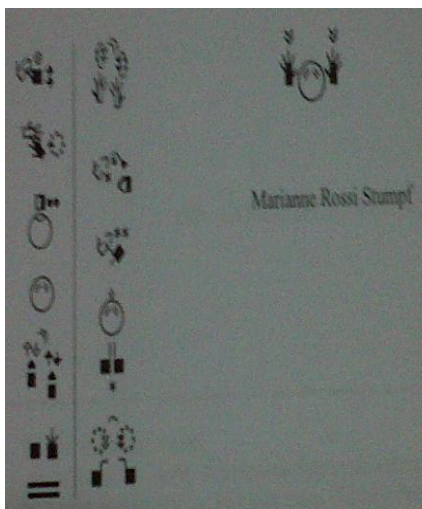
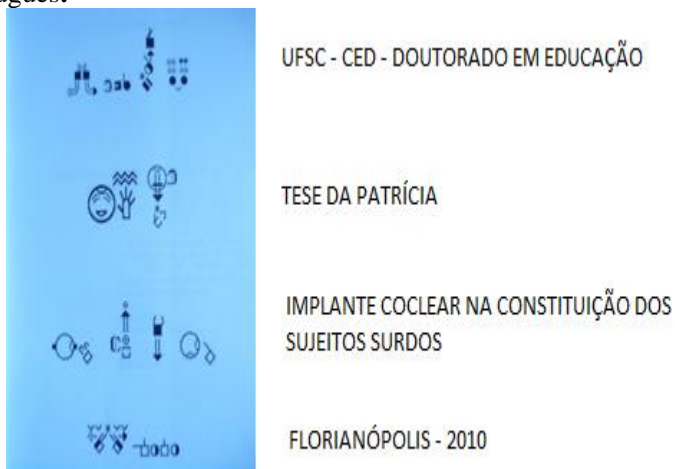
Ao aprender qualquer escrita, focando-se aqui a escrita de sinais, a tendência é melhorar o vocabulário, as substituições por conta de uma formalidade muito grande do sistema em uma gramática bem organizada, excluindo as repetições ou vícios de linguagem que ocorrem na escrita, mas não necessariamente na sinalização da língua. Percebi, a partir dos vídeos, trabalhando como tradutora em língua de sinais para escrita de sinais, a sinalização era fluida, de forma espontânea, com muitas repetições próprias, por alguns autores no glossário de Letras Libras: Por exemplo, por exemplo,... mas, mas, mas... então, então, então,... o que? O que? O que?.. não são boas as organizações gramaticais para escrita. Não consegui transcrever essa língua de sinais para escrita de sinais, pois não se ajustou no contexto, levando em conta a coesão gramatical, senti que acabava corrigindo esta sinalização.

Por isso que digo com mais atenção, precisamos urgentemente escrever utilizando nossa própria escrita conforme a nossa gramática. Quadros afirma que: “O sistema escrito de sinais é uma porta que se abre no processo de alfabetização de crianças surdas que dominam a língua de sinais utilizada no país.” (2000 p. 10)

A escrita de sinais pode enriquecer os sinais⁶ de pessoas, de autores de livros, que pesquisam essa língua. Os pesquisadores, estudantes surdos ou ouvintes, que conhecem os sinais dos autores, não falam os nomes deles e falam tão somente os sinais mesmo que não estejam registrados nos livros ou em artigos. A maioria das vezes, as pessoas surdas, que não conhecem os autores, perguntam: qual é o sinal? Então a escrita de sinais pode se basear a partir do registro de sinais usados pelos autores, em seus livros. São exemplos a Patrícia Rezende

⁶ Os surdos brasileiros se batizam por meio de sinais. Na verdade, é um ritual que acontece quando um surdo ou ouvinte entra no grupo surdo ou passa a ter contato com surdos. Eles olham para pessoa e identificam alguma característica que seja específica da pessoa e lhe dão um sinal.

e Marianne Stumpf, com tradução da escrita de sinais para escrita do português:



Figuras 12 – Capa da tese de doutorado em escrita de sinais por duas autoras surdas.

3.1.2 A Leitura

A leitura alfabética tem relação com o que as pessoas ouvintes já estão acostumadas a ouvir e as surdas, que foram treinadas

em oralização. Para as surdas oralizadas dificulta entender uma palavra nova, ou uma palavra que leu na leitura labial, de fonemas, como V e F ou M e P devido a uma articulação não tão visível, que pode ser confundida por terem articulações semelhantes na mesma leitura labial, porém diferentes na audição o que pode ser percebido através dos sons emitidos.

Os sujeitos surdos oralizados tiveram oportunidades de entender na leitura da escrita cada palavras diferente, com fonemas característicos para depois poder comunicar-se, lembrando-se da memória visual em que foram treinados ou aprendidos através da escrita. Este que é um caminho melhor do que entender diretamente a leitura labial sem conhecer palavras. Assim, as pessoas sinalizadas teriam menos problemas do que os oralizados, porque leem o alfabeto sem dificuldade para entendê-lo. Isto não se dá normalmente com todos os sinais lexicais de LIBRAS, mas é mais forma rápido do que pegar um papel e escrever.

Da leitura para escrita é a melhor forma para ajudar as pessoas surdas em conhecer as palavras de português, devido a problemas de audição, do que produzir e escrever. Conforme Capovilla& Sutton:

Esperar que uma criança Surda consiga ler e escrever no código alfabético com a mesma naturalidade que a ouvinte é tão absurdo quanto esperar que um ouvinte consiga escrever os sons da fala fazendo uso de notas musicais. Cada tipo de fenômeno a ser registrado requer um sistema de representação escrita apropriado: Notas musicais para música, alfabeto para língua falada, SignWriting para Língua de Sinais. (2001, p. 1505)

Há uma relação distintiva entre os ouvintes e surdos referente à leitura de português. Os ouvintes reconhecem o que foi ouvido e os surdos reconhecem o que foi memorizado de forma visual até poder compreender naturalmente. Assim:

A leitura da escrita alfabética pela criança ouvinte resulta na produção da imagem fonológica familiar das palavras que ela está acostumada a

ouvir e a pronunciar durante a comunicação com outros (i.e., o falar) e consigo mesma (i.e., o pensar em palavras). (Capovilla, 2001, p 1505)

Onde estará a capacidade de produção da imagem fonológica familiar para crianças surdas? Será permitida a escrita de sinais que é uma forma registrada direta dos sinais com parâmetros fonológicos. A tal da limitação alfabética não é por ser o sujeito surdo, pois é obvio que isso não foi feito para eles. Capovilla acrescenta que:

Tal limitação não é do Surdo, mas de um sistema que, embora excelente para ouvintes, simplesmente não foi feito para ser usado por Surdos. O Surdo só poderá tirar plena vantagem das propriedades quirêmicas de sua Língua de Sinais quando os sinais lexicais dessa língua emergirem diretamente dos mecanismos de Leitura, como as palavras do ouvinte emergem do texto. (2001p. 1506)

Assim, a capacidade de ler deve ter a mesma continuidade com relação à escrita em primeira língua, que não muda o conceito da necessidade de uma outra língua. É uma forma acertada para se unir a língua materna e a cultura como primeiro passo em um processo de aprendizagem, de uma forma mais prazerosa e oportuna. Ainda

A relativa capacidade de um leitor em particular é obviamente importante para um processo de leitura bem-sucedido. Mas também é importante o propósito do leitor, a cultura social, o conhecimento prévio, o controle lingüístico, as atitudes e os esquemas conceptuais, os quais são adquiridos pelos surdos quando em contato o mais precocemente com a língua de sinais. (Silva, 2009, p. 53)

A leitura é tida como a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido. O objetivo da escrita necessita ter uma base na leitura. Assim que ler e escrever são processos estreitamente ligados. Na metodologia utilizada no processo da produção da escrita, muitas vezes que se dá muito mais ênfase à escrita do que à leitura. Lê-se também as palavras sem interpretar o texto ou

se escreve diretamente para entregá-lo, sem revisá-lo se tem coerência ou não, deixando ao professor com dúvidas.

Escrever e ler são duas atividades da alfabetização conduzidas mais ou menos paralelamente. A relação entre as duas, de escrita e de leitura, devem estar unidas como alfabetização e letramento, que não podem ser separados para não ocorrer uma formação defeituosa. Cagliari argumenta que:

A leitura é, pois, uma decifração e uma decodificação. O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem e, finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu. A leitura sem decifração não funciona adequadamente, assim como a decodificação e demais componentes, referentes à interpretação, se torna estéril e sem grande interesse. É falso dizer que se pode ler só pelo significado ou só pelo significante, porque só um ou outro jamais constituem uma realidade lingüística. (2002, p. 150).

Decifração é interpretar um sistema de código para compreender um texto ou escrita, que deve reconhecer primeiro como são as regras desse código em qualquer língua que já está no padrão. Portanto, na escrita de sinais é maior a preocupação por não ter convencionalidade da representação gráfica dos signos de cada sinal em que a própria escrita atua, mas já possui as regras do sistema de código e que, muitas vezes, é mais fonético acreditando-se que este seja o mais correto

Indico um exemplo em português: casa. Com a relação à voz que entra na consciência sem ter convencionalidade ao escrevê-la para ficar bem próximo assim: kasa, caza, gasa, gaza ou kaza ao invés do que já está em padrão de escrita correta que é casa. Se não der importância à leitura depois que escrever mesmo que ainda não seja convencional, pode ocorrer algo parecido com kana, por isso é preciso ler para não se confundir. Isso pode ocorrer na escrita de sinais por não se ter convencionalidade total, mas com o tempo tudo isso pode mudar.

Decodificar é poder interpretar um texto da escrita. Quando se tem mais materiais ou textos de outros autores em escrita de sinais para leitura, isso se desenvolverá de forma individual e se conseguirá organizar a produção das idéias ao escrever. Se uma pilha de sinais gráficos fosse enganar ou confundir, a mesma precisaria ser corrigida para melhorar a decifração e conseguir captar o significado na decodificação.

“Ao conhecimento e opinião a respeito do que leu“ , é preciso acrescentar o que refletiu logo após a leitura. Alguns entendem de uma forma diferente de outra na interpretação de um texto por ter um conhecimento ou uma experiência da vida diferente. Isso varia por não serem homogêneas as interpretações na vida social. Cagliari salienta que:

Para falantes de uma mesma língua, ler um mesmo texto pode gerar interpretações diferentes. Uma criança não lê como um adulto. Sendo de um meio social pobre, não lê do mesmo jeito que uma criança de um meio social rico; nenhuma delas provavelmente lerá de uma maneira que a professora. (2002, p. 151).

Retornando o assunto o mais importante sobre a leitura é que a mesma não pode ser excluída para não levar à frustração e assim continuar escrevendo errado sem saber como a escrita funciona. “Um aluno que não lê aprenderá o resto com dificuldade, e pode passar a ter uma relação delicada, não entendendo muito bem o que esta é nem como funciona” (Cagliari, 2002, p. 169).

Então, o objetivo da escrita é a leitura. Para quem vai escrever só é capaz de fazê-lo se souber ler o que escreve. Assim a leitura trará uma habilidade que precede a própria escrita e que é uma maneira de se aprender o que é escrever e qual a forma ortográfica das palavras. Não se pode sobrepor uma sobre a outra, tem que dar valor a cada uma para não perder o sentido, a criatividade, a reflexão, a percepção e a sensibilidade.

Pude planejar mais atividades para conseguir os objetivos da leitura e da escrita, para as duas, fim de que uma não seja secundária. Criei uma estratégia para revisão, como um processo de reler depois do

escrever, envolvendo a compreensão relacionada à grafia correta, à coerência e à coesão na leitura em escrita de sinais.

É importante refletir sobre o conteúdo da comunicação a distância que tenta descrever a escrita para garantir que a leitura seja adequada e de boa compreensão. É um processo de discussão realizado por um grupo atento em como se escreve e se lê. Com um possível desenvolvimento, é importante estar inserido num grupo que conhece a escrita de sinais, podendo ter um bom desempenho para se tornar independente, de forma individual, evitando que alguém fique com dúvida e com prejuízo de entendimento.

3.1.3 Alfabetização e Letramento em Escrita de Sinais

A alfabetização de surdos, na primeira fase, de como se inicia o processo da escrita é algo que não gera dificuldades. Da mesma forma, acompanhando no mesmo nível os ouvintes, que atingem apenas certo desenvolvimento pois estão aprendendo e treinando. Isto porque aprendem todas as letras e palavras de maneira simples. Portanto, para se chegar à produção de frases, devido às exigências de regras sintáticas e gramaticais, perdem-se por não perceberem ou não terem conhecimento da fonologia e suas combinações, que são influenciadas pela audição.

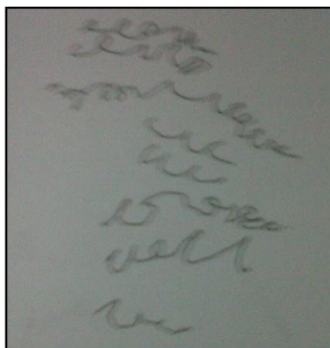


Figura 13 – Imagem do primeiro passo para escrever

Após parar o desenvolvimento, de uma forma natural, como ouvinte, por não ter em acesso à escrita da primeira língua e sem poder fazer conexões da consciência fonológica e entender o que é o sistema no processo de aprendizagem, vale ressaltar e reconhecer a modalidade da língua de sinais, que é visual e diferente da modalidade da língua oral-auditiva. Portanto, a questão da modalidade da língua de sinais não

significa que tudo deva ser somente imagem, pois se isso fosse verdade, não teria nascido a escrita de sinais. Silva acrescenta que:

Na educação e surdos, muito se fala em “visual”, que o ensino deve respeitar a característica visual do surdo. Ocorre que muitos educadores confundem esta característica visual com o uso de imagens. Óbvio que os dois termos relacionam-se, mas não se resume um ao outro, deve-se ir mais além e tentar decifrar como é processada a informação na mente/cérebro de uma pessoa que se apropria do conhecimento, principalmente pelo canal ocular. (2009, p. 52).

Com o poder e a valorização dados à língua de sinais, nasce a escrita de sinais, pois com sua evolução pode-se chegar a equipara-se à língua oral, apesar das sua modalidade diferente. Ressurge também a alfabetização com o objetivo de conhecer como é o sistema da escrita, do processo, do método, de regras e do conhecimento da produção e da leitura.

Temos trabalhos definidores de Ferdinand de Saussure que se revela no ato de escrever e mostra a relação do signo linguístico como a união indissolúvel de um significante com um significado. O significante é uma palavra abstrata, o que se entende o que se ouve (língua oral) ou se vê (língua de sinais) sem que se veja a imagem. O significado é o que se entende de um conceito principal através de um significante no pensamento da linguagem. De acordo com Ferreiro:

As escritas de tipo alfabético (tanto quanto as escritas silábicas) poderiam ser caracterizadas como sistemas de representação cujo intuito original – e primordial – é representar as diferenças entre os significantes. Ao contrário, as escritas de tipo ideográfico poderiam ser caracterizadas como sistemas de representação cuja intenção primeira – e primordial – é representar diferenças nos significados. (2001, p.13).

Cada vez que sinalizamos palavras, sentenças ou discursos inteiros, estamos designando conceitos.

É importante reconhecer que a escrita de sinais não é como a ideografia⁷ que representam o objeto concreto com o desenho. O sistema da escrita de sinais já acompanha o que a língua de sinais oferece e o que comunica através da abstração. Por exemplo, quando apontamos “mesa”, esse objeto tem várias formas como círculo, quadrado, retângulo e diferentes características como comprimento, podendo ser pequeno ou grande.

No sistema ideográfico, o desenho pode mostrar a forma que o objeto representa, mas o sistema da escrita não pode revelar isso. Vejamos:

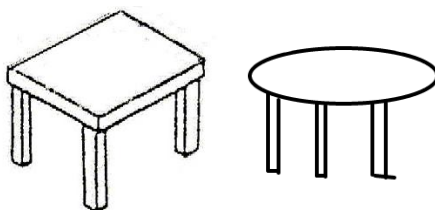
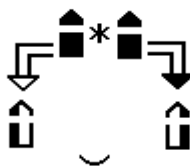


Figura 14– Desenhos de mesas

Temos maior facilidade em perceber a diferença de duas mesas se uma é retangular e outra circular por causa das imagens, mas não é exatamente assim que a representamos na língua de sinais.



mesa

Figura 15 - Escrita de Sinais do sinal de mesa

Essa representação de sinal se parece com um retângulo, portanto quando houver uma mesa em forma de círculo ou quadrado, podemos utilizar o mesmo sinal de retângulo, mas que não será

⁷ Ideografia: Representação direta das ideias por sinais gráficos que são a imagem figurada do objeto.

necessariamente um retângulo, pois é um sistema de significantes por meio do qual podemos entender o que é esse conceito. Assim se diferem os desenhos que podem imitar as imagens.

Abordar o tema da escrita de sinais e do letramento gera muitas polêmicas, uma vez que fora da escola, quase não tem escrita de sinais, o que significa dizer que o letramento para surdos ainda está no seu início. Ênfase que ainda não começou, mas acredito que, futuramente, com as nossas lutas e nossas forças poderemos surpreender o Brasil para que reconheça verdadeiramente as duas línguas: Libras e Português, com o direito de se ter as duas escritas na sociedade. Essa língua de sinais, apesar de não ser universal, já teve um avanço na comunicação mundial. Encontra-se em terceiro lugar, após o inglês e o espanhol, que seguem em primeiro e segundo lugares, respectivamente. Nós devemos lembrar para merecermos respeito, sobretudo, porque os surdos nascem, na maioria das vezes, em famílias de ouvintes. Vivemos em sociedade, em todos os lugares onde trabalhamos e estudamos, existem os ouvintes que se encontram incluídos. Experimentamos dois mundos diferentes e acontece o mesmo com os ouvintes que também tem interesse em conhecer nosso mundo. Por mais que nos surpreendam, alguns ouvintes pesquisam, estudam, já conhecem e são favor ou não a escrita de sinais.

Em Manaus existe a Biblioteca pública do Amazonas, que deve ser inaugurada neste ano de 2012. O acesso ao letramento para surdos e ouvintes dá-se através de placas informativas em cada ambiente, em três escritas: português, braile (uma transcrição da língua portuguesa) e escrita de sinais.

....



Figura 16– placa em escrita de sinais na biblioteca de Manaus

O lúdico pode se tornar o meio de letramento, quando se utilizam textos impressos de uma forma prazerosa, igual ao de atividades divertidas como o descobrimento das palavras através de perguntas e respostas, ou como acontece com as palavras cruzadas, que as pessoas têm prazer de usar quando viajam. Ou como as atividades de pintar e brincar com as palavras, que compramos para as crianças, que são absorvidas por elas e vão se tornando um processo de letramento e de alfabetização, pois ambos não se separam, sempre devem estar unidos. Conforme Marianne Stumpf:

O letramento difere do simples ler e escreve porque pressupõe um entendimento do uso apropriado dessas capacidades dentro de uma sociedade que está fundamentada no texto impresso. Assim a lectoescrita requer um desenvolvimento autônomo e ativo com o texto impresso e destaca o papel do indivíduo no gerar, receber e atribuir interpretações independentes às mensagens. (2005, p. 38)

Podemos começar a trabalhar pelo uso da escrita de sinais nos diversos meios de informação da sociedade. Discordo que estejamos falando somente de questões de acessibilidade, estamos falando do reconhecimento linguístico e respeito à língua de uma comunidade, da mesma forma como os estrangeiros são respeitados no Brasil. Os mesmos têm à sua disposição atendimento em inglês e espanhol e, inclusive, a circulação de revistas em outros idiomas, mesmo sendo a língua portuguesa língua oficial.

É necessário separar as duas formas de se utilizar a escrita de sinais: para representar o alfabeto manual e para as sinalizações. O Alfabeto Manual, representado na escrita de sinais, é utilizado para a soletração de nomes de pessoas e alguns empréstimos da língua portuguesa. Um texto, no entanto, não pode ser representado totalmente pela soletração manual, pois isso não se trata de representação da escrita de sinais por não representar sinalizações. A escrita de sinais permite a representação das sinalizações da língua de sinais. Cito os dois exemplos.



Escrita de Sinais

1°



ESC R I T A D E S I N A I S

2°

Quadro 5 – As representações da escrita de sinais

Tenho feito uma arte gráfica para uma camisa com referência à minha pesquisa, que, inicialmente, representava “O Lúdico em Escrita de sinais“, que atraiu muitas pessoas sendo que algumas conheciam a língua de sinais e outras não. A maioria não está habituada e nem aprenderam o básico em escrita de sinais e tem maior facilidade de ler o alfabeto manual qualquer que seja. Uma frase que coloquei na camisa tinha dois alfabetos: o manual e o de sinais. O alfabeto manual refere-se ao Lúdico por ainda não possuir o sinal de escrita, referindo-se à escrita de sinais por possuir sinal como na primeira a qual apresentei nesta figura. As que liam rapidamente por L-Ú-D-I-C-O e deixavam de lado a de sinal e, por último, os que me perguntavam, dizia que é a escrita de sinais sem ter necessidade em dizer o LÚDICO.



Figura 17 - Escrita de: O lúdico, na camisa, em Escrita de Sinais

4. PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo tem como objetivo apresentar o percurso metodológico seguido na presente pesquisa. Está dividido em seis partes: a primeira trata a caracterização da natureza da pesquisa; a segunda descreve o contexto em que a pesquisa foi aplicada: o local e ensino; terceira parte apresenta os instrumentos usados na coleta dos dados pelas crianças; quarta traz uma análise dos dados da pesquisa; quinta seção mostra a discussão sobre os resultados encontrados.

4.1 Natureza da pesquisa

A presente pesquisa se caracteriza como um estudo de caso. De acordo com Santaella (2001, p. 145), “[...] o estudo de caso se volta para indivíduos, grupos ou situações particulares para se realizar uma indagação em profundidade que possa ser tomada como exemplar.” No caso desta pesquisa, trata-se de uma situação bem específica: individuais das crianças surdas, um grupo surdos e ouvintes brasileiros, usuários da LIBRAS e língua portuguesa, desenvolvendo a escrita de sinais.

Conforme Nunan (1992), no estudo do caso, o pesquisador seleciona um exemplo que represente o fenômeno que está investigando e analisa o modo como esse exemplo funciona em contexto. Nesta pesquisa, dentre poucos surdos e ouvintes que vivem no Brasil e que se comunicam por meio da LIBRAS e do português, já pesquisam e escrevem em escrita de sinais. Apenas duas alunas surdas na Escola Santa Maria e universitários de Licenciatura e Bacharelado na UFSC foram observados da minha pesquisa. Esse grupo foi o exemplo - ou seja, o caso - selecionado para se investigar o fenômeno da aprendizagem e da organização em escrita de sinais. Apesar, que não deu para levar em consideração as condições particulares de todo o grupo de Letras Libras por serem muitos que não serão suficientes para analisar em todos os passos diversos, mas consigo a relação dos resultados similares particulares em geral especiais ao processo da escrita.

Stenhouse (1983 apud NUNAN, 1992) divide o estudo de caso em diversos tipos. Dentre eles, esta dissertação se inclusive com a **pesquisação**. Nesse tipo de caso, o professor é o pesquisador, e o contexto da pesquisa é a sua sala de aula. Ele usa sua condição de participante para coletar os dados. Esse tipo de pesquisa ajuda o

professor a identificar a realidade da produção do que pensava. Entra na relação pela grande iniciativa de ensino-aprendizagem diferente aos alunos surdos, alunos ouvintes, professora e pesquisadora, pois cada uma tem visão diferente e compartilhando um a outro.

Ao cobrir da minha estratégia é analisar a influência do lúdico e atividades para desenvolver a pesquisa nos estudos de casos que trazem o caminho de aprendizagem, desenvolvimento da fonológica, morfológica e sintaxe nos processos de ler e escrever em escrita de sinais. A influência do jogo é uma coisa séria para a melhor qualidade do ensino, é raro que a escola conhecesse a utilizar lúdico.

Muitos alunos declaram não encontrar prazer em escrever. Refletindo sobre algumas atividades prazerosas para surdos: piada, contar histórias, escrever cartas, jogos, conversas, relacionamento amoroso, curiosidade e jogo. Aqui entra mais prioritariamente a questão do lúdico.

Antes de explicar sobre lúdico, muitos alunos perdem o sentido da importância de escrever subtraindo os ânimos de usá-las como algo que valha a pena:

Quando se chega à escola, as pessoas começam a escrever para nada. O aluno começa a escrever porque o professor diz que é para escrever. Ele, então, escreve para o professor [...] sobre o que não quer escrever, ou não está interessado em escrever, e sabe que a pessoa que vai ler não está interessada em ler. (Soares, 1995, p.13)

Soares trata a respeito desta participação dos alunos, nas escolas e tudo aquilo que eles recebem, mas que há ausência de interesse e de prazer nosso, na aprendizagem. O aluno sabe que vai passar por uma perda, e isso provoca um desinteresse, há um corte com relação aos professores. Há muitos estudos sobre essa questão e situam-se no entrecruzamento da História das tradições populares, Filosofia, Antropologia e Sociologia.

No Egito e na Grécia, até mesmo os adultos brincavam, isto é, toda a família fazia parte desse ato de brincar, na educação, no fato de ensinar os ofícios e as artes para as crianças. O primeiro a demonstrar

interesse pelo estudo do lúdico foi Platão, que aponta a importância dos jogos no desenvolvimento da aprendizagem das crianças, principalmente nas áreas exatas (matemática). Vendo com isso, o filósofo Platão já sabia sobre o lúdico, relatou uma estratégia que apresenta um jogo para os alunos de forma que "por trás" da atividade tem intenção de ensinar.

Todo ser pensante é capaz de entender à primeira vista que o jogo possui uma realidade autônoma, mesmo que sua língua não possua um termo geral capaz de defini-lo. A existência do jogo é inegável. É possível negar, se quiser, quase todas as abstrações: a justiça, a beleza, a verdade, o bem, Deus. É possível negar-se a seriedade, mas não o jogo. (Huizinga, 2010, p. 6)

Tratando com relação do lúdico nessa abstração. Há uma dicotomia em todas as coisas e em todas as questões abstratas sempre há o que é e o que não é. Com relação a seriedade você pode focá-la e ter uma ausência de brincadeiras, de lúdico, de prazer, não focado nesse prazer. Mas com relação a brincadeira, você não dissocia ela da seriedade. Ela vai influenciar de todas as formas, porque dentro da brincadeira existem regras, existe criatividade, existe o jogo e o jogo, ele sempre traz os dois caminhos e isto é algo bastante complexo. E ele coloca todas as experiências que existem na realidade, dentro do jogo, elas podem ser vivenciadas.

Sendo que realiza-se por autônoma, o conceito do jogo pode derrubar o de seriedade, uma vez que a seriedade busca excluir o jogo. Diferente que o jogo pode perfeitamente incluir-se a seriedade. Para esclarecer melhor pelo Huizinga: O riso, por exemplo, está de certo modo em oposição à seriedade, sem de maneira alguma estar diretamente ligado ao jogo. Os jogos infantis, o futebol e o xadrez são executados dentro de mais profunda seriedade, não se verificando nos jogadores a menor tendência. O que vale para o riso chama-se cósmico e é compreendido pela categoria da não-seriedade.

Os jogos por dentro tem um objetivo final e iniciam-se com os primeiros passos, planejando, pensando antes, respeitando as regras, mudanças, alternância, sucessão e até que chegue o final. É sua limitação do tempo desse jogo e não no cotidiano.

Os seres humanos não percebem que foram envolvidos na realidade por brincar, criam vários pensamentos de favor e contra em vários assuntos. Esses pensamentos diferentes já estão por trás que estão brincando que se tornam uma coisa séria para que os outros acreditem ou não acreditem, pesquisem, debatem e desenvolvem com o crescimento da história por serem brincadas pelos outros desde que começou foi Deus que brincou para criar isso.

Deus brinca. Deus cria, brincando. E o homem deve brincar para levar uma vida humana, como também é no brincar que encontra a razão mais profunda do mistério da realidade, que é porque é "brincada" por Deus. (Lauand, pg. 1., 2000)

É no mito e no culto que têm origem as grandes forças instintivas da vida civilizada: o direito e a ordem, o comércio e o lucro, a indústria e a arte, a poesia, a sabedoria e a ciência. Todas elas têm suas raízes no solo primevo do jogo. (Huizinga, 2010, p, 7)

Com a metodologia usada pelos jesuítas o lúdico volta a ter um destaque importante, principalmente no estudo da gramática e da ortografia. Geralmente que o desenvolvimento de aprendizagem em qualquer disciplina na educação precisa saber a se separar em usar lúdico para fase adulta e a fase da infância, pois na sociedade Média não existia o sentimento da Infância. Os primeiros sentimentos de Infância tiveram início mais ou menos entre os séculos XVII e XVIII que se fez uma diferenciação entre a fase adulta e a fase da infância, apareceram então novos conceitos a respeito do crescimento da criança, valorizando as características essenciais da infância. Pois o ensino da educação era só na mente dos adultos, colocando-se para crianças que se deu um prejuízo de aprendizagem por falta de interesse e ficarem com dificuldades emocionais, timidez, sustos e medo.

O poder do lúdico na criança dá-lhe o prazer de adaptar à realidade ao seu gosto. Sob a orientação do professor e com o apoio dos jogos, procura-se fazer desaparecer os "medos e os temores", "obter uma maior assimilação do mundo, dos impulsos e das motivações e conseguir uma maior adaptação do mundo, dos impulsos e das motivações e conseguir uma maior adaptação à realidade e uma estabilidade da emotividade", Enciclopédia online (2005). O brinquedo

cria na criança uma nova forma de desejo. Portanto, é necessário que os professores saibam como usar o papel do mediador.

Os jogos e brincadeiras são excelentes oportunidades de mediação entre o prazer e o conhecimento historicamente constituído, já que o lúdico é eminentemente cultural. Por meio da ótica do psicólogo suíço Jean Piaget pode-se notar que a concepção dos jogos não é apenas uma forma de desafogo ou entretenimento para gastar energias das pessoas, mas meios que contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual. (JUY, 2004).

A brincadeira é fundamental para o crescimento do ser humano. Chateau (1987, pg. 14) diz uma criança que não sabe brincar, uma miniatura de velho, será um adulto que não saberá pensar. O homem só aprende a pensar e a se posicionar no mundo como agente ativo de sua sociedade se vivenciou uma infância verdadeira, recheada de brinquedos e brincadeiras, caso contrário já em criança será “uma miniatura de velho”.

A relação de brincadeira, o mesmo autor da pag. 124, confirma que é preciso tomar muito cuidado para que o jogo não se torne apenas um divertimento, desprezando essa parte de orgulho e de grandeza humana que dá seu caráter próprio ao jogo humano.

É preciso ficar atentos quando deixa os brinquedos para crianças ao redor delas. Como elas se entendem, como elas se reagem, como elas se comunicam e os professores podem aproveitar o tempo para interagir ao dialogo com crianças por uma metodologia atrás do ensino com o envolvimento de prazer e bom gosto que as crianças aprendem de uma maneira descontraída. Evitando o desperdício do tempo, quando tem oportunidades para ensinar. E um dos ensinamentos do professor Waldo Wanderley diz que a mediação constitui um recurso eficaz na solução de conflitos originados de situações que envolvam diversos tipos de interesses. É processo confidencial e voluntário em que a responsabilidade pela construção das decisões cabe às partes envolvidas. Diferente da arbitragem e da jurisdição, em que a decisão caberá sempre a um terceiro. “O jogo nos dá a oportunidade de descobrir informações sobre o nosso meio que contribuem para nossa

visão do mundo, e para várias formas de aprendizagens”. (BROUGÈRE, 1998:190).

Através dos jogos, são exercitados aspectos físicos e mentais do indivíduo. Portanto, porque não aprender escrita de sinais para leitura e escrever de uma forma prazerosa, interativa, em que trocamos pontos de vista, conhecemos melhor o outro, convivemos de uma maneira harmoniosa e feliz? Para Georgie Gusdorf (cit. por Bandet e Réjane, 1975) “O jogo é o sal da civilização, é fonte de alegrias, símbolo da reconciliação do destino individual e social”.

Sobre a relação nas teorias de lúdico na Educação Infantil, para Vygotsk (1987), cito sobre a importância para a língua escrita, é uma aquisição de um sistema simbólico de representação da realidade. Também os processos de desenhar e brincar são atividades de caráter representativo, adquirindo aos signos para representar significados.

O desenhar e brincar deveriam ser estágios preparatórios ao desenvolvimento da linguagem escrita das crianças. Os educadores devem organizar todas essas ações e todo o complexo processo de transição de um tipo de linguagem escrita para outro. Devem acompanhar esse processo através de seus momentos críticos até o ponto da descoberta de que se pode desenhar não somente objetos, mas também a fala. Se quiséssemos resumir todas essas demandas práticas e expressá-las de uma forma unificada, poderíamos dizer o que se deve fazer é, ensinar às crianças a linguagem escrita e não apenas a escrita de letras. (Vygotsky, pg.134, 1987).

Existem outros grandes teóricos como FROEBEL (1826), DEWEY (1952) e PIAGET (1973) confirmam a importância do lúdico para a educação da criança.

Para Froebel (1826, p 14), a educação mais eficiente é aquela que proporciona atividades, auto-expressão e participação social às crianças. Ele afirma que a escola deve considerar a criança como atividade criadora e despertar, mediante estímulos, as suas faculdades próprias para a criação produtiva. Sendo assim, o educador deve fazer do lúdico uma arte, um instrumento para promover a facilitar a educação

da criança. A melhor forma de conduzir a criança à atividade, à auto-expressão e à socialização seria através do método lúdico.

Já Dewey (1952, p. 15), pensador norte-americano, afirma que o jogo faz o ambiente natural da criança, ao passo que as referências abstratas e remotas não correspondem ao interesse da criança. Em suas palavras: somente no ambiente natural da criança é que ela poderá ter um desenvolvimento seguro.

Piaget (1973, p.15) mostra claramente em suas obras que os jogos não são apenas uma forma de desafogo ou entretenimento para gastar energia das crianças, mas meios que contribuem enriquecem o desenvolvimento intelectual. Também os jogos e as atividades lúdicas tornaram-se significativas à medida que a criança se desenvolve, com a livre manipulação de materiais variados, ela passa a reconstituir, reinventar as coisas, o que já exige uma adaptação mais completa. Essa adaptação só é possível, a partir do momento em que ela própria evolui internamente, transformando essas atividades lúdicas, que é o concreto da vida dela, em linguagem escrita que é o abstrato.

Conhecendo quais as conseqüências que isso pode ter sobre a relação da criança com a cultura numa perspectiva não mais psicológica, mas antropológica que envolve cultura lúdica.

A cultura é resultada pela experiência lúdica. Ela não é a que acontece pelos indivíduos e sim pela construção da sociedade. A construção é o que se envolve na natureza dos humanos onde vivem da influencia e onde tem interações, já é legitimado do termo de sociologia. Antropologia para lúdicos são utilizados vários tipos depende de cada lugar, por onde os índios que vivem, ao receber os brinquedos de carros, não brincam como os carros se movimentam na rua da cidade e podem brincar de outro tipo como jogar igual das pedras, depende da cultura que eles vivem e transformam nas outras imaginações. Pois a cultura surda também se diversifica conforme o meio social, a cidade e mais o sexo das crianças. É provavelmente que se tem a mesma cultura nas faixas etárias aos quatro anos e aos quatorze anos que não podem ser usados os mesmos jogos. Embora que os meninos e meninas tenham alguns elementos em comum, às vezes surgem grandes diferenças por graças à experiência lúdica. A cultura lúdica como toda cultura é o produto da interação social que lança suas raízes, como já foi dito, na interação precoce entre a mãe e bebê. (Blumer, 196.).

O que se refere por experiência lúdica, assim que quando os bonecos são mostrados para meninos, eles se inventarão de guerra e meninas inventarão de comer e beber. E as adolescentes se inventarão dos relacionamentos amorosos, vida das complicações e compras. Nenhuma delas que se igualam.

O quanto que nenhum os alunos que escrevem se igualam através da minha pesquisa por terem experiências diferentes assim como que cada um escolhem: colocar ou não o assunto de tema, preferir ou não diretamente em escrita de sinais sem pontuações por valorizar a importância das expressões faciais, dar importância ao uso diferente da modalidade visual ou acompanhar as regras da escrita portuguesa. Pelas visões diferentes da motivação ao escrever e assim que vão se construindo de cada grupo separada em todos os gêneros da escrita que foram envolvidos por jogo que criaram as regras para coisa séria.

A sociedade que produz livros, literatura e atividades através dos jogos foram por adultos que criaram e que tem organização por preocupação aos leitores a entenderem, crescendo com a produção e associando pela experiência lúdica que tiveram conhecimento desde a infância e que aprenderam de uma maneira prazerosa a qual que temos vontade para melhoria qualidade do futuro das crianças à escrita. Produziram com carinho e muito afeto, pensando o melhor de todos para distribuir ao crescimento das crianças para chegar adultos.

Na presente pesquisa, temos o caso de um professor-pesquisador que investiga seus alunos – já que eu apliquei algumas atividades na sala de aula, a fim de coletar os dados que serviriam de *corpus*. No início, tive que ler mais o livro de Passarelli (2004), trazendo sobre o lúdico e algumas adaptações da língua portuguesa para escrita de sinais à cultura da língua, de linguística aplicada para trabalhar com alunos acadêmicos. Pois, tem alguma escrita portuguesa não necessita de vídeo e escrita de sinais necessitou para se reconhecer a relação entre a fala e escrever e a relação entre a escrita e a leitura em modalidade de visual. Com o processo da escrita precisa ter interface às outras relações como interdisciplinares.

Enfim, o estudo de caso (inclusive a pesquisação) tem sido utilizado como opção metodológica em diversas pesquisas em linguística aplicada, ajudando a construção dos métodos, das grafias, das

organizações, de padrão, de críticas e conhecimento do conhecimento através de experiência. São os motivos apresentados, trata-se de um tipo de pesquisa coerente com a investigação aqui proposta.

4.2 Objetivos da pesquisa

4.2.1 Objetivo geral

Identificar elementos que constituem a compreensão e a produção dos textos em escrita de sinais.

4.2.2 Objetivos específicos

- Comparar crianças aprendendo a ler e escrever sinais com adultos universitários aprendendo a ler e escrever sinais.
- Comparar surdos e ouvintes universitários aprendendo a ler e escrever sinais.
- Identificar quais os elementos que constituem a leitura de um sinal escrito (as configurações de mãos, os movimentos, a marcação não-manual, a marcação do espaço, a pontuação).
- Identificar quais os elementos que são produzidos em um sinal escrito.
- Analisar a relação da consciência fonológica com a produção dos textos escritos em sinais.
- Analisar a estrutura de um texto produzido em escrita de sinais considerando aspectos da coesão e da coerência.

4.3 Contexto de aplicação da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida em Santa Maria, foram várias viagens de ônibus de Florianópolis para Santa Maria, pois é a única escola mais próxima de Santa Catarina que tem crianças surdas oferecidas em escrita de sinais, e na UFSC tem um curso oferecido de Letras Libras para turma presencial e tem três disciplinas em escrita e sinais, onde oportunistei a pesquisar na terceira disciplina que é um processo para escrita.

Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Coser está trazendo consigo realidades altamente complexas e desafiadoras que ainda são poucos compreendidas. Diferente desde a década de noventa norteou-se por uma abordagem oralista, isto é, pretendia-se que os surdos adquirissem a língua oral, o que equivale dizer, pretendia-se que os surdos falassem o mais parecido possível a uma pessoa ouvinte.

Então a partir de 1990, a Comunidade Surda juntamente com os professores de todo o Estado envolvidos nessa educação, optara, por uma educação que contemplasse o direito do surdo usar sua língua natural, a língua de sinais.

Atua-se na conscientização da comunidade escolar quanto à importância cultural, da identidade surda e da língua de sinais, como primeira língua, e da língua portuguesa escrita no projeto político pedagógico. Mas apesar que a palavra da escrita de sinais não foi aplicada e sempre esteve presente nas aulas de língua de sinais após em 1999, através de um projeto de capacitação aprovado pela Fundação de Amparo ao Trabalhador – FAT, que incluía uma palestra Doutora Surda Marianne Rossi Stumpf sobre o sistema signwriting.

No momento em que estão querendo oferecer aos surdos condições de construir os conhecimentos através de sua língua natural e na língua oficial do país, proporcionaram a eles uma Educação Bilíngue. Assim que vão se desenvolvendo para a melhoria qualidade mais rápido possível e o mesmo direito de aprendizagem igual aos ouvintes sem serem deficientes e por faltar alguma coisa.

Entende-se por isso que, para que surdos sejam bons leitores da língua oficial de seu país, importantíssimo é que sejam ótimos leitores em sua própria língua e, para tanto, ainda mais importante é que se amplifiquem os estudos sobre a forma escrita da língua de sinais para que se permita um aproveitamento cognitivo maior de melhor qualidade. (Silva, 2009, p. 51)

Essa escola da minha pesquisa é envolvida de uma estratégia do uso lúdico podendo a detalhar as interações, apresentando em

observações e analisando as respostas dos alunos surdos. Com a permissão de observação, da emoção, da vontade, da motivação, da aprendizagem, da produção do sistema SignWriting.

As descrições se mantiveram as respostas dos alunos ao escrever e o que organizam na produção que necessitam tanto de ter vontade e ao mesmo tempo para aprender. O objeto de estudo é apresentado para futuros professores que necessitam adotar atividades e saber como usar-los, também compreender a importância da lúdica e iniciar a mediar no trabalho com o envolvimento da melhoria qualidade do linguístico em passos para produção e leituras.

Nessa escola tem poucos alunos, anteriormente eram muitos alunos, hoje em dia eles já foram dispersos, pois passaram a entrar por conta da política de inclusão, então eles passaram a integrar outras escolas e isto ficou bastante limitado. O número de alunos reduziu grandemente.

E no curso de Letras / Libras, na modalidade presencial, é uma proposição para atender às demandas de inclusão dos surdos na educação e da inclusão da Libras nos cursos de Pedagogia, Fonoaudiologia e nas Licenciaturas Universidade, conforme previsto no Decreto 5.626/2005, que regulamenta a Lei de Libras 10.436/2002. O curso de Letras / Libras envolve as habilitações de Licenciatura e de Bacharelado, que visam a formar professores e tradutores intérpretes de Libras, respectivamente.

A fundação do curso de Letras / Libras é bem recente no ano 2006 que foi oferecida na modalidade distância e o curso na modalidade presencial só iniciou-se o ano 2009, já tiveram histórico com a discussão de maior preocupação em poder colocar o espaço da cultura surda e enfim são bem aceitados, pois os pesquisadores que fizeram projeto para ser aprovado da criação são mais experientes e que já convivem muitos anos na comunidade surda. Já preparam as boas disciplinas para informar os conhecimentos de Letras na área de lingüística, principalmente de Libras. Uma delas tem disciplinas de escrita de sinais.

Entre essas duas instituições, antes de aprender a escrever e ler, já tem acessível de comunicação em língua de sinais tendo ter professores que dão aulas e também possuir disciplinas de língua de sinais. Assim que tiveram oportunidades de aprender em escrita de

sinais, tanto sinalizada que chegue para escrita, foram coletados os dados desta pesquisa.

4.3.1 Instrumentos usados na coleta dos dados na Educação Básica

A metodologia proposta foi apresentada com a estratégia através de um aprendizado lúdico e prazeroso até ter busca aos meus objetivos que seriam em como alunas aprendendo a ler e escrever, podendo ter identificação quais os elementos que constituem a produção e leitura em um sinal escrito. O resultado da pesquisa pode oferecer auxílio a futuros professores que necessitam adotar atividades e usá-las no ensino de escrita de sinais, permitindo-os compreender a importância do lúdico no ensino e mediar um trabalho de aquisição linguística de produção e leitura com qualidade.

Apresento em como foi ocorrido no ambiente que observei, transformando para ser pesquisadora com ação para identificar os elementos da escrita e leitura depois de ter sido conhecido e compartilhado com a experiência junto com alunos e professora.

Dia 19 de Abril

Hora: 9:00 até 11:50 e 15:00 até 18:00

Cheguei a Escola de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Coser, situada na cidade de Santa Maria, onde fui apresentada ao diretor surdo Sr. Jeferson, esclareço que anteriormente, já tinha entrado em contato com ele por e-mail para permitir a minha visita a escola, solicitei também que me autorizasse a realizar pesquisas que deveriam ser utilizadas na dissertação do meu mestrado. Ele permitiu e explicou da necessidade de conciliar o calendário, as turmas e a disciplina para assim iniciar a pesquisa através de observações, que seria na modalidade de escrita de sinais e na língua de sinais, o que fui esclarecida pelo diretor que a disciplina de língua de sinais possui duas partes: falada e escrita. Desta forma fui liberada para participar de uma turma do sexto ano do ensino fundamental do turno matutino, pois neste dia estava sendo comemorado o dia da páscoa, e não daria para observar as atividades relativas a escrita de sinais das crianças que freqüentam o turno vespertino, mesmo assim quis ficar e ver o que poderia acontecer e assim aproveitar a oportunidade que poderia surgir.

Depois das explicações e definições de como iria fluir a minha visita a escola, às 9h30min fui apresentada a uma professora

surda, para iniciar a visita a sua sala de aula, neste momento conheci duas alunas que se chamam Ana e Maria.

Ana estuda por muitos anos na escola e neste mesmo dia realizou varias atividades em escritas de sinais, atendendo ao pedido da professora, a atividade abordava três assuntos diferentes com o mesmo tema: “ A Páscoa”.

Maria é novata na escola e não parece interessada na escrita de sinais e assumiu que não fazer algumas atividades, na oportunidade, a professora informou, em língua de sinais, sobre a importância da Páscoa, a simbologia dos ovos de páscoa e do coelho, bem como da felicidade da ressurreição de Jesus Cristo, em seguida pede a Ana para copiar a sua atividade já pronta no quadro branco com a finalidade de interagir com a aluna Maria que apenas observava a atividade de Ana, a professora perguntou para Maria como se escreve correto em escrita de sinais a palavra “homem”, pois Ana havia escrito errado, então Maria foi tentar o correto escrevendo no caderno, mostrando a professora em particular, da mesma forma que Ana, Maria não obteve êxito, tentou escrever de outra forma e nenhuma delas com sucesso.

Quando Ana terminou de escrever no quadro branco, a professora leu e explicou onde haviam erros e em seguida Ana corrigiu o texto. Neste momento após muitas discussões em relação às correções, concluiu-se da grande importância no entendimento da leitura.

Após a hora do intervalo, conheci outra aluna que está quase terminando o ensino fundamental e estava preparando um trabalho sobre a forma didática de uma disciplina que lhe obriga a desenvolver a escrita de sinais, ela aproveitou, pediu ajuda e conselhos a professora, que assim a aconselhou:

- Utilize sempre uma metodologia em que estimule os alunos a participarem das atividades e que chamem a atenção para o assunto que esta sendo no momento ministrado.

- Enquanto tiver soletrações em escrita de sinais nas atividades, entregue-as aos poucos para as crianças surdas, o fundamental de ter o básico, que são sinais que comunicam, pois as crianças têm dificuldade de escrever em soletrações por causa de muitas marcações dos dedos e assim que demoram mais. O ideal de usar muitas marcações dos dedos é para acima de 5º ano.

- Realize muitos jogos e principalmente capriche no VISUAL que é mais atrativo para as crianças.

- Nunca fale: Vá fazer ou Vá escrever, sem ensinar antes. Inicialmente mostre o sinal e depois explique como deve escrever no quadro branco, junto com as figuras a mostra.

- Separe as atividades lúdicas por ano , ou seja uma história política não faz parte do cotidiano das crianças pequenas.

- Não fique apenas ensinando e dando muitas informações, assim as crianças ficam cansadas e desinteressadas, precisam ter tempo para brincar e assim aprender.

No turno da tarde, fiquei admirando as crianças surdas que estavam alegres sinalizando na praça, mostrando os chocolates que haviam ganhado de páscoa na escola, como também observei a forma como interagiam com ele. Em seguida as professoras deram um papel com desenhos de passos que indicavam onde encontrar os ovos de chocolates, também desenhou e colaram figuras em diversos lugares da sala, algumas em escrita de sinais incluíram também o próprio sinal do garotinho.



Figura 18 - Papel com desenhos de passos que indicavam onde encontrar os ovos de chocolates

Conclui que atividades desta natureza servem de motivação para crianças surdas e com ajuda da escrita de sinais poderão adquirir um aprendizado de forma mais fácil, sem ao menos perceber que estão realizando uma atividade direta relacionada ao ensino escolar.

28 de Abril de 2011

Hora: 10:10 até 11:00

Particpei das atividades conforme combinado com a professora surda, e na mesma turma, em que estive no dia 19 de abril, continuaria a observar para daí buscar informações que pudesse auxiliar a minha pesquisa de dissertação, não obtive sucesso, pois as alunas

tinham que escrever as atividades que já estavam realizando no quadro branco e o tempo foi insuficiente.

Hora: 15:00 até 17:30

Conheci uma aluna surda de cinco anos do jardim da escola, ela acabou de chegar, atrasou por causa do ônibus, tem pais surdos, fluente em língua de sinais, possui um pouco do conhecimento da escrita portuguesa e escrita de sinais. Naquele dia fui observar ela, que estava estudando com estagiários ouvintes que a ensinavam em escrita portuguesa e utilizavam as fotos da família. A atividade era cortar imagens da família e colar junto com as palavras, que correspondia aos respectivos nomes das pessoas da sua família.

Eu estava muita ansiosa para ver como eram as atividades em escrita de sinais, foi quando a professora surda chamou uma aluna surda para aprender escritas de sinais. Gostei de ver os materiais utilizados eram do tipo “jogo da memória”, primeiro ela mostrava a figura e dava o sinal para que aluna surda decorasse, depois começariam a jogar, no começo ela ficou animada e acertava os sinais com as figuras, mas depois se desanimou, pois ficava sentada o tempo todo e o jogo da memória ficava repetitivo, mesmo quando eram figuras novas (grupo de animais, grupo de frutas, grupo de legumes e outros).

A Professora me solicitou para substituí-la rapidinho, pois tinha alguém que estava chamando-a com urgência, joguei junto com a aluna surda, mas ela já estava desistindo de ficar jogando a mesma coisa, aprendendo o assunto novo. Peguei um papel branco, escrevi em escrita de sinais e sinalizei que é uma “casa”. Então ela pegou o papel e desenhou uma “casa” acreditei ser um processo da aceitação e prazer em desenhar que pode ser um método para ensinar a escrita de sinais.

23 de Maio de 2011

Hora: 9:20 até 10:00

Retornei a escola em 23/05, ao chegar fui direto para o sexto ano, onde mostrei as atividades por mim produzidas para as alunas Ana e Maria.

Para minha surpresa ao contrário do dia 28/04, Maria foi a primeira a acabar todas as atividades, pois as atividades eram de motivação e brincadeira.

Quando Ana terminou, as duas estabeleceram um diálogo, abaixo relatado:

Maria: Antes você sempre escrevia ou lia rápido, como também terminava primeiro todas as atividades.

Ana: Estou fazendo com atenção e calma, tendo cuidado para não errar.

Maria sentiu sua autoestima elevada por conseguir terminar as tarefas, o que se conclui que esta pode ser uma estratégia para alcançar alunos com características compatíveis com a aluna Maria.

Hora: 15:00 até 18:00

À tarde iniciei a minha observação, realizando uma filmagem com os alunos que estavam no jardim. Lá, estava aquela aluna de cinco anos, anteriormente citada, fiquei observando se o que fazia era lúdico ou não lúdico.

Me dirigi até ela e falei naturalmente em línguas de sinais, já que possuo esse conhecimento, perguntando qual o seu nome, idade e diversas perguntas sobre sua família com a finalidade de nos conhecermos melhor.

Em seguida iniciei as atividades utilizando um quadro com o alfabeto manual, pedi para ela ler e falar em línguas de sinais o alfabeto manual, na leitura percebi que tinha dificuldades de diferenciar o alfabeto manual do português, principalmente na diferenciação do “F” e do “T”, pois ao ler “F” falou “T”, como também ao olhar a imagem do “H” e do “J” e “K” do alfabeto manual, sem movimento, ela repetiu para mim o “H”, “J” e “K” sem os movimentos que as configuram.

Conclui que o alfabeto manual por imagens fica a desejar, pois a imagem não demonstra o movimento e observei que a aluna sem imagens, sinalizava corretamente.



Figura 19 – Jogo dos alfabetos

Em seguida, depois dessa leitura, peguei várias peçinhas quadradas com letras do alfabeto português, para a aluna fazer a conexão com o alfabeto manual, que estava no quadro. A aluna não se mostrou interessada, mas sentia a obrigação de responder e realizar as atividades, porém, mexia os pés na cadeira, mudava muito de posições e reclamou, ficando claro o seu desinteresse.

Apesar de não ter terminado a atividade, resolvi iniciar outra atividade com a aluna, desta vez com peçinhas quadradas em papel com inscrições em “Escrita de Sinais” e “Escrita em Português” impressa e antes de terminar, ela já foi falando: “Difícil”, continuei e separei as peçinhas em dois grupos, o da Escrita de Sinais e o da Escrita em Português, perguntei: Qual o mais difícil? Ela respondeu o da Escrita em Português.

Conclui que apesar de estudar muito mais o Português, prática das escolas, em relação à Escrita de Sinais, percebe-se que a aluna surda percebe ter mais facilidade em entender a Escrita de Sinais, pois é a mesma grafia da sua escrita falada, a Língua de Sinais, porém refletindo sobre o relato acima, tenho a esclarecer que não posso confirmar esta informação como uma verdade absoluta, uma vez que a aluna é bilíngüe nas escritas e ainda acha as duas escritas muito difíceis e não será apenas um exemplo que fará desta afirmativa uma verdade absoluta.

Para melhor definir e lhe auxiliar na aprendizagem, reiniciei outra atividade, onde estava escrito em Escrita de Sinais a palavra “Casa”, não tendo ao lado o desenho correspondente, para minha

surpresa ela logo sinalizou sem eu pedir: “Casa” recorde que a aluna anteriormente tinha aprendido a palavra “Casa” em escrita de sinais, desta forma conclui que ela havia memorizado a palavra, através das brincadeiras e do desenho.

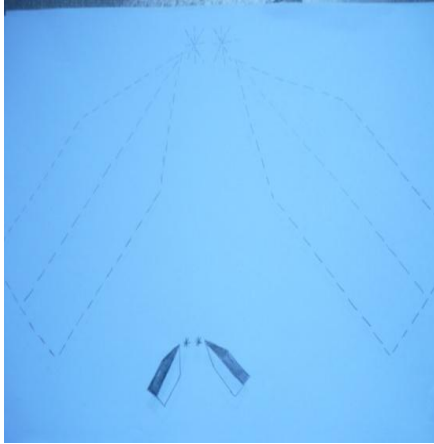


Figura 20 - Escrita de Sinais a palavra “Casa”

Na atividade seguinte ela escreveu rápido em escrita de sinais, porém de uma forma feia, desorganizada e faltando símbolos, mostrando assim que estava cansada e sem vontade de continuar.



Figura 21 – Atividade em escrita de sinais a palavra “Casa”

Os símbolos de primeira linha foram feitos por mim, para mostrar como exemplo e a ela apenas cabia copiar. Percebe-se que na última linha, eu coloquei o complemento do sinal da palavra “Casa”.

Ao início de utilizar com a minha própria metodologia em pesquisa-ação com a estratégia de usar o lúdico para uma criança surda aos cinco anos a ter com boa vontade e interesse de escrever. Assim que criei um jogo de boliche para apreciar a aluna, conseguir-la com boa leitura e escrita.



Figura 22 – Jogo de boliche

O objetivo do jogo era que a aluna aprendesse a ler e escrever os números em escrita de sinais que estavam escritas nas garrafas do boliche, escrevendo aqueles números que tivesse acertado proporcionando assim, com a minha interação com ela, o início do uso da escrita e leitura em escrita de sinais.

É necessário reconhecer, portanto que os números do sistema alfabético e do sistema escrito são distintos e não podem ser confundidos, conforme vemos abaixo:

O seguinte momento importante é quando se faz a distinção entre as letras que servem para ler, e os números que servem para contar. Números e letras já não podem misturar-se, porque servem a funções distintas. Mas o terceiro momento reintroduzirá o conflito: precisamente com a iniciação da escolaridade primária (se não antes), a criança descobrirá que o docente diz, tanto “quem pode ler esta palavra?” como “quem pode

ler este número?”. Que um número possa ser lido, apesar de que não tenha letras, constitui um problema real. Um problema que somente se resolve quando tomamos consciência de que os números estão escrito num sistema de escrita diferente do sistema alfabético utilizado para escrever as palavras. (Ferreiro e Teberosky, 1999, p. 51)

A escrita de sinais desempenha portanto, o mesmo papel do sistema de escrita alfabético. Sabemos, no entanto que a representação pelo sistema alfabético é baseada nos sons da língua oral e que portanto as duas representações escritas, a alfabética e a escrita de sinais, baseiam-se nas suas respectivas línguas cada uma em sua modalidade, que apresentam semelhanças quanto à regras linguísticas. A escrita de sinais não é desenho e nem ideograma, isso pode ser criada uma palavra que represente o símbolo fonético.

Para povos de línguas diferentes que usam os mesmos caracteres para representar os números, não há nenhuma necessidade de introduzir modificações na escrita para ajudar a ler os números: nada terá de ser mudado no número escrito 8 para que se leia “oito”, *ocho*, *eight*, *huit*, etc. (Ferreiro e Teberosky, 1999, p. 51)

Assim como as línguas de sinais que não são universais, mas que são utilizadas por uma comunidade que se organiza em torno de sua língua em cada país, a comunidade ouvinte universalmente busca formas escritas de representar os números e sua função social pode ser vista em qualquer lugar, escrita nos bancos, nos papéis de contas à pagar, nos números de telefone, enfim, os números fazem parte da educação formal na escola. Da mesma forma em língua de sinais, após ter o conhecimento dos números, os surdos podem facilmente associá-los aos sinais e sua escrita, quer seja em língua brasileira de sinais, ou língua americana de sinais, como no exemplo do número 8.

Podemos ter consciência no entanto, que no ensino de matemática não necessitamos fazê-lo em escrita de sinais para efetuar contas de soma, divisão, subtração, multiplicação, como é representado no exemplo abaixo:

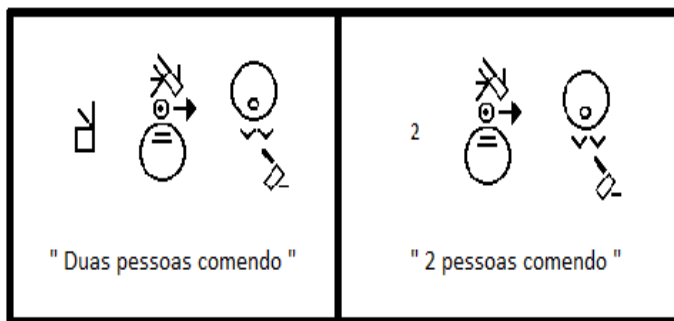
$$\begin{array}{r} \square \\ + \square \\ \hline \text{☉} \end{array} \quad \begin{array}{r} \text{um} \\ + \text{dois} \\ \hline \text{três} \end{array}$$

Devemos continuar a calcular com a representação de números das línguas orais.

$$\begin{array}{r} 1 \\ + 2 \\ \hline 3 \end{array}$$

A sociedade não vai apresentar interesse, para a escrita de números, em uma representação que seja mais trabalhosa do que a atual. Na escrita contemporânea uma tendência forte é a economia e a representação de números de forma ideográfica. Não é necessário que se explore a escrita de sinais na matemática, utilizando-a apenas quando se necessita representar números no contexto de narrativas.

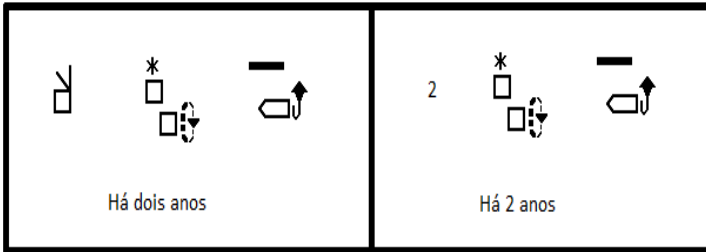
Personagens:



Quadro 6 – Frase do número dois em personagens

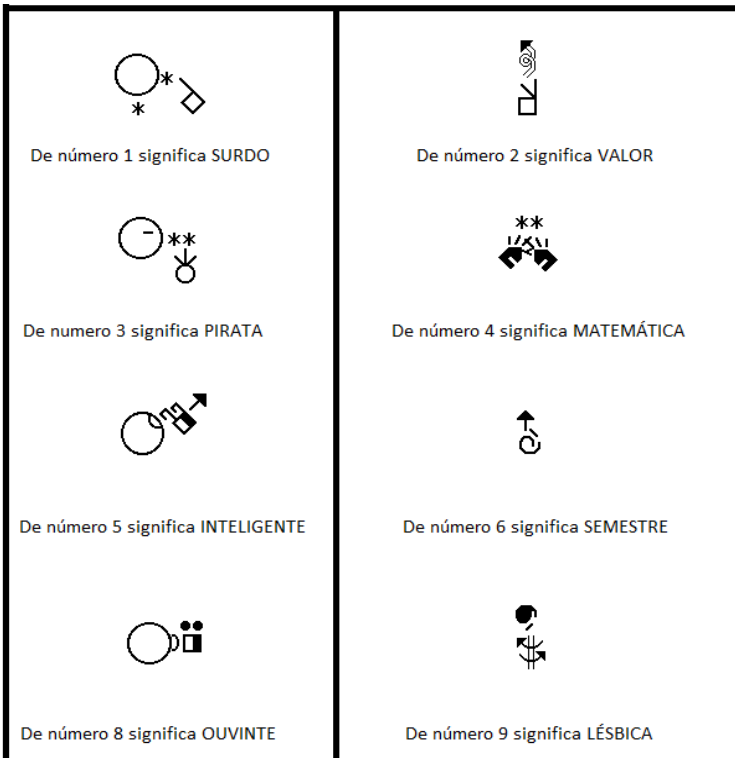
A regra da escrita pela gramática utilizada no texto está correta na primeira frase, sendo que a segunda frase esta incorreta.

Tempo:



Quadro 7 – Número de dois em tempo

As representações escritas dos números em escrita de sinais são a de configurações que podem muito bem representar sinais conforme os exemplos:



Quadro 8 - Representações escritas dos números

Durante a aplicação da pesquisa, percebeu-se a participação da aluna sem apresentar dificuldades com vários tipos dos aspectos afetivos que foram observadas na atividade lúdica: Envolvimento, Concentração, Flexibilidade, Tolerância à frustração, Cooperação, Imperativo e Tranquilidade. Sem ser necessário repetição das regras do jogo, sem ser necessário obrigá-la a participar. Ela se envolveu na leitura e escrita após a observar as adultas participando.

- Jogo com garrafas pets, como se fosse um boliche, nesta hora uma aluna se manifestou e organizou as cadeiras e mesas, ajudando a pesquisadora e a professora. ENVOLVIMENTO E COOPERAÇÃO.

- Quando arrumamos as garrafas numeradas, uma aluna mostrou como o “boliche” deveria ser arrumado, a pesquisadora obedeceu e arrumou conforme o pedido da aluna. IMPERATIVISMO.

- A pesquisadora explicou quais as regras do jogo e a aluna entendeu e jogou a bola em direção as garrafas. CONCENTRAÇÃO E ENVOLVIMENTO.

- A aluna realizou suas duas jogadas e não derrubou nenhuma das garrafas, passou a vez para a pesquisadora, que também errou, a aluna informa: Jogue novamente da segunda vez. IMPERATIVISMO, ENVOLVIMENTO E FLEXIBILIDADE.

Conclusão: As atividades desenvolvidas pelas crianças, quando estão diretamente relacionadas aos aspectos psicomotores, aos movimentos, as suas disponibilidades e as energias naturais das crianças, adquirirão melhores resultados para o aprendizado o que concluímos a conveniência de unir o lúdico a percepção visual e ao desenvolvimento da memória, através de aspectos cognitivos, de uma forma natural, provocada pela atenção.

Continuando: Na próxima rodada é a professora que acertou cinco garrafas, aluna se aproximou para ver quais os números que acertou e falou longo de curiosidade antes que a pesquisadora pegue garrafa para aluna ler: dois. Pesquisadora mostrou a primeira garrafa e também outras garrafas, foi respondida: quatro, dois (mesma garrafa que aluna já tinha lido sozinha ao ver), cinco, um e nove. (**envolvimento**)

A pesquisadora separou todas as garrafas que foram atingidas e a aluna foi até lá e pegou uma que não havia sido atingida, então a professora e a pesquisadora, falaram: “Deixa aí”, pois temos que jogar até acertar todos, assim ela volta e fala: “É minha vez, minha vez, minha vez...” COOPERAÇÃO E IMPERATIVISMO.

A pesquisadora lhe explicou: “São as regras”, anteriormente acertadas, vamos escrever os números das garrafas acertadas na lousa. **CONCENTRAÇÃO.**

O jogo continuou e quando a aluna acertou a garrafa com o número três, a aluna respondeu, antes de ser perguntada: “Três, três, três...” e foi andando em direção à lousa, a pesquisadora explicou que foi a aluna que acertou então será ela que irá escrever, a aluna escreveu bonito, com boa vontade e rapidez. **ENVOLVIMENTO.**

Resumindo: Em seu primeiro passo no aprendizado já demonstrou um acerto. Após observar a professora escrever no quadro branco os números que estavam em escrita de sinais nas garrafas que foram derrubadas, sem precisar que mandássemos a aluna foi ao quadro e escreveu número da escrita de sinais após lê-lo nas garrafas, escrevendo somente aquele número que estava na garrafa derruba, demonstrando que entendeu a brincadeira. Veja abaixo registro fotográfico da escrita da aluna:



Figura 23 - número de 3

Trabalhando com o foco de pesquisa no processo de desenvolvimento na leitura e escrita de sinais da aluna, pude registrar como a aluna conseguiu fazer uma escrita rápida e sem aparentar grande dificuldade.

A pesquisadora foi reorganizar as garrafas e a aluna foi ajudar a pesquisadora. **COOPERAÇÃO.**

A aluna joga e acerta mais duas garrafas, falou com as duas mãos para cima, com a finalidade de chamar a atenção: “Dois, dois, dois...” querendo dizer que acertou a contagem das quantidades de garrafas e logo correu para a lousa que fez o registro do número três sem ser necessário “copiar” a escrita da garrafa, porém teve dificuldades de escrever o número 5, pois olhou várias vezes para o número para poder copiar, depois que escreveu no quadro branco, deu falta do rabisco correspondente ao número 5, achou que já havia finalizado.

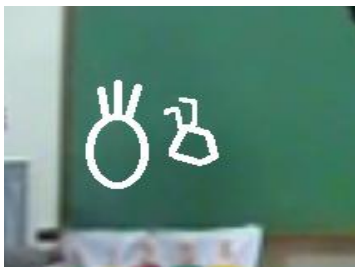


Figura 24 - Número 3 e 5

Veja que o número cinco não foi preenchido conforme o que determina a regra da escrita de sinais para quando o sinalizador está visualizando, na produção do sinal, o dorso da sua mão. Para ilustrar, apresento a forma correta de escrita para as duas visões diferentes do sinalizador ao produzir um sinal. Uma quando observa a palma de sua mão e outra quando observa o dorso.



Figura 25 - Palma da mão que não é número 5



Figura 26 - Dorso da mão que é número 5

Esquecer de preencher a representação escrita de acordo com a regra correta de sinalização é algo muito natural na escrita de

adultos que deveriam preencher a representação escrita completa, no caso de visualização do dorso, ou pela metade, quando a palma da mão está orientada para o lado esquerdo ou direito. Mesmo conhecendo as regras da escrita, esse esquecimento é recorrente entre adultos através na última análise dessa pesquisa.

Na próxima jogada da finalização, ela acertou a garrafa correspondente ao número dois e seis, e sozinha ela falou os números, apagou o quadro, escreveu e etc. Foi quando a pesquisadora percebeu que outra garrafa também havia caído, falou para ela e ela voltou ao quadro, depois apagou novamente, ou seja, foi bastante participativa e com boa qualidade.



Figura 27- números 2 e 6

A outra professora que não tinha observado nesse ocorrido, quando se virou para ver o que tinham escritos, mas já foram apagados. Perguntou: Já escreveu?

Chegou a vez da pesquisadora jogar, a pesquisadora perguntou para a menina se irá acertar ou errar? Ela respondeu: “Errar”. Como aconteceu o contrário a aluna demonstrou uma cara triste. Pouca tolerância e frustração. Depois a aluna mandou a pesquisadora escrever o número na lousa.

Tudo que eu estimulava perguntando: “O que nós temos que escrever?” Então ela respondia: Agora é o numero (mostrando o sinal de número); Vai se escreve o número. Depois começou a fazer sozinha. Ela dizia qual era o número, ela mesma ia até lá sem que eu dissesse nada, ela apagava e escrevia a nova pontuação. Eu dizia que sim e seguia. Ela própria com autonomia foi trazendo isto. E demonstrou muito interesse, assim e quis continuar realmente. E também isto influenciou para que ela trouxesse mais interesse, a partir dessa brincadeira, desse jogo, ela

realmente teve uma produção maior nessa língua escrita, o que auxilia, o desenvolvimento da escrita de língua de sinais.

Após o término do jogo, a aluna perguntou: “Acabou?” Piaget (1964/2001) afirma que quando uma atividade interessa, a tarefa parece fácil, a fadiga e o cansaço diminuem indo ao encontro dos nossos achados”.

Mesmo depois de o jogo ter chegado ao fim, ele permanece como uma criação nova do espírito, um tesouro a ser conservado pela memória. É transmitido, torna-se tradição. Pode ser repetido a qualquer momento, quer seja “ jogo infantil ” ou jogo de xadrez, ou em períodos determinados, como um mistério. (Huizinga, 2010), p. 13.

Em que estava fazendo o trabalho lúdico, as professoras observavam. Quando voltei para Florianópolis, as professoras que residem em Porto Alegre durante o trabalho foi criando a didática dos jogos realizados na escola, onde teve o mesmo jogo, anteriormente citado, foi aceito e repetido para as demais crianças da escola.

A partir dos modelos que eu trouxe no trabalho e uma aluna minha do curso de Letras Libras pediu algumas orientações com relação a isso. Entreguei os materiais de boliche e ela começou a utilizar. Depois me disse que os alunos a pediam diariamente para que essa atividade fosse realizada novamente.

Percebeu-se que a estratégia do jogo de boliche foi satisfatório para a aluna surda em questão e para as professoras. Essa é uma das estratégias que surgem e que pode ser utilizada pelos educadores de diversos lugares e se tornar usual no processo de ensino da escrita de sinais.



Figura 28 - Materiais de boliche na Escola Santa Maria

4.3.2 Análise dos dados da pesquisa

4.3.2.1 Organização de um texto pela aluna surda na Educação Fundamental

Colhi os dados na escola de ensino fundamental de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Coser sobre o entendimento da escrita, a partir de um trabalho realizado por uma professora, durante anos, nessa escola. O intuito era identificar um dos meus objetivos que é constatar como se dá a leitura a partir da escrita produzida pelas alunas surdas, como organizam seus textos e estabelecer algumas comparações com acadêmicos surdos e ouvintes. Isso foi possível executar somente na fase final da disciplina, cuja aprendizagem era mediada por outra professora juntamente com a pesquisadora, num total de três disciplinas. O final da disciplina tornou-se polêmico no que se refere ao uso da produção como forma mais relevante e acessível de comunicação.

Mostrando um texto produzido em escrita de sinais pela aluna surda no ensino

fundamental:



Traduzindo para português em glosas da escrita de sinais:

LEMBRAR MINHA VIDA, SURDA EU NASCI CIDADE SANTIAGO, NASCI SURDA NORMAL ANO 1990, EU BEBE CRESCER SEIS MESES USAR APARELHO JÁ ENTRAR FONOAUDIÓLOGA ATÉ 12 IDADE ESTUDAR MUITO DIFÍCIL NÃO CONSEGUIR APRENDER PROFESSOR.

Traduzindo para frase de português:

Lembro-me da vida, pois nasci surda, na cidade Santiago. Nasci surda normal no ano de 1990. Era bebê, cresci e com seis meses comecei a usar o aparelho e já entrei na fonoaudiologia até aos 12 anos. Foi muito difícil de estudar e não conseguia aprender com o professor.

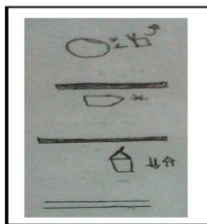
Usei as duas frases em tradução de glosas em português, pelo fato que a aluna surda organiza um texto usando vírgulas e pontuação em escrita de sinais, cuja ordem é muito diferente da escrita portuguesa. A autora surda usou menos pontuação do que se deveria usar na escrita em português, por isso não deu para fazer as adaptações totalmente.

Não sei se a escrita de sinais está incorreta, mas é possível entender a escrita dessa menina. Supõe-se que seja por causa de sua histórica trajetória durante o seu crescimento, na infância, tendo a assistência de uma fonoaudióloga e usando o aparelho. No entanto, tinha obstáculos de aprendizagem nos estudos pela falta da língua de sinais. Foi por este motivo que aluna surda escreveu de forma contínua, colocando a pontuação como se fosse um parágrafo, sem acompanhar as regras da escrita do português.

Mostrarei, em todos os trechos, para identificar, com os levantamentos, o deslize de preenchimento e descrever a forma da escrita e da leitura na escrita produzida pelas alunas. Não terei que explicar o detalhamento em como se forma uma pilha correta, pois não é a minha escolha na área de pesquisa e, para lembrar, que a experiência de escrever a escrita de sinais na educação fundamental é feita por outra professora que trabalha mais tempo com este assunto.

Sabendo que o texto da escrita de sinais ainda não entrou como convencional, no entanto, é possível saber como é que o mesmo se desenvolve e será boa esta oportunidade para valorizá-lo, podendo ser identificado como um processo de escrita para transformar ao mundo.

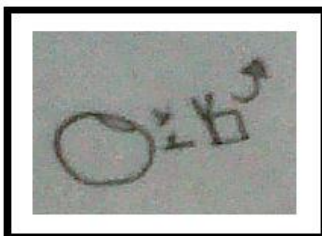
A seguir, veremos como é a escrita representa:



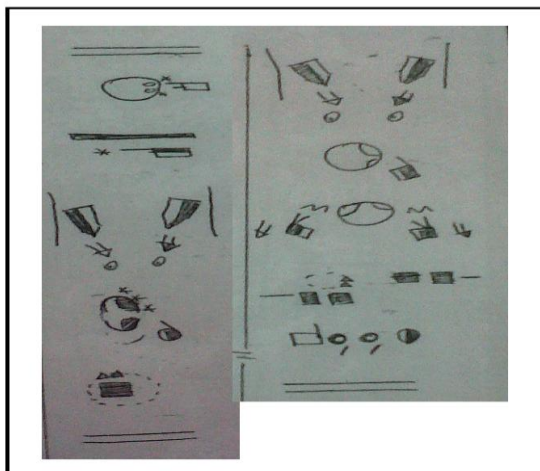
Traduzindo em glosas:

LEMBRAR MINHA VIDA,

Uma frase curta é a que chama mais atenção como se fosse um assunto importante para contar e colocara a vírgula para poder continuar com a trajetória de aprendizagem.



A aluna surda deixou sem preenchimento o uso de parâmetros fonológicos que são a configuração das mãos, do ombro, da locação na cabeça e movimentos que o sujeito consegue organizar. Escrever com a mão no papel, no início, sem ter dificuldades, mesmo sabendo as regras, muitas vezes, acaba deixando sem pintar como acontece com a maioria de sujeitos a partir do que deu para entender na leitura e ainda , além disso, um alerta pela frase curta utilizada e pela vírgula, presente na escrita portuguesa, como se fosse importante para quem irá contar história.




Traduzindo:
SURDA EU NASCI CIDADE SANTIAGO, NASCI SURDA

NORMAL ANO 1990,

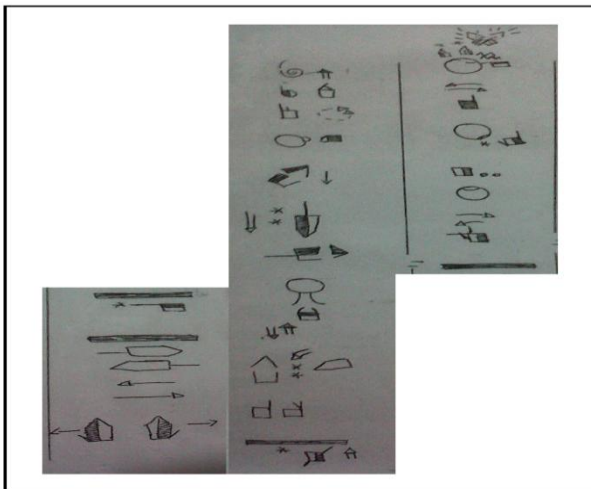
Existem duas frases separadas pelas vírgulas sendo que em cada uma ocorreu o uso de dois sinais diferentes que representam a palavra SURDA. Quis saber o motivo por que os falantes da língua de sinais usam os mesmos sinais como se fossem repetidos. Procurei então, saber qual seria exatamente o significado do primeiro sinal em escrita de sinais, sem ter tradução para o português. A professora, por conhecer muito melhor a aluna, me informou que é o sinal de SURDA.

Comecei a compreender que, apesar de já ter avaliado outros sinais repetidos em outros textos pela mesma aluna surda, a

mesma usa mais o segundo sinal como esse  e pode ser que o erro do primeiro sinal resultou devido à forma de escrever com rapidez, sem a revisão para leitura. Percebe-se que há dois dedos na configuração da mão sendo que um dedo serve para marcar a linha para pintar. Sem querer, houve um deslize que mais um dedo ficou para fora, também pela falta de preencher o espaço. Os círculos na cabeça marcam onde se toca na orelha e no queixo.

Aluna mostrou, pela separação das frases por vírgula, em que cidade nasceu e dizer na outra frase que é normal por ser surda.. Ela já tem a experiência de mundo, da comunidade surda e que ser surda não é ser anormal e nem deficiente por ter problema de audição. A aluna deveria ter tomado cuidado para não deixar um sinal sem completar, pois poderá confundir e perder o sentido da comunicação para leitores. É necessário revisar apesar de saber, usando os mesmos sinais de SURDA.

A seguir, apresento o último texto que tem alguns cortes após o uso da vírgula. Para finalizar a parte de cima, é usada a pontuação por ser escrita em vertical. Diferente da escrita portuguesa cuja forma de escrever é de forma horizontal, com cortes na parte inicial, após de pontuação e na parte final de um trecho.



Traduzindo:

EU BEBE CRESCER 6 MESES USAR APARELHO JÁ ENTRAR FONO ATÉ 12 IDADE ESTUDAR MUITO DIFÍCIL NÃO CONSEGUIR APRENDER PROFESSOR.

A escrita portuguesa é produzida somente com a vocalização para registrar o som, portanto, diferente da escrita de sinais que é produzida por duas mãos e quando um sinal é produzido, o mesmo fica na escolha, podendo ser destro ou canhoto. Os falantes o produzem diretamente como destro ou canhoto. Quando houver uma mão para um sinal, na escrita de sinais, não se percebe que os escritores escrevem misturado, seja destro ou canhoto e isso atrapalha os leitores. Devemos seguir com a mesma fala e fazer uma escolha para registro na escrita de sinais. Este é um exemplo de texto em que a maioria dos sinais são de destro, mas ocorrem dois sinais de canhoto que mostrarei abaixo:

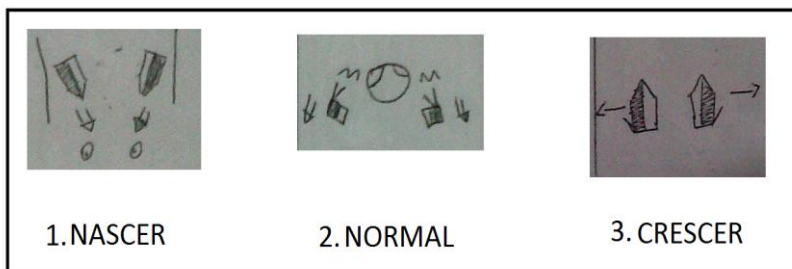


Esses são os sinais de canhoto devido à orientação da mão por um sinal. O sinal **JÁ** com a cor preta do lado esquerdo caracteriza o dorso da mão e no outro, pelo branco, pela palma da mão. O outro sinal **Não** foi por causa de uma forma onde aparece o dedo indicador, no final de lado direito. Ademais, há muitos sinais destros escritos, por serem configurações das mãos, com uma mão para significado e outros sinais e, com duas mãos, sendo um deles dominante de destro o qual é percebido por causa dos dedos e orientações das mãos.

Outro aspecto importante é quando o destro é usado com movimento. Exige-se colocar uma seta preta, por ser direta, porém ocorre que alguns deixam de ser pintados de preto a exemplo da criança de cinco anos. Talvez não se dê muita importância de pintar ocorrendo um deslize na escrita, conforme verificou-se na atividade do boliche, com uma criança de cinco anos.

O interessante é que aluna surda do ensino fundamental não coloca nenhum símbolo como esse ◡ no texto quando tem alguns sinais onde tem duas configurações das mãos que se movimentam na mesmo de direção uma vez que vai para baixo ou para cima, para frente ou para trás, para dois lados que se fecham ao meio, ou dois lados que se abrem no meio.

Busco os três sinais que aparecem no texto da aluna surda:



O primeiro sinal **NASCER** possui dois movimentos que indicam a direção para baixo. O segundo sinal **NORMAL** também possui dois movimentos que indicam para frente ou para baixo, dependendo o que sujeito produz, mas essa escrita, de duas setas

duplas, significa que vai para baixo. E o terceiro sinal de CRESCER é usado por movimentos que se abrem no meio.

Esse é um resultado satisfatório, pois, apesar de não ser professora dessa aluna surda, consegui compreender a leitura do texto, sem necessitar refletir sobre o que ela quis dizer e muito menos tive dúvidas.

Aluna surda mostrou, com muita clareza, que escreve sem seguir as regras do uso do português, embora seja semelhante no uso da pontuação, mas a sua organização é diferente. É semelhante a um filme para ouvintes e surdos. Para usar o filme de ouvintes não é preciso o uso das mãos, basta a audição e o filme para surdos necessita mostrar as mãos para ver o que sinalizam, é visual. Pode-se observar que os dois se organizam diferentes no texto.

A maioria dos sinais na escrita, cujos parâmetros fonológicos foram muito bem desenvolvidos, não teria prejuízo se não escrevesse tão rápido como acontece com o sinal de SURDA, a qual que ficou incorreta embora outros sinais repetidos foram corretos.

4.3.2.2 Relato da interação com alunos de Letras Libras Presencial em 2011

O Processo de reconhecer e organizar uma escrita é uma condição importante a ser desenvolvida. Mas ela não pode ser desenvolvida apenas no momento concreto de produção de um texto ou realizando diversas atividades..É preciso proporcionar momentos onde a se pode desenvolver a sensibilidade de identificar e adequar às necessidades e perceber quais são as possibilidades existentes.

Meus objetivos são:

- 1. Investigar como os alunos desenvolvem as atividades de escrita de sinais.
- 2. Identificar os processos relevantes para a aquisição da escrita e leitura.

Para isso, é preciso realizar atividades que proporcionem oportunidades e levem em consideração as condições do processo e que tenham como resultado um desenvolvimento da interação e memorização através da percepção.

Uma premissa fundamental para poder chegar à transformação do conhecimento é entender que na produção de um texto existem diversas etapas. Pretendo mostrar essas etapas para que sirvam de conhecimento para o futuro docente utilizar no desenvolvimento da leitura e escrita de seus alunos.

O primeiro passo é entender como se escreve e se o formato dessa escrita será em pilha, forma essa que organiza a leitura. Ainda não é convencional o modo de apresentação da escrita em pilha. A preocupação precisa estar no entendimento do leitor, cujo objetivo seja apresentar os parâmetros da fonologia que são necessários à forma correta.

Após vem as seguintes etapas: geração de idéias, seleção, decisão, pré-texto e revisão. Essas etapas não são obrigatórias, elas dependem das circunstâncias da produção e dos objetivos do sujeito, porém, ao fazê-las, potencializa o seu conhecimento desde o início de aprendizagem.

A necessidade do estímulo ao maior conhecimento e à existência de uma escrita oficial organizada e com todos os seus processos descritos no texto, é possível utilizá-la na alfabetização, transformando assim o letramento e provocando outros aspectos, tudo pelo ato de se escrever.

No período de escritura desse trabalho, realizei o estágio de docência em uma das turmas no curso de Letras Libras, da Universidade Federal de Santa Catarina, com vinte acadêmicos da turma de licenciatura e oito alunos da turma de bacharelado. O encontro com esse grupo foi em um período de três meses, com quatro horas semanais, totalizando vinte e uma horas. Essas horas foram reduzidas, pois minha presença teve uma frequência quinzenal. Na semana que não tinha aula, eu estava preparando materiais para as atividades, ou ainda fazendo pesquisa de campo na cidade de Santa Maria-RS.

O foco dessa pesquisa é descrever o trabalho realizado na disciplina de Escrita de Sinais III, pontuar as ações, observações,

objetivos e todos os passos que planejei e que serviriam de base para as questões linguísticas encontradas e serem discutidas na análises.

É importante salientar que uma das atividades, denominada Trabalho Final, foi incluída na pesquisa é de autoria da professora da disciplina. Percebemos que essa atividade era uma ótima oportunidade de realizar uma comparação entre os universitários Surdos e Ouvintes. A atividade tinha como objetivo que os alunos escolhessem um poema em LIBRAS, disponibilizado no site *Youtube*, ou produzissem um e depois transcrevessem para a escrita da língua de sinais. Tivemos como resultado duas propostas, de duas duplas, uma de ouvintes e outra de Surdos. Esses realizaram uma atividade sobre mesmo vídeo, mas eram bastante interessantes as diferenças nos textos. Foi possível ver então as seleções de ideias dessas duplas em seus trabalhos.

4.4 Consciência Fonológica

Antes de iniciar nas etapas que seriam desenvolvidas nesse período da disciplina, foi necessário lembrar questões já estudadas nas duas disciplinas anteriores, e levantar então quais eram as maiores dificuldades. Foi constatado que a organização dos movimentos corretos seria uma dificuldade em coloca-la nas pilhas. Conforme foi solicitado pela professora da disciplina, Profa. Marianne Stumpf, realizei uma atividade de forma organizada para que os alunos reconhecessem os movimentos e seus grupos distintos, quais sejam: Plano Parede (para cima e para baixo) e Plano Chão (para frente e para trás).

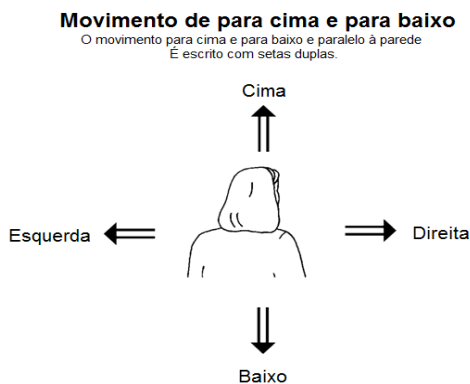


Figura 29 – Movimentos de para cima e para baixo

Movimento para frente - para trás

O Movimento para frente - para trás e paralelo ao chão.
É escrito com setas simples.

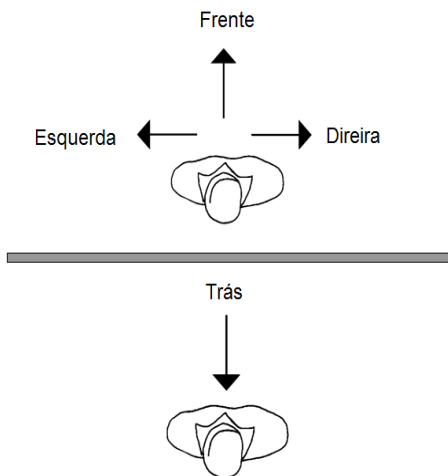


Figura 30 – Movimentos de para frente e para trás

Como é visto nas imagens, o Plano Parede é para cima e para baixo, na direção vertical e ainda é realizado com setas duplas. O Plano Chão é realizado para frente e para trás, na direção horizontal, com setas simples. Apenas quando a direção for para os lados esquerdo ou direito, há possibilidade de se utilizar setas duplas ou simples sem mudanças no sentido. Veja a Imagem a seguir:

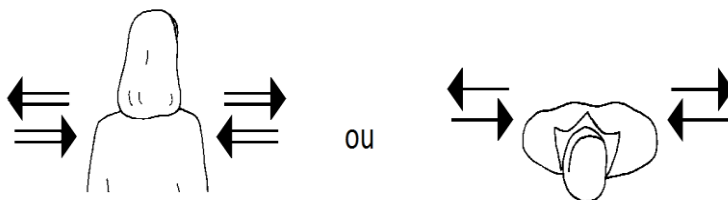


Figura 31 – Movimentos para o lado esquerdo e direito

A complexidade que se apresenta acaba muitas vezes dificultando o uso correto das setas de movimento e o motivo disso pode ser porque elas são apresentadas no papel, em material bidimensional. Por esse motivo, a localização das setas na pilha é a mesma e a única

mudança é a escrita da direção que deve ser feita com setas duplas ou setas simples. A memorização da direção de cada uma, como e quando são utilizadas traz muitos enganos nos aprendizes da escrita da língua de sinais.

Assim trago a teoria da consciência fonológica⁸ que faz parte de um conhecimento mais amplo, que é a metalinguagem que ajuda a percepção dessas direções, de acordo com os movimentos. Tunmer e Cole (1985), apud (CRUZ 2005) definem a consciência metalinguística como a habilidade de desempenhar operações mentais sobre o que é produzido por mecanismos mentais envolvidos na compreensão de sentenças. Sem a presença da consciência metalinguística, a mesma não se desenvolve e continua com os problemas, gerando dúvidas e dificultando absorção de outros conhecimentos. Por isso é bom começar a identificar o quanto antes como as regras de movimentos são apresentadas e como são usadas pelos falantes de Libras e também acompanhando leituras em escrita de sinais.

Abordando um pouco sobre a consciência fonológica, aproveito para explicitar um pouco mais sobre o que é fonologia, num conceito mais amplo e mais complexo. Torna-se mais complexo se percebermos as diferenças presentes nas línguas de sinais e nas línguas orais.

Trago aqui uma comparação entre as duas para que fique mais claro. Na modalidade oral, a fonologia busca interpretar os sons da fala (da fonética), tendo como base os sistemas de sons da língua e os modelos teóricos disponíveis. Cabe à fonologia explicar o porquê dos falares em alguns dialetos do português brasileiro. Ex: *carta* ['karta] e [kaRta], o mesmo termo, mas, muito embora elas tenham pronúncias diferentes, na articulação, na acústica são perceptualmente distintas.

Na modalidade sinalizada, a fonologia apresenta os articuladores primários que são as mãos, que se movimentam no espaço,

⁸Segundo Moojen e colaboradores (2003): A consciência fonológica envolve o reconhecimento pelo indivíduo de que as palavras são formadas por diferentes sons que podem ser manipulados, abrangendo não só a capacidade de reflexão (constatar e comparar), mas também a de operação com fonemas, sílabas, rimas e aliterações (contar, segmentar, unir, adicionar, suprimir, substituir e transpor). A relação de som pode ser das línguas orais e línguas de sinais mesmo que possuem as regras de fonologias distintas.

em frente ao corpo e articulam sinais em determinadas locações nesse espaço. Um sinal pode ser articulado com uma ou duas mãos. Um mesmo sinal pode ser articulado tanto com a mão direita quanto com a mão esquerda. São produzidos pela mão dominante (tipicamente a direita para destros e a esquerda para canhotos), sendo que sinais articulados com as duas mãos também ocorrem e apresentam restrições em relação ao tipo de interação entre as mãos. Os parâmetros fonológicos de LIBRAS, baseado em Ferreira-Brito (1990, p. 23) foram identificados como configurações de mão, locações e os movimentos que têm um caráter distintivo.

A pesquisadora Cruz (2008)⁹ realizou uma dissertação de mestrado sobre consciência fonológica, cujo parâmetro escolhido em seu estudo foi a configuração de mão, em crianças surdas fluentes na Língua de Sinais Brasileira. Em seu estudo usou um jogo de cartas que se chama “jogo das mãos”, para as crianças sinalizarem e serem avaliadas sobre a presença da consciência fonológica em sinais. Por ser um teste com a finalidade alvo-resposta, era preciso encontrar uma configuração de mão em comum em sinais diferentes, observando também o sinal, ou simetria, ou mão-dominante e passiva.

Exemplos:

COBRA – CINCO

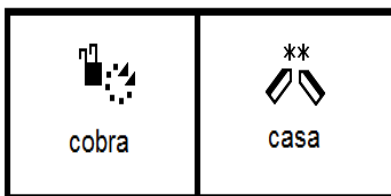


As configurações de mão entre as duas são comuns e até as locações, menos os movimentos, pois o sinal de cobra possui um movimento e o cinco não possui. Seria uma resposta correta, utilizam-se da mesma configuração de mão.

Quadro 9 – Exemplos de cobra e cinco

⁹Carina Rebello Cruz, Proposta de Instrumento de Avaliação da Consciência Fonológica, parâmetro configuração de mão, para crianças surdas utentes da Língua de Sinais Brasileira, Porto Alegre, 2008.

COBRA – CASA



As configurações de mão entre as duas não são comuns bem como os movimentos, por isso as locações são as mesmas. Conforme a própria pesquisadora, se focado apenas o parâmetro da configuração de mão serem comuns, então a resposta está incorreta.

Quadro 10 – Exemplos de cobra e casa

A C.M. do sinal de COBRA e o de CINCO são as mesmas e as que as crianças demonstram conhecer. Nos resultados há acertos e erros na percepção dessas configurações de mão. A pesquisa de CRUZ é distinta da minha, pois a própria não utilizou a escrita em sinais. A Autora ainda relata que, pela ausência de estudos sobre a consciência fonológica em língua de sinais em surdos, assim como de instrumentos de avaliação da consciência fonológica, que consideram a fonologia de determinada língua de sinais, justifica a realização dessa pesquisa.

A realização do experimento não foi feito por CRUZ, pois ela utilizou-se de uma estratégia em que Surdos adultos tinham a responsabilidade de aplicar o teste. Esses surdos mostravam quatro cartas com imagens e com a realização do sinal, uma delas era com a mesma CM. As crianças produziam os sinais das imagens e tinha que mostrar quais das quatro imagens eram realizadas com as CM comuns. A resposta-alvo das crianças era o caminho para se analisar o nível da consciência fonológica que apresentavam.

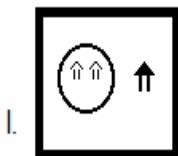
Sabe-se que a consciência fonológica não é homogênea, pois existem diversos níveis fonológicos que contribuem para o desenvolvimento total dos sujeitos. Minha estratégia foi a escolha da escrita de sinais e seus movimentos focado no espaço da sinalização, especificamente nos movimentos com direção para cima, para baixo, para frente e para trás. Para nosso conhecimento, existem diversos movimentos, como: os de símbolos de contato, os símbolos de

movimentos dos dedos, os de movimento da cabeça, os de corpo, os da posição do tronco, as dinâmicas e os do espaço da sinalização nos planos parede e chão.

Preparei uma aula para o primeiro dia com o objetivo de fornecer esclarecimentos e realizar uma curta revisão para relembrar as questões dos movimentos e suas diferenças no plano parede e no plano chão para depois dar dicas em como fazer a atividade.

Então, “hoje vocês vão realizar uma atividade de jogo: os “mandamentos dos olhares”. É um jogo de olhares que irá mandar e substituir os movimento na outra resposta. É necessário completar uma pilha para transformar um significado. Primeiro terão que memoriza a que estão se referindo na memória. Com os mandamentos dos olhares, favor verificar e responder qual pilha está sem o movimento. Na ausência do movimento, vocês produzem um sinal que tem movimento e, a seguir, coloquem o movimento no papel da atividade.

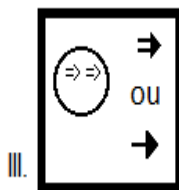
- Vamos ver a figura com os mandamentos de olhares?”



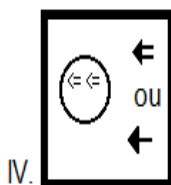
O número I são os olhos para cima, que mandam o movimento para cima, com setas duplas, a ser substituído.



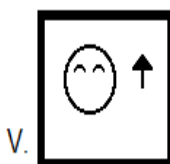
O número II são os olhos para baixo, que mandam o movimento para baixo, com setas duplas, a ser substituído.



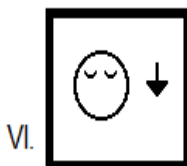
O número III são os olhos para o lado direito, que mandam o movimento para o lado direito, com setas duplas ou simples, a ser substituído.



O número IV são os olhos para o lado esquerdo, que mandam o movimento para o lado esquerdo, com setas duplas ou simples.

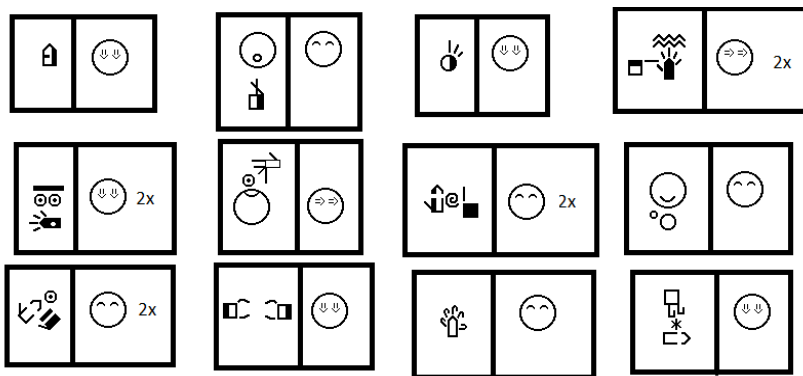


O número V são os olhos abertos que mandam o movimento para frente, com setas simples, a ser substituído.




O número VI são os olhos fechados, foi a única marcação encontrada que poderia apresentar o movimento para trás, com setas simples, a ser substituído.

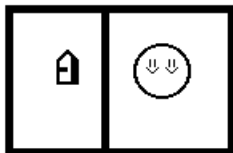
Após a explicação, os alunos realizaram a atividade, conforme já havia esclarecido, sobre os olhares que orientam os movimentos a serem substituídos. Na atividade, há um retângulo dividido em duas partes, uma que tem uma cabeça com o mandamento dos olhares e outra que é uma resposta do movimento, que necessita a ser completada, formando a pilha dos sinais para enfim ter um significado:




Quadro 11 – Atividades da consciência fonológica

O acadêmico que apresente a consciência fonológica é aquele que está no nível que perceba um sinal como, por exemplo, ao ver a

configuração da mão  que está no primeiro quadrado do retângulo:



A primeira etapa é: os alunos ao verem somente a configuração da mão de “B” ou “” lembram de vários sinais como: CASA, BRASIL, SILÊNCIO e etc. A segunda etapa é: alunos ao verem os olhares ao lado da configuração da mão indicando para baixo, que é mais aproximado do sinal de BRASIL, que tem um movimento para baixo. Ao ver a forma como o olhar se estabelece, torna-se um apoio e se lembra do movimento para baixo, que é realizado com setas dupla devido aos olhares que mostram as duas setas, enfim o aluno pode colocar sua resposta:



Brasil

Em seguida, vê outro retângulo, no qual consta uma pilha



e se lembra de uma resposta que movimenta para frente, aproveitando ver os mandamentos dos olhares que estão abertos (ao lado da pilha consta a escrita do olhar) indicando para frente, com setas simples, para colocar as respostas.



Resposta

É preciso conhecer que, nos mandamentos do olhar, quando aparece o apoio de 2x, significa que existem dois movimentos, com, por



exemplo, se apresentado desse modo: . Nesse exemplo temos dois movimentos para o lado direito, com setas duplas ou simples a serem colocados, como se pode ver com o sinal para FONOLOGIA, conforme indica abaixo.



Fonologia

ou



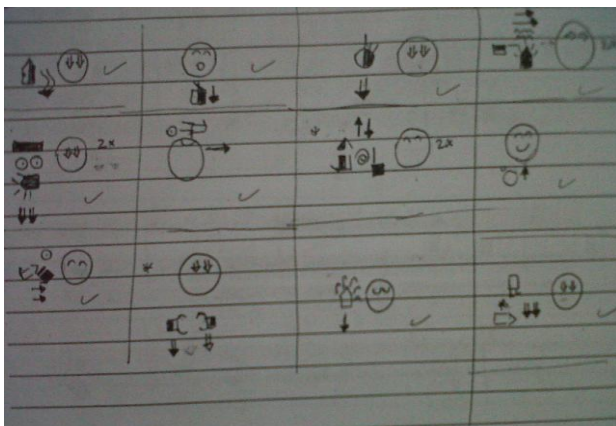
Fonologia

Os alunos, que ao lerem as configurações das mãos, lembram primeiro qual movimento tem o sinal e, ao conhecer os mandamentos dos olhares, os auxilia identificar a colocação das setas corretas as duplas ou as simples. Nessa aula, a maioria terminou as atividades

sozinhos, entregando-me antes que alguns outros colegas, que tiveram dúvidas, pedissem ajuda.

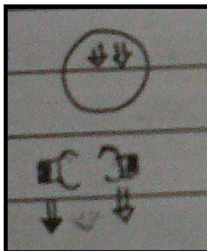
Os acadêmicos que terminaram primeiro interagiam com os colegas, pois eles também queriam que descobrissem quais os movimentos e quais olhares estavam sendo pedidos para responder, além dos movimentos das setas para formar a pilha de um determinado sinal. Animaram-se e riram enquanto os colegas estavam buscando adivinhar o sinal e seu significado. Quando descobriam, eles se sentiam motivados.

Eu apenas observava a realização da tarefa e buscava responder se estava correto ou não o que me perguntavam. Eles mesmos me informaram que a minha metodologia não faz parte da tradicional e que dei um estímulo aos alunos para interagir com os outros.

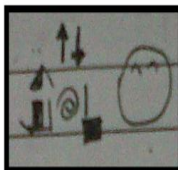


Atividade realizada pela aluna ouvinte

Nesse primeiro exemplo, a acadêmica conseguiu dar um sinal e utilizar os símbolos. O sinal escolhido foi “LUGAR”, que é uma exemplo que conta com a direção para baixo, com setas duplas, com direção para baixo e com as configurações de mão corretas. O que aluna errou nesse caso, foi na cor das setas, que estão invertidas.



Normalmente alguns alunos se confundem com os lados das setas. O correto é o lado direito sempre pintado de preto e o esquerdo deve ser sempre vazado, ficando branco. Quando um sinal é utilizado com apenas uma das mãos, não há essa confusão, pois ele é apresentado com a mão direita e as setas são pintadas de preto. Veja outra resposta do símbolo “pesquisa” que está incorreto:



Esses movimentos que vão para frente e para trás é como ir para frente e dar uma pausa, depois para trás e dar outra pausa. Um sinal de “pesquisa” não é assim, ele se movimenta rápido para frente e para trás. É contínuo, de forma rápida, indo e voltando várias vezes para frente, assim:



Esses movimentos são mais difíceis de explicar aos alunos que não conseguem entender o porquê e quais são as diferenças. Depois de tentativas de explicação, descobri que o que ocorre são esses movimentos. Quando há um passivo, a mão fica aberta e outro, ativo, com movimentos que vão somente para uma direção. Exemplos:



(Fingimento),



(Publicação),

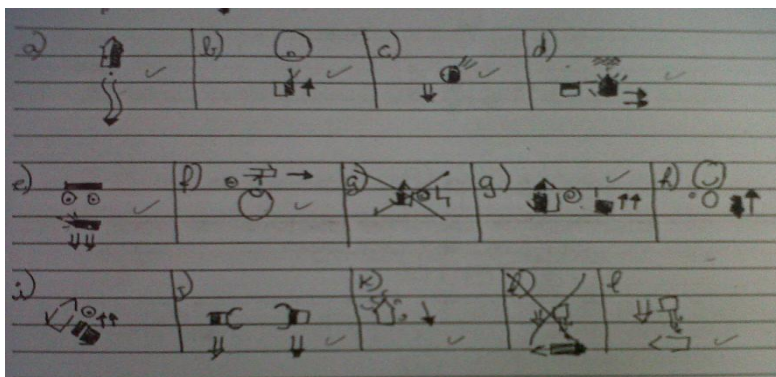


(Livros),

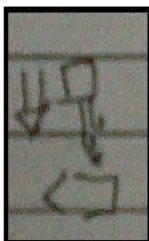


(Escrever) e outros.

Atividade realizada pela aluna surda.



Aluna surda não apresentou erros, pois seguiu os lados dos movimentos pelos olhares. Até as cores estão corretas em cada uma das duas mãos, com os movimentos e suas cores definidas, apenas em um sinal mais difícil, a aluna preferiu colocar a mão ao contrário, mas está correto. Vejam o símbolo “castigo”:



Uma seta dupla, com a cor branca, se fosse colocada em cor preta, seria incorreta. Seria irônico pensarmos que a aluna não pintou a seta de preto, pois ela entendeu e reconheceu a fonologia do falante e

expressou um sinal de um modo que um canhoto demonstraria, usando a sua mão dominante.

É possível observar na sua escrita que o sinal está na mão dominante, à esquerda e que acompanhou a mão passiva, que é a direita. Assim se dá então o desenvolvimento da consciência fonológica. Apenas é motivo de alerta, pois os sinais podem ser representados e realizados por canhotos ou destros, mas se forem produzidos em um texto, é necessário escolher somente um ou outro para não misturar as representações.

Na maioria das vezes confunde-se principalmente os movimentos \uparrow e \downarrow , devido à leitura visual semelhante ao desenho, pois não percebem que o movimento vai para frente ou para trás e como se descreve as regras para esses movimentos.

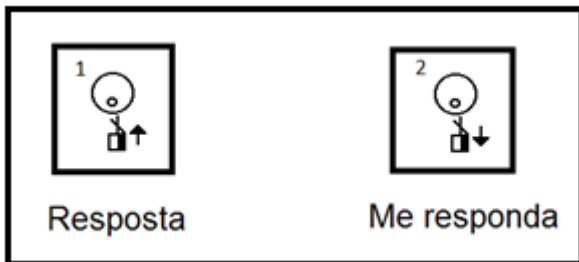
A escrita de sinais não foi desenvolvida para uma representação em 3D, mas foi desenvolvida para uso em 2D, com formato de uma grafia em papel. Os desenhos dos sinais podem ser feitos mostrando um determinado lado de sua representação, que demonstra mais seu formato e como é sua produção. Precisa-se ser um profissional na área dos desenhos, pois não são todas as pessoas que conseguem produzir algo assim. O desenho de um sinal e sua representação na escrita da Língua de Sinais são diferentes.



Figura 32 – O desenho de um sinal “resposta”



Essa figura mostra um desenho de como são os formatos do corpo e suas mudanças do movimento inicial até o final, para não se

confundir qual é a direção do sinal, que pode ir para frente como mostra este exemplo.

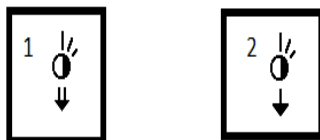


Ao escrevermos o sinal “resposta” cujo movimento aponta para frente, como na primeira imagem, a sua escrita está correta. Mas ocorre que alguns alunos escrevem de forma igual como na segunda opção. A confusão visual se dá pelo fato de pensarem que a seta para baixo representaria o movimento para frente. Na verdade é o contrário do que eles pensam no primeiro momento, pois essa expressão de sinalização está se afastando do espaço neutro em direção ao corpo.

Uma dica básica para se lembrar em como separar esses movimentos para frente e para trás seria lembrar do sinal de “VOCÊ”, sem rosto e nem corpo para acompanhar o movimento que sempre será

assim  e nunca va assim , pois seria algo estranho. Então sempre ao lembrar do sinal de VOCÊ, consegue-se produzir outros sinais mais complexos.

Outra pilha mais complexa:



O primeiro símbolo “CERTO” está correto, mas ocorre que alguns alunos escrevem igual como mostra o segundo exemplo, achando que são iguais os dois movimentos, com setas duplas e setas simples, pela confusão visual, pois são representados com a vertical para baixo e se enganam por terem colocado o movimento com setas

simples. Essas representam movimentos que vão para trás. Por isso é preciso observar bem as regras da escrita, para que essas questões visuais não atrapalhem na produção da escrita.

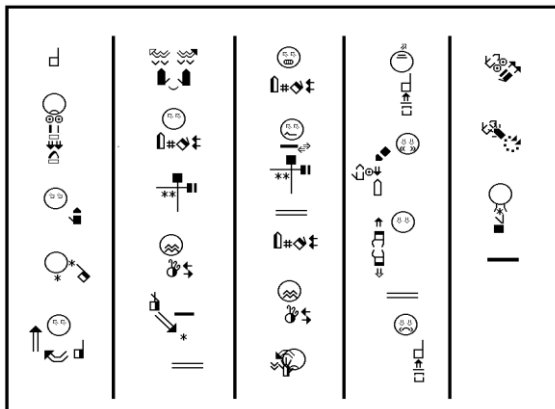
Concluimos que um dos objetivos é o estudo do desenvolvimento da consciência fonológica, a fim de que se tenha uma aprendizagem de verdade, da leitura e da organização antes da escrita. É importante que toda escrita precisa ser lida e que este aprendizado proporcione a interação com a forma lúdica.

4.5 Plano dos processos cognitivos para produção: os passos para produzir textos em escrita de sinais

Sobre a prática do lúdico no ensino de redação, Passarelli (2004, p. 103) diz que o principal aspecto é a possibilidade de (re)estabelecer um espaço de convívio agradável, verdadeiramente interativo, em que os agentes da sala de aula se mostrem em sua personalidade, como quem sente, brinca, ri, imagina, inventa, mas também trabalha. Quer dizer que, nós professores, devemos trabalhar com a estratégia da interação entre leitura e escrita. Isto significa perceber que, a cada passo, ao se fazer uma atividade, podem acontecer imaginações, descobertas, curiosidades, criatividade e sentimentos que antes não havia. Assim, para realizar tais atividades, há processos cognitivos que trabalham e organizam a produção.

4.5.1 1º passo: Ter conhecimento sobre a importância de escrita e da leitura

Sabe-se que a percepção do conhecimento é como transcrever em escrita de sinais, a fim de melhorar o texto escrito. O professor deveria mostrar e depois solicitar ao aluno o que ele entende do contexto de uma situação para interpretar a história do vídeo produzido pela Fernanda Machado, artista e formada em Letras Libras, em 2006. Após ver o vídeo que ainda não foi publicado, pois é particular, solicitei que o gravasse para os alunos a fim de que vissem a diferença da transcrição, e seguir, após, com o plano de texto:



Tradução em escrita de sinais para glosas de português:

Um homem-criança surdo foi céu bater esperar nada me- responder, bater esperar, bater nada demorar estranho imprimir papel, estranho escrita sinais se perdeu.

Traduzindo em escrita de sinais para português:

Um menino surdo foi para céu, chamou e esperou que tivesse o retorno da resposta. Não teve, chamou novamente e esperou muito. Repetiu o chamado e depois bem demorado esperou, e estranhou a receber um extrato igual a do banco e viu que estava escrito em sinais, ficou perdido.

Antes de explicar como seria desenvolvida dessa atividade, algo que me surpreendeu foi a importância da organização da escrita de sinais, sem pensar nas regras do português. Pois esse texto foi transcrito a partir de um vídeo, o qual foi produzido com fluência em libras na própria gramática de LIBRAS, sendo que as pausas feitas para vírgulas aconteceram a partir das expressões faciais, dos movimentos do corpo e das mudanças dos olhares. A organização dos símbolos da pontuação é a mesma que ocorreu com uma aluna surda, no ensino fundamental.

Nesse vídeo ocorreu a interação, tinha algo muito subjetivo, sendo que alguns alunos trouxeram opiniões diferentes, cada qual com a sua interpretação. Esse trabalho provocou uma reflexão em cada um, com experiências diferentes. Os alunos chegaram a refletir se Deus é surdo ou ouvinte, pois se surdo fosse saberia a escrita de sinais. O vídeo

mostrava um menino que foi para o céu e não foi visto por Deus, pois bateu na “porta” do céu para chamar Deus, isso significa dizer que Deus é ouvinte? Se ele não foi atender a porta, significa dizer que Ele é surdo? Pois no céu não tem interruptor para acender a luz e avisar que têm alguém na porta? O debate se deu tanto entre os alunos surdos quanto nos ouvintes.

É hábito dos alunos, quando ministram ou participam de um seminário ou palestra em línguas de sinais, ficarem curiosos para saber se a pessoa é surda ou ouvinte. Se forem ouvintes são admiradas por serem fluentes em língua de sinais e, se forem surdos, são admirados por serem inteligentes e estarem em um nível educacional elevado, ou seja, ministrando palestras.

Para acrescentar vou relatar a minha experiência como monitora da disciplina em Escrita de Sinais I. Quando iniciei o trabalho, não conhecia nenhum dos alunos. Apresentei apenas a minha experiência de estudos e de trabalhos e também relatei o meu interesse em fazer o mestrado em linguística em Escrita de Sinais. Dei algumas aulas e, após alguns meses, estava na sala de computadores do curso de Letras Libras, quando uma aluna surda chamou o meu nome e eu não a atendi, pois não escutei, mesmo assim ela gritou por mais três vezes, até que uma amiga ouvinte a ouviu e comentou para ela que eu era surda. A aluna ficou impressionada e foi até mim tocar no meu ombro, pois estava de costas, à frente do computador. Então virei e observei a sua fisionomia, pois ela estava impressionada, quando contou o ocorrido para mim e eu comecei a rir.

Em outras aulas, também aconteceram fatos parecidos e, um dia, no momento do intervalo, uma aluna surda comentou comigo que não pareço surda e perguntei, por quê? Respondeu-me: “O seu comportamento, pois você fala a língua de sinais de uma maneira formal”.

Voltando à discussão anterior, se Deus sabia a escrita de sinais, pois eu uma resposta em escrita de sinais e o menino não sabia ler. Os alunos insinuaram que o menino era ouvinte só porque não sabia ler. Como tinham visto o vídeo só uma vez, não tinham fixado que, no início, a Fernanda fala que o menino era surdo.

Continuaram a discussão e concluíram que a palavra falada, oralizada ou sinalizada não é um registro que desaparece, é dependente

para possíveis perguntas e para esclarecimentos, mas fica a incerteza por falta de comprovação.

Quanto ao vídeo, podemos repeti-lo quantas vezes se fizer necessário, pois é um instrumento de registro, diferente da forma oral, que necessita de comprovação e esclarecimentos, sendo que as variantes são meros vestígios de erro de memória.

Para um registro seguro, o caminho é a escrita e para a língua de sinais o correspondente é a escrita de Sinais. Citamos a visão de Henri Davisson, que propositalmente escreve em uma canção:

Inicialmente, a transmissão por via oral está exposta a deformações muito mais numerosas e muito mais profundas do que da tradição escrita. Confusões, lapsos, contrassensos, nada menos fiel do que a memória: num ponto, lacunas, artificialmente preenchidas a posteriori, ou, ao contrário, aproximações ilegítimas, amálgamas, adições. Ainda que a escritura obrigue o copista ou o editor a escolher entre os diferentes estados possíveis do texto, a memória conserva, lado a lado, variantes múltiplas. (Calvet, 2011, p. 52).

Assim os textos orais, tanto para surdos quanto para ouvintes, geram várias confusões no entendimento, podendo perder alguns dos itens e informações contidas na fala, ou seja, podem ocorrer problemas de memória. O que não significa que as pessoas são diferentes e não querem assumir a verdade, em alguns casos apenas esquecem por serem seres humanos e sujeitos a lapsos de memória.

Lembro uma ocasião em que, na sala de aula, em uma quinta-feira, eu e Marianne, Coordenadora da UFSC, avisamos aos alunos que seria possível em alguma quinta-feira do mês não ter aula, pois a mesma seria substituído por trabalhos da disciplina, que seriam feitos em casa. No dia que marcamos não ter aula, alguns alunos compareceram, esperaram e foram para a secretaria em busca de informações e a secretária me mandou uma mensagem perguntando se teria aula ou não. Isso prova que há lapsos de memória

Outra vez expliquei que já iríamos combinar, em Língua de Sinais, como deveriam desenvolver as atividades, então uma aluna perguntou para outro aluno: como devo realizar a atividade?. Apesar das explicações, a aluna continuava a ter dúvidas e, para tentar esclarecer melhor, escrevi no quadro branco as explicações em

português, considerando também que eles poderiam esquecê-las. Fato do qual me arrependi, pois a disciplina é de escrita de sinais e eu deveria ter escrito em escrita de sinais e, assim, de forma espontânea, os alunos teriam a oportunidade de aprender.

Aprendi que é importante que os professores trabalhem, na disciplina, dando informações em escrita de sinais, por mais que hajam avisos informando que atividades ou trabalhos devem ser realizados bem como as respostas das dúvidas. Depois dessa lição do aprendizado, respondi, escrita de sinais sem português, um e-mail de um aluno me perguntando se havia recebido sua atividade. Ele entendeu meu e-mail e ficou feliz pela minha resposta.

Mostrei o mesmo vídeo novamente, então viram que o menino era realmente surdo por estar no registro do vídeo. Assim eles puderam compreender melhor que o texto, no final, pode ter várias interpretações, já que a Fernanda não explicou o porquê. Podem achar que Deus deu a ele uma bíblia, mas nunca aprendeu a ler. Assim, Deus preferiu dar uma resposta em escrita de sinais do que ser visto em língua de sinais, pois ninguém pode ver seu rosto.

Depois tive que mostrar a transcrição para escrita para mostrar como é relevante a leitura antes de escrever um texto, como afirma Lilian Passareli, (2004, p.17: Dentre as funções em voz alta, uma se destaca: a função em voz alta propicia um envolvimento entre os participantes desse processo de comunicação, e não mais focaliza a apropriação do texto; o foco apresenta um deslocamento, passando a situar-se “na singularidade de uma comunicação espacial entre uma pessoa que dá voz ao texto e outra que, ao escutá-lo, o enxerga” (Bajard, 1994, p.53).

O escritor deve sempre lembrar que quando se escreve, haverá pessoas que vão ler o texto. Começa então a preocupar-se com a revisão e a organização do texto. Ninguém é mágico pensa pensando que já sabe organizar, sem avaliar o conteúdo de outros textos. Os textos em escrita de sinais para leitura são poucos e muito menos há materiais prontos como atividades, que é um dos meus objetivos. Necessitava ter um texto curto, mas que se relacionasse com a disciplina que diz algo sobre a escrita de sinais.

Por ser pesquisadora-professora, precisei levar a filmagem para estimular os alunos de cada dupla em poder registrar um vídeo

criado por eles a partir de uma figura. Alguns alunos podem não ter filmadora ou notebook com câmera. Para evitar problemas com essas limitações, acabam desistindo ou não fazendo o trabalho. Por isso que perguntei a eles se têm a filmadora. Os que têm comentaram que não necessitam que eu filme, já outros, a metade dos da turma precisaram de meu auxílio. O trabalho das duplas que eu filmei, percebi que todos tiveram idéias bem interessantes e engraçadas. Solicitaram, porém, que não mostrasse a filmagem na sala de aula. Expliquei que é apenas para mostrar a transcrição em escrita de sinais na próxima aula.



Figura 33 - Desenvolvida por Sérgio Júnior, Surdo, e é uma imagem geradora do texto.

Essa figura foi apresentada com a finalidade de trabalhar a transcrição, tendo como proposta o uso de uma estratégia de como os leitores reconhecem escrevem, corrigem e acertam e o que entendem por ela. Assim mostrei aos leitores a importância e o significado da revisão da escrita. Apenas mostrei um sinal de revisão e *solicitei que o traduzissem em uma palavra correta para português. A tradução de um sinal em português é diferente, por isso é necessário ter a informação certa sobre a escrita. As palavras de um sinal são: organizar, consertar e corrigir. Mas nenhum deles disse uma palavra de revisão, que é a prioridade do objetivo e, para não esquecer, as três palavras citadas acima são parte integrante da revisão. Para organizar um texto, o planejamento é importante para definir as ordens, consertar, semelhante à correção, que é necessária para melhorar o contexto. Enfim, o caminho certo é a revisão que deveria ser publicada e lida pelas outras pessoas que não produziram. Passarelli acrescenta que:*

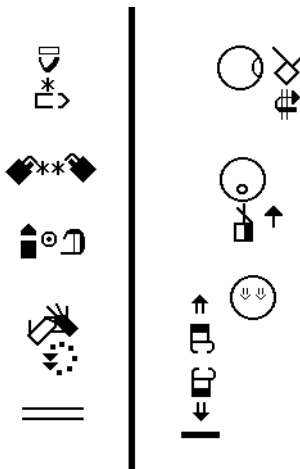
Estudos mostram que os bons escritores revisam mais do que aqueles cujos textos de baixa qualidade. Krashen alega que os escritores experientes concentram sua atenção na revisão. Escritores de ensino médio e de faculdade revisam para clarificar, elucidar e tornar compreensível o sentido do primeiro rascunho. Escritores em níveis escolares iniciais ou intermediários apresentam-se menos preocupados em elucidar sentidos. [...] O escritor experiente compreende essa condição; o escritor iniciante, todavia, não a percebe. (2004, p..94)

É necessário que os alunos tenham experiências e saibam a importância de dar atenção sobre o que escrevem, pois muitas vezes os alunos escrevem de uma forma direta e entregam logo o texto ao professor, sem se preocupar se falta alguma coisa no texto, pois é pela falta de percepção, por mais que eles saibam como organizá-lo. Então fiz um a proposta para que eles se tornassem revisores com a finalidade de ajudar os alunos que fizeram atividades. Eles ficaram sentindo nada a respeito dessa minha proposta, porque apenas estão começando a fazer atividades sem serem revisores.

Após a aula, um aluno quis me responder, por email, em escrita de sinais, sobre o vídeo sem o meu pedido.

Apenas tinha mostrado o vídeo para que entendessem a comparação da transição da língua de sinais para a escrita de sinais, como colocar a pontuação adequada, para assim compreenderem melhor a leitura, pois o meu objetivo era que na aula seguinte fizessem um trabalho, onde teriam que gravar um vídeo e em seguida transcrevê-lo. Primeiro teriam que ter o conhecimento para assim iniciar a prática do conhecimento.

Mesmo assim, quando o recebi, gostei da ideia que o próximo curso será assim, uma atividade que me respondesse a justificativa do porquê o menino surdo não soube a ler.



Traduzindo em escrita de sinais para português:

Falta de capacidade do conceito em escrita de sinais para conseguir responder o extrato.

Na aula seguinte, alguns alunos se mostraram dispostos a executarem as atividades para apresentar em sala de aula e outros não, por terem vergonha de seus erros frente aos colegas. Tive que estimulá-los para terem coragem e mostrar-lhes a importância que isso implica no processo de se expor ao público. É na interação que se aprende e se ajudando, um ao outro. Dúvidas e incertezas levam o sujeito à aprendizagem frente a várias opiniões, que provocam a percepção individual. Antes de alguém apresentar, teve um aluno que comentou quando viu o vídeo já realizado para transcrever em escrita de sinais, percebeu que a produção em língua de sinais tem algumas falhas por causa da escrita que não fica clara quanto à coesão. Teve vontade de regravar o vídeo para melhorar a coesão, mas não podia. Mesmo assim se viu que a escrita de sinais auxilia muito na percepção para assim melhorar a produção da estrutura em língua de sinais em gramática correta.

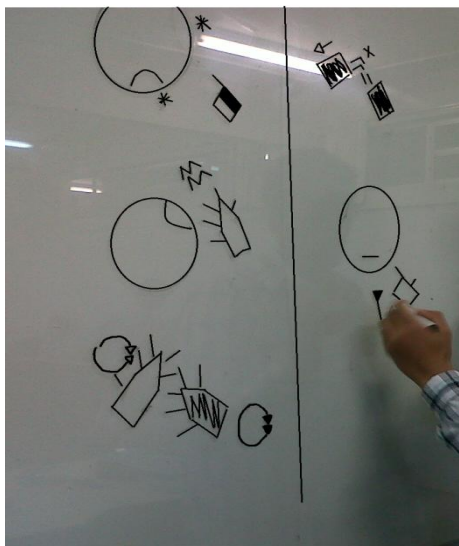


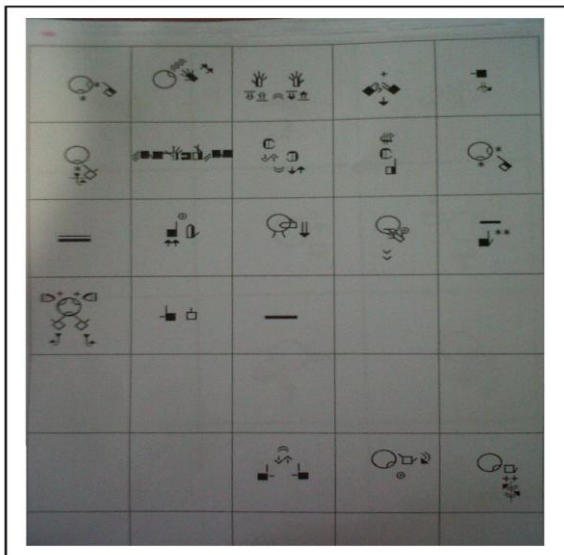
Figura 34 - Em escrita de mão sem ser revisado.

Após escrever no quadro, dois alunos, que formam dupla na atividade realizada, deveriam se sentar, para que os outros alunos lessem o que foi escrito e opinassem o que deveria ser corrigido, arrumando algumas pilhas corretas até o final do trabalho. Depois dariam sua opinião sobre o que entenderam na interpretação da escrita. Muitos entenderam a questão e acrescentam uma história através do texto.

A compreensão em leitura deriva da construção de uma representação mental; cada indivíduo possui uma estratégia própria para perceber e integrar as informações. O paradigma conexionista traz importantes contribuições para a necessidade de elaboração de estratégias utilizadas para a construção de um texto ou da leitura. (Fernandes, 2011, p.107)

Ao terminar a atividade, os que fizeram o trabalho, anotaram ou copiaram algumas pilhas corretas, para organizar no sistema do signwrintig a fim de entregar na próxima aula. Em vez de falar “ corrigir como um termo de correção ” é como exigir algo de uma forma negativa. Não se trata de criar um espaço mental e físico para

corrigir (o que está errado), mas de criá-lo para voltar ao que já foi feito. Annie Piolat, (1988, p 105) chama atividade de revisão de “ Retour sur le texte ”, e esta é a idéia fundamental: voltar ao que já foi feito. O retorno beneficiará tanto o produtor como o produto. Ao voltar, ele verá o que fez, com outros olhos, sua compreensão será modificada e, certamente, o produto também melhorará.



Representa a escrita de sinais revisado, conforme a mesma atividade anterior no quadro branco.

Traduzindo:

O surdo sonhou que a língua de sinais é a primeira língua, a língua materna para comunicação na comunidade surda. Os pesquisadores comprovaram que as crianças têm a aquisição da primeira linguagem. Trabalho realizado por “sinal” e “sinal”

A relação sobre o trabalho realizado por “sinal” e “sinal”.

Esses sinais são próprios de usuários surdos que os usam em sua comunidade, os quais podem ser registrados na escrita de sinais, mas não no português, que usa a escrita alfabética. É uma cultura diferente. Quanto ao empréstimo da língua portuguesa, quando não se tem o sinal como forma convencional, os alunos soletram usando o alfabeto manual.

Em muitos trabalhos costumamos colocar os nomes próprios sem escrever a escrita de sinais, porém, os alunos que usaram esse recurso foi para preservar a cultura surda.

Cada dupla que já apresentou o trabalho desenvolveu sua percepção pelo fato de ter feito a revisão dos trabalhos, com muitas leituras, muitas interações e muitas informações em escrita de sinais na interação com os outros e por si mesmo. É como estivessem participando de um jogo, abrindo sua mente nas práticas e curiosidades para saber o que está escrito na criação das outras duplas, avaliando, assim, se gostam ou não da história. De acordo com Eco:

Se o fazer uma tese é uma imposição, norma ou lei, a tese é, paradoxalmente, uma atividade lúdica que apanha diversas perspectivas em contraponto, exacerba dinamicamente os contrastes e nos faz descobrir nova maneira de ler ou de ver o já visto ou lido. Peculiar originalidade, lança-se mão dos dados para inventá-los: ganha-se a *precisão do pensamento* na verticalização de um tema que se restringe para se tornar mais seguro, a *nuance da reflexão* que incorpora, sem falsa modéstia, o imprevisto, o insólito, o dissocia, a *capacidade dialética* que apreende as vozes que se dispersam na compreensão e/ou interpretação dos fenômenos. (2009, p. XII).

A principal de uma atividade lúdica sobre a tese é uma forma própria pelo prazer de se fazer novas descobertas a partir das diversas leituras e informações.. Pode-se substituir uma tese por uma história que ocorreu. Assim alguns alunos copiaram os outros textos de trabalhos realizados na sala de aula, sem o meu pedido. Perguntei-lhes por que estavam copiando do quadro, então me responderam que queriam guardar o texto para lembrar e ler novamente.

Esclareci aos estudantes que, para elaborar um texto escrito, a dupla deveria libertar de sua memória as ideias e/ ou fatos reais e/ou fictícios para poder produzi-los por escrito. Isso lembra a resposta do e-mail recebido de um aluno, após a atividade feita a partir do vídeo sobre um menino que foi ao céu e também a figura de um menino que sonhou.

Passarelli comenta que:

No caso da escrita, todo esse resgate serve para o indivíduo criar e isso implica que não se trata da própria realidade, mas da criação de uma realidade. (2004, p.32).

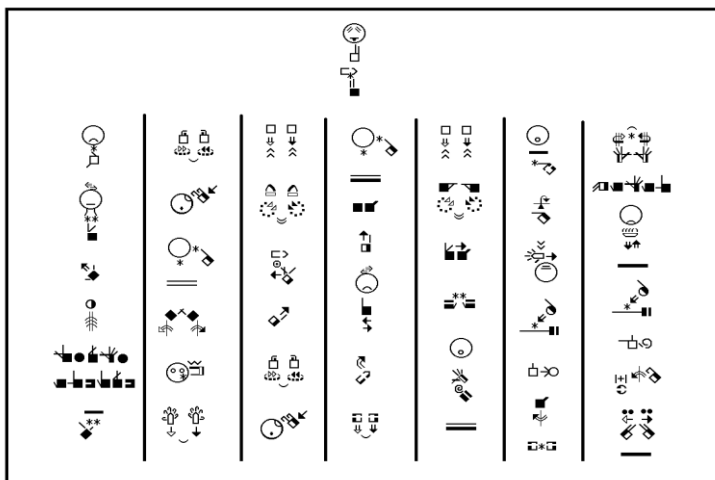
4.5.2 2º passo: Produções escritas

Após o primeiro passo que foi o da compreensão da revisão da leitura e de reescrita, apresentaremos agora as produções de dois sujeitos, um surdo e um ouvinte para observarmos a coerência na escrita e da consciência fonológica desenvolvida pelos dois produtores na escrita em língua de sinais, pelo sistema SW.

As atividades aconteceram em caráter presencial durante duas horas. O primeiro passo é despertar o conhecimento da importância da escrita e leitura através da estimulação na interação com colegas. Os próprios alunos são os escritores, corrigem o que leem nos textos dos outros colegas, realizando a criação de uma história a partir da figura com o acompanhamento da professora no desenrolar do trabalho. E o terceiro passo será sobre o uso da coerência na poesia. Esse trabalho foi feito em duplas, por dois surdos e dois ouvintes.

Dois desses passos foram feitos pelo uso de computador e isso que difere do segundo por ser feito a mão, escrito a lápis ou à caneta para a realização da atividade.

Ao iniciar a tarefa, mostrei uma carta escrita por mim sobre o festival de cultura surda realizado em Porto Alegre, no qual não fui e provocava a turma a me contar como o mesmo transcorreu. Para os que não foram ao festival, contei o que faria nas minhas férias e queria saber sobre a deles. A abordagem escolhida era propor interações e o compartilhamento das atividades escrita.



Traduzindo:

Carta

Estou triste por não poder viajar para Porto Alegre onde haverá um festival de cultura surda, mas estou curiosa e quero explicar como foi o festival de cultura surda. Se você não foi, poderia explicar o que vai fazer nas férias? Eu vou para Manaus no dia 13 de janeiro e ficar junto com família no Natal. Volto a Florianópolis no dia 26.

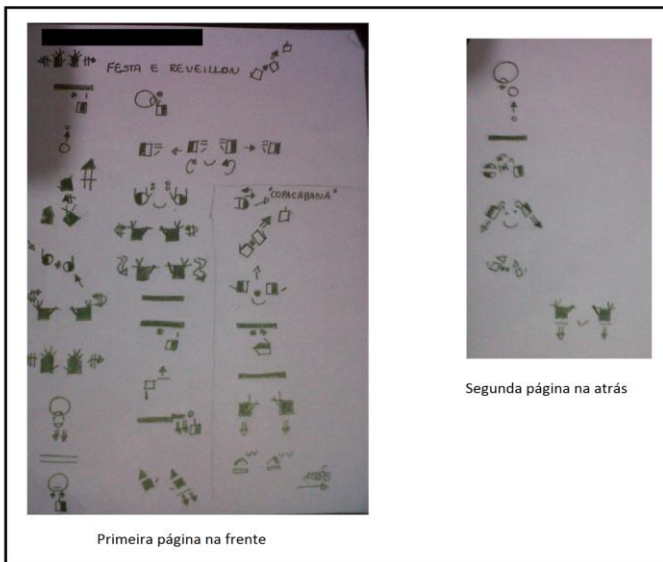
É importante mostrar a produção das cartas pelos alunos. Eles escrevem de uma forma espontânea, mas ocorre a exclusão de alguns símbolos, mesmo assim ao lê-las, é possível entender o seu conteúdo. Os alunos contavam a vida pessoal e o que aprenderam no evento, ou ainda ansiosos sobre o que fariam nas férias. São assuntos que fazem parte da realidade e da vida deles e, assim, compartilhando seu conhecimento e experiência.

Optamos por não apresentarmos os nomes verdadeiros dos alunos, para assim cumprir questões éticas envolvidas nesse trabalho.

Identificarei vários aspectos, tanto aqueles relativos à coerência, quanto aos de coesão textual. Apresentarei alguns fatores de coerência, a saber: o conhecimento de mundo, o conhecimento partilhado e as inferências. Em minha análise, comparo o uso da coerência e o desenvolvimento da consciência fonológica de movimentos para

acompanhar e comprovar que os mesmos se desenvolveram depois de efetuar o passo 1, quando concluímos o primeiro objetivo.

Produção da aluna surda 1



Traduzindo em escrita de sinais para glosas de português:

Eu ir viajar Belo-Horizonte encontrar família festa natal, beber vinho dar-presentes especiais família feliz.

Eu vou bolsa praia Copacabana réveillon junto amigos pessoas muito legais.

Voltar Florianópolis estudar fim

Traduzindo:

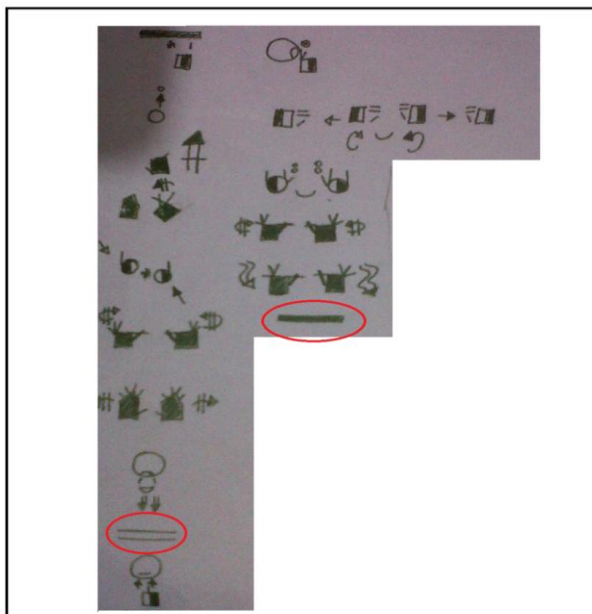
Eu vou viajar para Belo Horizonte para encontrar minha família na festa de natal, beber vinho e dar presentes especiais para minha família com muita felicidade.

Eu vou usar bolsa para ir à praia de Copacabana, no réveillon, junto com amigos que são pessoas muitas legais.

Volto a Florianópolis a estudar FIM

Começamos por aquilo que, a meu ver, lendo essa carta, pode mostrar certa compreensão do texto: O assunto e o tema ficaram na

horizontal sobre o que faria na festa de réveillon . Na escrita do português, no entanto , para contar a história, ela alterou a escrita para a forma vertical. Também a continuação da história foi marcada pelo símbolo de vírgula e do ponto final, aspecto que demonstra a mudança de assunto na história e o uso da coerência textual



Traduzindo:

Eu vou viajar a Belo Horizonte para encontrar minha família na festa de natal, beber vinho e dar presentes especiais para família com muita felicidade.

A frase onde se encontra um símbolo de vírgula tem como objetivo a continuação do local, onde explica que vai ficar no mesmo lugar que é Belo Horizonte para encontrar a família no natal e estar junto com as mesmas pessoas para beber vinho e dar presentes. Por usar esse elemento de coesão na frase, ela fala do mesmo lugar, Belo Horizonte e explica nesse pequeno trecho o que fará lá no Natal. É costume do povo brasileiro de reunir a família e trocar presentes da época de natal.

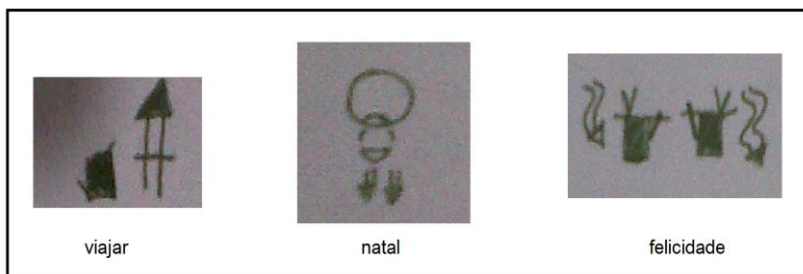
Essa aluna surda não percebeu que produziu um sinal canhoto de EU, ao invés de todos os sinais, com apenas mão direita. É o mesmo que aconteceu com aluna surda no ensino fundamental.



Inicialmente busco somente as pilhas que tenham movimentos no plano parede e no plano chão o que aluna surda já aprendeu na primeira aula, quando fez a atividade de consciência fonológica. O meu objetivo é desenvolver nos alunos uma boa memória para que assim errem menos. Farei também um levantamento das dificuldades de percepção. É importante informar que não tratarei dos movimentos que quebram o pulso como FAMILIA e FESTA.

Nesse trabalho darei explicações sobre os sinais realizados no plano parede e plano chão, pois precisaríamos de outro estudo sobre os movimentos de quebra de pulso (do dorso para palma da mão).

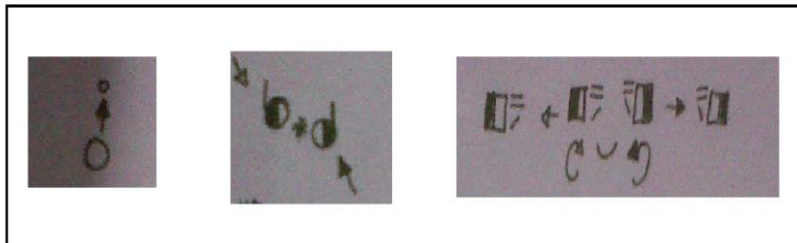
Primeiro mostro os movimentos no plano parede que vão para cima ou para baixo, com setas duplas:



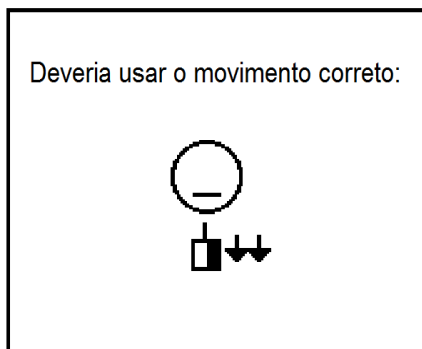
Pode-se observar que o aluno não apresentou nenhuma dificuldade e acabou acertando a colocação das setas duplas. Também do lado direito, na seta de cor preta, em dois sinais: VIAJAR e NATAL.

No sinal de FELICIDADE, o mesmo deveria estar escrito com o sinal realizado com as duas mãos, com as setas de movimento na cor preta ,para a mão direita e deixar a seta branca para o movimento da mão esquerda.

A segunda observação se direciona aos movimentos no plano chão, que vai para frente ou para , com setas simples:



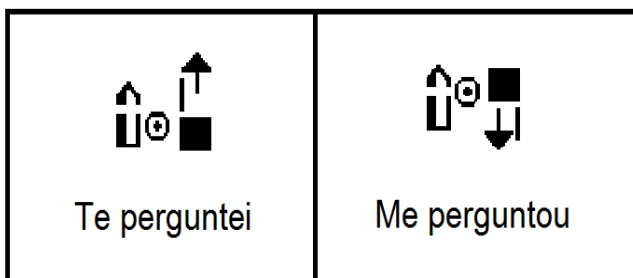
Em relação ao movimento que vai para frente, não foi encontrado dificuldade, tanto no lado direito quanto no lado esquerdo, além de poder ser escrito escolhendo o uso das setas duplas ou das simples. Apesar de que o movimento para frente com setas simples também está correto, mas quando o movimento é para trás, percebe-se uma dificuldade como a observado na aula sobre a consciência fonológica.



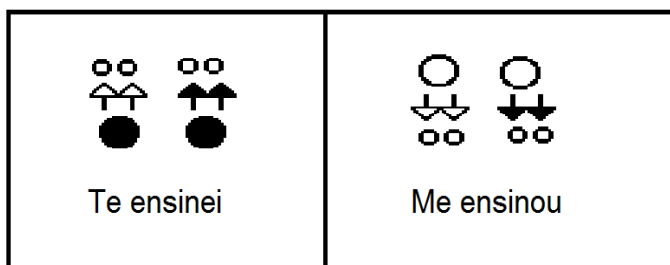
Parece estranho o porquê do uso do movimento com setas simples para baixo, ao contrário do que se apresenta na primeira imagem, que, no primeiro olhar, parece estar correta. Como já havia explicado, não podemos acompanhar somente a questão visual do desenho, precisamos sempre lembrar que existem duas regras, uma que

apresenta as setas na direção para frente e outra para trás. A seta que indica para trás é escrita com direção à boca, como no sinal BEBER. O uso do símbolo produzido pela a aluna parece representar que o movimento é para frente, o que é incorreto.

É importante conhecer as diferenças dos movimentos para frente e para trás e como os mesmos alteram o significado de um verbo. Observemos a concordância verbal. Eles concordam com as pessoas da sentença, mas não incorporam o locativo, pois a direção do sinal é realizada do sujeito para o objeto da sentença. Com isso, a direção do movimento desses verbos sempre irá variar conforme as pessoas que estão envolvidas. Como, por exemplo, o verbo PERGUNTAR :

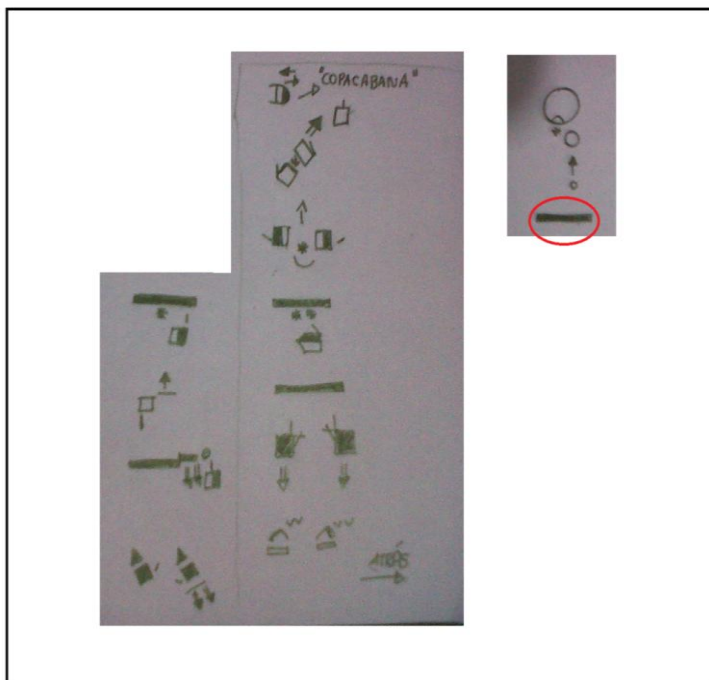


Outro verbo e sua escrita, ENSINAR:



A aluna surda, ao apresentar o uso do símbolo de vírgula na frase, torna que *queria encontrar a família em Belo Horizonte*, após esse tópico ocorre a vírgula e somente após o seu uso, ela pontua o que vai acontecer, no caso, *beber vinho e dar presentes*. Os movimentos nos dois planos estão corretos, mas o movimento mais complexo é com direção para trás, isso devido a questões visuais.

A próxima frase depois da pontuação que falava de Belo Horizonte era sobre o Rio de Janeiro onde ela usa o sinal de Copacabana para identificar o local e fazer a mudança da história. Veja:



Traduzindo:

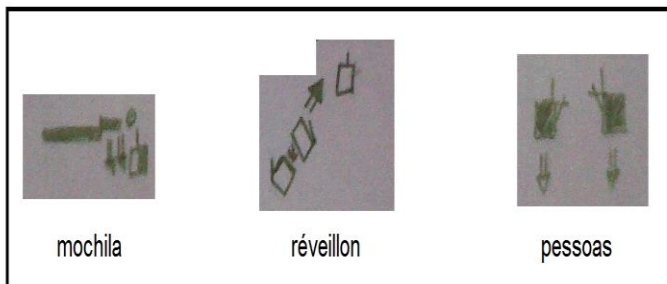
Eu vou usar mochila para ir à praia Copacabana no réveillon junto com amigos que são pessoas muitas legais.

Essa mudança de história após a pontuação se refere em não estar mais em Belo Horizonte como foi citado no primeiro parágrafo, pois passaria *o natal junto com família*. E o que mudou agora é estar com amigos para passar *o réveillon em Copacabana*. Desse modo não necessita colocar a vírgula, pois aluna fez um texto curto sobre o que faria no réveillon, encontrando-se *com pessoas legais*. Assim, foi diretamente para pontuação final.

As pontuações em escrita de sinais ocorrem do mesmo modo que na Língua Portuguesa, pois elas são utilizadas para a mudança de

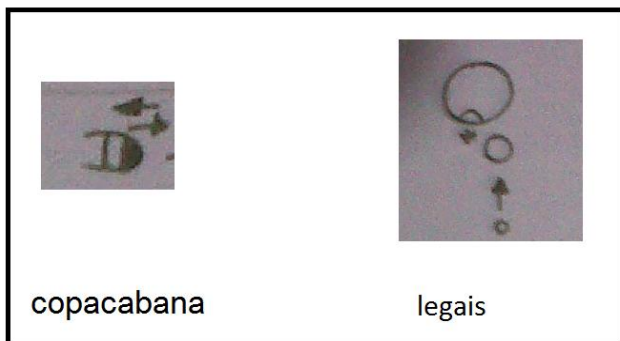
assunto ou finalização de uma idéia e auxiliam na leitura e compreensão do texto.

Agora apresento os movimentos no plano parede com setas duplas que vão na direção para cima ou para baixo:



Mostra-se que, como na primeira frase, não houve dificuldade. Nesse fragmento encontramos um sinal onde há apenas uma mão que vai para baixo e outro sinal que vai para cima. No terceiro, há um sinal com duas mãos que se movimentam para baixo. Nesses não se apresentou dificuldade.

E os movimentos no plano chão com setas simples que indicam a direção para frente ou para trás:



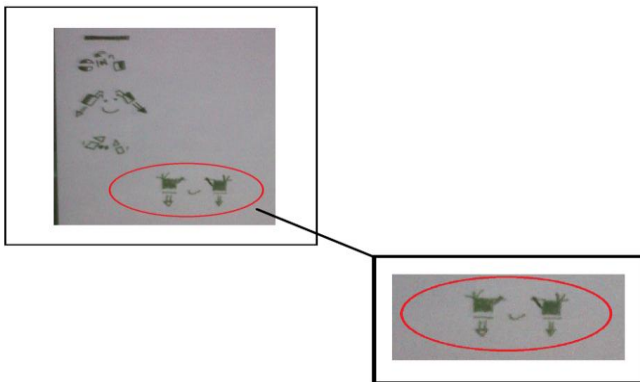
Os movimentos na primeira imagem no sinal de COPACABANA apresenta a direção para os lados e houve a escolha de duas setas simples. No outro sinal de LEGAIS houve a escolha do uso da seta simples com direção para frente. Ambas são corretas. Não foi

encontrado na produção um sinal que fosse representado com direção para trás.

A Acadêmica reconhece a utilização do ponto final que dá a mudança à história. Não há explicações desnecessárias, como passar o natal em Belo Horizonte e informar que o réveillon acontece uma vez no ano e que ela estaria no Rio de Janeiro, em Copacabana, no Réveillon. Tudo isso se dá pelos conhecimentos de mundo e ciência do tempo que o leitor deve apresentar.

Com tudo isso, percebe-se que a acadêmica surda aprendeu exatamente como se escreve de forma correta, utilizando os diversos símbolos de movimento. Em apenas uma frase curta ela apresenta três tipos, ou seja: movimentos com direção para cima, para baixo e para frente. Não foi encontrado na produção o uso do movimento com direção para trás e assim consegui comprovar o entendimento da aluna, ou se apresentou alguma dificuldade. Sinais com essa direção são pouco usados na produção, pois na maioria deles há um toque na cabeça ou no corpo. Quando há toque, ocorre a substituição do movimento por um dos seis símbolos de contato. Por exemplo ,o sinal de EU ou AMIGOS, onde não é preciso acrescentar o movimento para trás, pois o contato já dá essa informação.

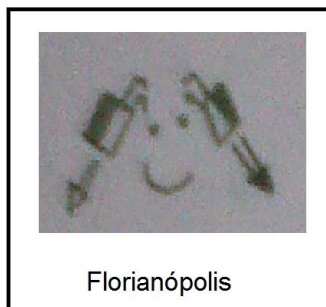
A seguir temos outro momento na história, quando a aluna coloca o ponto final, mas, ao terminar o texto, ela não colocou outro ponto final e sim o sinal de Fim.



Traduzindo:
Volto a Florianópolis para estudar FIM

Em todos os momentos em que a aluna utiliza o sinal de ponto final significa que outro assunto vai ser falado. Com isso, é possível perceber que ela irá a três cidades, como Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Florianópolis. Para finalizar a história, preferiu escrever o sinal de FIM, em coerência com libras, ao invés de colocar um ponto final, como acontece nos textos comuns e como é utilizado no Português. Assim sendo, ela está compartilhando o uso de uma escolha para uma sinalização realizada por contadores de histórias, que, ao contar suas histórias em Libras e, ao finalizar, utiliza-se do sinal FIM. Ela demonstra nessa escolha um conhecimento de mundo fundamental para alguém que conta histórias. Em textos que podem ser encontrados na internet, alguns autores sinalizam FIM e outros optam por apenas fechar os braços.

Aqui apresentamos um único movimento encontrado em um sinal, que é realizado com duas mãos, com direção para baixo, com setas duplas no plano parede:



Está correto novamente, pelo uso de setas duplas. Desse modo entendemos que o resultado é bom, não há confusão e onde devem ser colocadas e quais as setas seriam simples ou duplas.

Para concluir, na última frase da carta, a própria aluna buscou elementos culturais, com o uso do sinal FIM no final do texto, que não é usado em português. Essa escolha foi feita de forma lúdica devido à experiência tida na comunidade surda assim usou essa característica da língua materna.

Outro elemento muito importante para que possamos entender este texto é o estabelecimento da inferência a aluna falou sobre estar em Belo Horizonte e depois, no Rio de Janeiro, sem precisar explicar que pegaria um outro avião ou ônibus para ir ao outro estado e nem disse o nome da cidade do Rio de Janeiro, pois já se infere que Copacabana é uma praia famosa do Rio de Janeiro que todos conhecem.

São diversos tipos de conhecimento de mundo (ou modelos cognitivos, saberes, os frames, esquemas e planos) que precisamos partilhar com o produtor do texto, pois todas essas questões estão implícitas e foram inferidas por nós. Vejamos como Koch & Travaglia (1990, p 65) se referem ao papel desempenhado pelas inferências na compreensão global do texto:

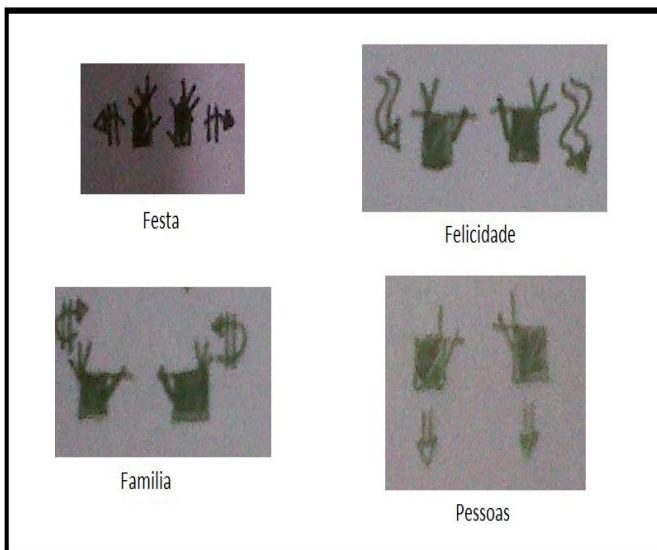
Quase todos os textos que lemos ou ouvimos exigem que façamos uma série de inferências para podermos compreendê-lo integralmente. Se assim não fosse, nossos textos teriam que ser excessivamente longos para poderem explicitar tudo o que queremos comunicar. Na verdade é assim: todo texto assemelha-se a um iceberg – o que fica à tona, isto é, o que é explicado no texto, é apenas uma parte daquilo que fica submerso, ou seja, implícito. Compete, portanto, ao receptor ser capaz de atingir os diversos níveis de implícito, se quiser alcançar uma compreensão mais profunda do texto que ouve ou lê.

Nesse caso, explica-se o uso da língua portuguesa pela aluna, ao escrever o termo COPACABANA, pois apenas com o sinal não seria possível compreender de que local ela estava falando. Poderíamos achar que era um outro lugar qualquer que não fosse uma praia a que ela se referia. Havia a possibilidade de se utilizar a soletração pelo alfabeto manual, como um empréstimo da língua portuguesa, mas no caso, ao invés dessa opção ela utilizou a escrita alfabética do português para o termo COPACABANA. No caso dos empréstimos de LIBRAS, os elementos apropriados são obviamente da língua portuguesa ou de outras línguas de sinais. (Brito, 1995).

Percebe-se que a escrita se desenvolve com a experiência anterior da escrita do português. Com ela consegue se apropriar da escrita de sua língua materna, que é a Língua de sinais. Assim, ela

escreve com boa organização, sem grandes problemas, comprovando que os surdos conseguem aprender mais uma língua sem prejudicar os conhecimentos que já tem da outra.

Muitas vezes nas escritas não encontramos o símbolo “ ∩ ” há momentos que ele é necessário, mas mesmo sem ser posto na pilha, é necessário compreender o que está se buscando dizer. Essa opção é causada por um interesse de economia na escrita, assim vejamos abaixo alguns sinais escritos em sua carta por uma aluna surda.



Como se pode ver, essa exclusão ocorreu, em diversos momentos, por mais que eu e a professora avisássemos várias vezes que seria necessário colocar o símbolo ∩, ela escrevia de forma natural e acabava excluindo o sinal, talvez por distração, mas não há perdas na leitura, é possível compreender o sinal.

Quando existem os sinais simétricos¹⁰, que são os sinais com movimento com direção para frente, para trás, para cima ou para baixo, os mesmos ocorrem apenas uma vez. Por esse motivo não há

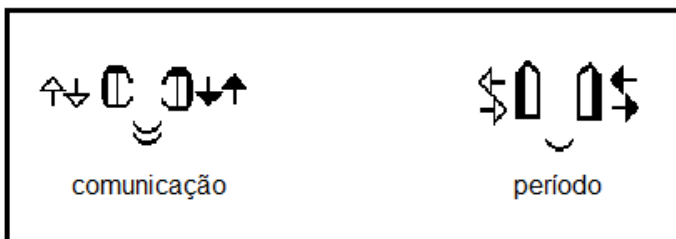
¹⁰ SIMETRIA: Caso as duas mãos se movam na produção de um sinal, então determinadas restrições aparecem, a saber: a CM deve ser a mesma para as duas mãos, a locação deve ser a mesma ou simétrica.

necessidade de colocar o símbolo \smile . Não encontramos um sinal que tenha um movimento contrário na mesma direção.

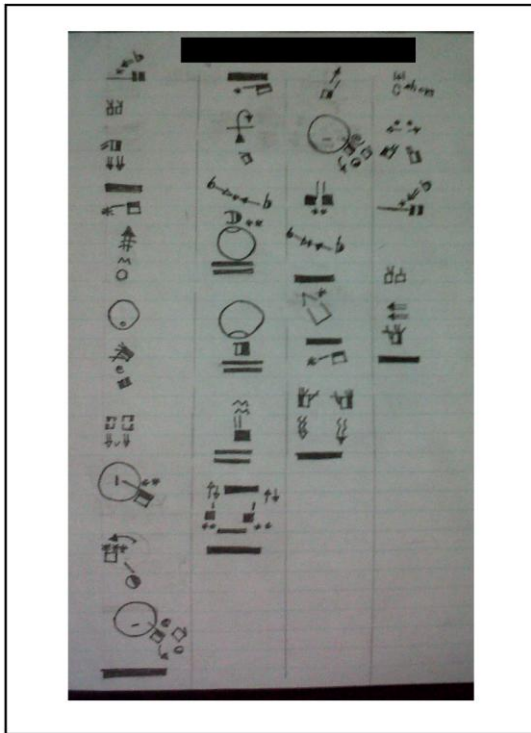
Entendo e reforço meu ponto de vista que esse não uso do símbolo, não prejudica o entendimento, pois ele ocorre naturalmente, por isso é aceitável essa exclusão do símbolo da pilha do sinal.

Essa ocorrência também não é uma realidade apenas no curso de Letras Libras, em Florianópolis. Isso também ocorre no estado do Ceará, onde há uma escola de Surdos,. Em contato com o professor de escrita de sinais, o mesmo me informou que nessa situação não há problema, pois existe a compreensão da leitura.

Deste modo, o símbolo que se opõe é o “ \frown ”, pois é ele, ao contrário do anterior, que necessita ser colocado. Por exemplo, se tivermos um sinal com as duas mãos que se contraíam com dois movimentos de setas simples ou duplas, ou circulações que vão e voltam mais de duas vezes, caso o símbolo não seja colocado, é possível gerar uma confusão. A presença desse símbolo de alternância do movimento reforça o entendimento para que não ocorra confusão com o sinal de movimento contínuo para mesma direção, que é esse \smile .



É preciso entender a diferença em dois aspectos: o primeiro aspecto é um movimento com a mesma direção, exclui-se o símbolo \smile , pois não é possível encontrar um sinal que apresente uma alternância com o símbolo \frown . O uso do símbolo de alternância mostra que sua presença é obrigatória para que se perceba que o movimento é repetido. O segundo aspecto tem referência à necessidade de utilizar os símbolos \smile , ou \frown para demonstrar se há repetição do movimento ou não,. Temos encontrado o símbolo \smile em alguns sinais, com repetição e voltas.

Produção do aluno ouvinte 2

Traduzindo em escrita de sinais para glosas de português:

Dia 22 de novembro viajar férias poder mãe cidade Maceió.

Eu ir encontrar tio, vovô, irmão, primo.

Lá Maceió também encontrar amigos eu feliz.

Voltar Florianópolis dia 21 fevereiro.

Traduzindo para português:

Dia 22 de novembro eu viajo de férias com mamãe para cidade de Maceió.

Eu vou encontrar o tio, o vovô, o irmão e o primo.

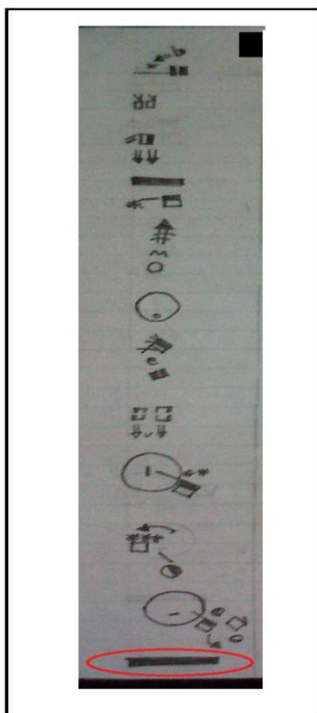
Estou feliz que lá também encontro amigos em Maceió.

Volto para Florianópolis no dia 21 de fevereiro.

O curioso, inicialmente, é que nesse texto não teve um assunto explícito. Foi organizado nos moldes do texto anterior, produzido por

um sujeito surdo, usando os símbolos como vírgulas e pontuações que marcam pausas, retomadas e alterações de assuntos, elementos necessários para o entendimento da Leitura.

A referência sobre plural ou singular em AMIGO ou AMIGOS, em Libras não ocorre como na língua portuguesa, na qual se vê as diferenças devido ao morfema de plural. Em Libras, é necessário informar antes, se irá encontra UM amigo ou MUITOS amigos. Não vou discutir essas questões em minha pesquisa, pois elas estão relacionadas as questões da tradução, mas de modo provisório e para fins desse trabalho, usaremos AMIGOS.

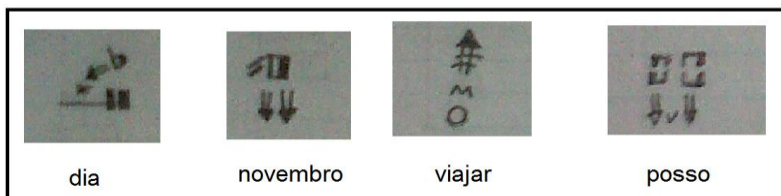



Traduzindo:

Dia 22 de novembro que eu posso viajar nas férias com mamãe para cidade de Maceió.

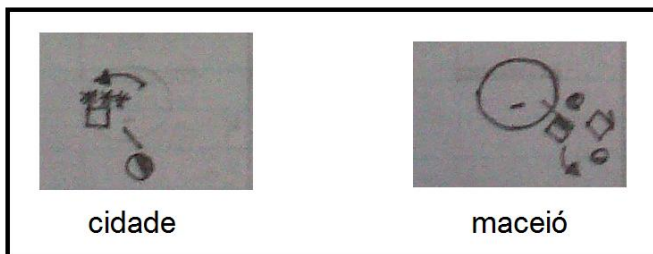
A autora do texto, agora uma ouvinte, iniciou informando o dia que poderia viajar junto com mamãe. Entende-se que a mãe está próxima a ela, para que as duas possam viajar juntas. Depois do relato há um ponto final. Nesta frase foram produzidos muitos sinais, com movimentos no plano parede e no plano chão. Em nossa análise veremos se a aluna demonstra o que aprendeu na primeira aula de consciência fonológica cujos parâmetros são os movimentos. Farei uma mesma análise conforme fiz anteriormente com a acadêmica surda, na produção da atividade final.

Movimentos no plano parede com setas duplas que vão para cima ou para baixo:



Três sinais que vão para baixo estão corretos, são eles: DIA, NOVEMBRO e POSSO. No sinal VIAJAR, não é possível ter certeza, pois ele foi escrito com um movimento inexistente. Ela produziu-o com movimento para cima. Na realidade, o símbolo seria apenas apresentado com um corte na seta e ela apresentou-o com dois. O correto seria esse movimento com apenas um traço no meio :  .

Movimentos no plano chão com setas simples que vão para frente ou para trás:



Vendo as imagens, reconhece-se a diferença das duas setas. Ela também conseguiu acertar as setas simples, no sinal de CIDADE, uma

seta simples que vai para frente e gira para o lado esquerdo. O sinal de MACEIÓ é composto de setas simples que tem direção para o lado direito podendo ser realizado de dois modos, com setas simples ou duplas, ficando a preferência para setas simples.

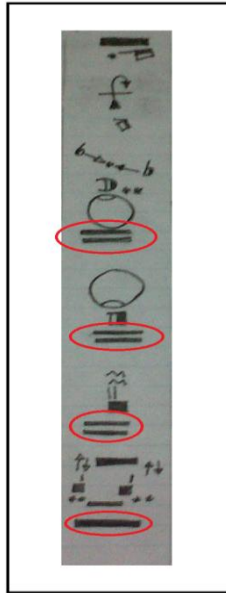
Apenas houve uma distração, bastante comum entre crianças ou adultos, ao “pintar” a configuração de mão, no sinal CIDADE, sendo que deve estar meio pintada, ou seja, meio branco meio preto



A aluna ouvinte já sabe organizar o seu texto, e isso acontece devido às comparações com o português por sua língua materna e, com o costume, comunica-se na escrita dessa língua. De igual forma ela não apresentou dificuldade na escrita de sua segunda língua, a língua de sinais. Os movimentos do plano parede e do plano chão estão sendo usados de forma correta, os três tipos, como os da aluna Surda.

O uso do movimento para trás não foi encontrado, devido ao uso de um substituto como no exemplo para EU e MÃE, que necessitam do símbolo de contato. Para isso não é necessário o uso de movimentos com setas simples.

Em sua escrita, após o uso do símbolo de *ponto final*, ela usa AC várias e vírgulas:



Traduzindo:

Eu vou encontrar tio, vovô, irmão e primo.

As vírgulas são as mesmas colocadas ao se escrever esse mesmo texto em Português. Ao se produzir o texto em português ou em sinais, não se diz o termo o virgula, pois sua função é favorecer ao leitor uma compreensão do texto. Não se fala e não se sinaliza as vírgulas no texto, elas indicam pausas no texto em português. Pela ausência de sons no texto em libras, elas são percebidas pelo movimento do corpo, no caso do número de parentes separado por vírgulas no texto, as mesmas são percebidas pelo movimento sutil da cabeça e o tronco para trás ou até podem ser contadas nos dedos para cada uma das sinalizações, mas não necessários para registrar na escrita.

Movimentos de plano parede com setas duplas com direção para cima ou para baixo não foram encontrados em nenhuma frase. A seguir apresento os movimentos no plano chão, com setas simples, com direção para frente ou para trás:



Os dois sinais que apresentamos têm suas produções corretas. A direção do primeiro é só ida, de uma vez que vai para frente e outro, que vai para trás. O segundo sinal é PRIMO, com um movimento alternado das mãos, sendo mais constante de ida e volta várias vezes, com direção para frente e para trás. Os dois estão com setas simples e com as cores correspondentes nas mãos, sendo que a mão direita é pintada de preto e outra, a esquerda, de branco.

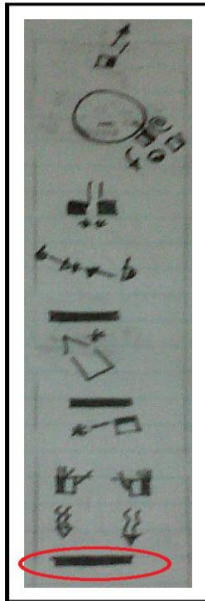
Com a exclusão de símbolo \smile no sinal de PRIMO, pode dificultar o seu entendimento, pois percebemos a necessidade de sua inclusão, para que não seja confundido com outros sinais que precisam do símbolo \smile . Há outro sinal encontrado cujo movimento se dá ao mesmo tempo e na mesma direção. É o sinal de SOFRIMENTO, que precisa do símbolo \smile para que se entenda que o mesmo indica a mesma direção e que as duas mãos não tem um movimento igual e simultâneo. No caso do sinal PRIMO, não se coloca o símbolo \smile , que pode gerar confusão, pois indica a mesma direção, de forma simultânea.

Observando melhor, percebe-se um pequeno erro na configuração de mão do sinal ENCONTRAR. A da esquerda está correta, mas a da direita ficou ao contrário, pois parece que são duas mãos esquerdas. Isso, aconteceu também com o sinal PRIMO, sendo que a configuração da mão referente à mão direita deveria estar ao contrário.

Aluna ouvinte demonstrou, por sua experiência em escrever português, seguir a mesma regra na escrita de sinais, para o uso das vírgulas. Mostrou em seu texto conhecer as regras da organização da escrita de sinais para assim ser possível compreender e fazer a leitura da escrita. Além disso, desenvolveu a habilidade de escrever corretamente alguns sinais com movimentos no plano parede e no plano chão e outros

com os parâmetros da fonologia em língua de sinais. Apesar da distração com o uso dos dedos nas configurações de mão, ao escrever, se parece com duas mãos esquerdas.

A penúltima frase mostra, depois de ponto final, sobre o encontro de parentes e também e de amigos, todos no mesmo local, Maceió.



Traduzindo:

Estou feliz que lá também encontro amigos em Maceió.

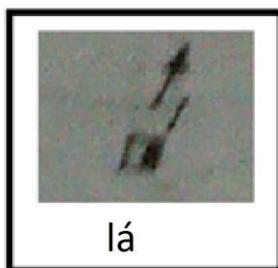
Não há o uso de vírgulas, a frase é direta e não havia necessidade para tanto e isso é bom para a leitura.

O movimento no plano parede, com setas duplas, que vai para baixo ou para cima só foi encontrado no sinal que apresento abaixo:



Não há erros em relação aos movimentos, do plano de parede e isso nos mostra a existência da consciência fonológica, na percepção da sinalização e seu registro. Nesse exemplo, a aluna ouvinte apresenta as duas configurações de mão e não comete o engano que apresentamos no exemplo anterior, onde havia as configurações de mãos iguais, não identificando que é preciso mostrar que a produção do sinal é realizado com a mão direita e com a mão esquerda. Acreditamos que no exemplo anterior, a produção das configurações de mãos iguais parece tratar-se, de duas mãos esquerdas, sendo um deslize da acadêmica.

Movimentos com setas simples que vão para frente e para trás são apresentados por alguns sinais da mesma maneira, na mesma carta, por esse motivo, mostrei apenas os sinais que não se repetem:

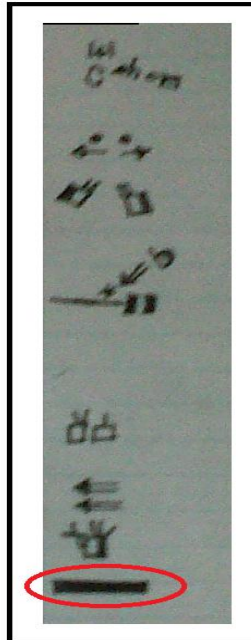


Essa produção apresenta um resultado satisfatório ao se colocar setas simples com direção para frente, como no exemplo do sinal LÁ.

A estudante ouvinte mostrou que tem capacidade para escrever na sua segunda língua, sem grande problema, Isso comprova que qualquer sujeito pode aprender a escrita de sinais. O ouvinte como segunda língua e surdos em sua primeira língua. A base para o aprendizado é ter uma primeira língua para desenvolvê-la na língua

escrita. Em nossa análise mantém-se correta a escrita dos movimentos no plano parede e no plano chão.

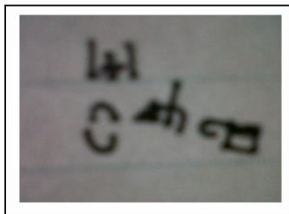
Ao finalizar com a escrita da última frase, diferente da aluna surda que escreveu o sinal FIM, que é o uso comum em produções em libras, ela optou pelo uso do símbolo que representa o ponto final.



Traduzindo:

Volto para Florianópolis no dia 21 de fevereiro.

A Aluna ouvinte escreveu, no final de sua história, que voltaria das férias para Florianópolis, com uma frase curta, com ponto final. Também ocorreu mais uma vez uma distração, pois necessitava preencher (meio preto, meio branco) devido ao plano em que o sinal de VOLTAR se encontra. O lado pintado seria o esquerdo.



Buscando os últimos movimentos com setas duplas, com direção para baixo ou para cima, só foram encontrados apenas os que vão para baixo e alguns com setas simples, com direção para lado direito e outro para lado esquerdo. Os sinais encontrados foram o de FLORIANÓPOLIS e outro sinal de FEVEREIRO, sendo os dois com setas duplas que indicam o lado esquerdo. Nesse sinal, o uso de setas duplas ou setas simples fica a escolha do usuário.

Nos sinais de FLORIANÓPOLIS e FEVEREIRO não vejo problemas em separá-los e sem necessidade de dar explicação, porque os dois podem apresentar qualquer uso das setas.

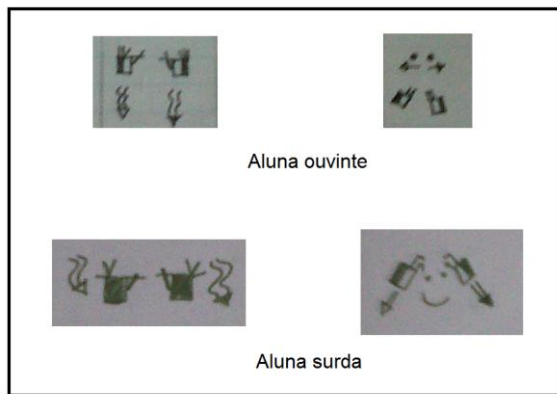
O sinal de DIA, com setas duplas, está correto, pois sua direção é para baixo, mas o dedo deveria estar no lado direito, ao contrário do que a aluna apresentou, pois está no lado esquerdo.



Já havia comentado a respeito da exclusão do símbolo \smile , pela a aluna surda, o mesmo ocorre também com aluna ouvinte, pois ela, igualmente, utilizou o sinal para FELIZ e o de FLORIANÓPOLIS, sem o uso do símbolo, mas, mesmo assim, é possível entender a leitura.

Observando a figura para ver a comparação entre eles, verifica-se, por coincidência, que aluna ouvinte escreveu dois sinais simétricos e

excluiu um símbolo, conforme a aluna surda procedeu. Portanto, deu para perceber que as duas escreveram FELIZ sem ter um símbolo correspondente. E ao de FLORIANÓPOLIS, aluna surda acrescentou o símbolo, mas não teria problema se o tivesse excluído ou acrescentado, pois não haveria confusão na leitura.



A diferença no sinal FELIZ, estabelecido pelas duas alunas pode ser observada a partir das cores. Uma pintou toda a configuração de mão e a outra usou a forma que chamamos de “meio pintada”. Além disso, há a escolha onde colou o movimento, um ao lado da configuração de mão, e outra em baixo, tudo isso por similaridade e subjetividade de cada uma das acadêmicas. O sinal FLORIANÓPOLIS difere-se pela locação de movimentos e os símbolos de contato. Nobre comenta que:

De acordo com as análises, as principais similaridades e subjetividades aparecem nas escritas “alofônicas”. Essa característica foi identificada através de pilhas que usavam elementos diferentes, mas continham o mesmo significado, quanto a subjetividade essa característica se apresentou na disposição dos elementos na pilha, isto é, na posição (lado direito, lado esquerdo, em cima, em baixo etc) dos símbolos contato e movimento. (2011, p.150).

A aluna, algumas vezes, não preenche alguns sinais que seriam necessários ao preenchimento. Esses erros podem ocorrer devido que a escrita da língua portuguesa não apresentar nenhuma característica como essa de preenchimento.

Também, nessa atividade, apenas a aluna surda utilizou o sinal FIM para o termino de seu texto, todos os outros utilizaram o sinal de ponto final.

Com todas essas análises, percebemos a capacidade de se escrever para estabelecer uma comunicação, para que não ocorram mais erros em sinais, com movimentos no plano parede ou plano chão.

4.5.2.1 Análise Comparativa

a) Análise de um sujeito surdo e de um ouvinte

O quadro a seguir mostra o uso da escrita na atividade final. O símbolo (-) indica que os sujeitos não fizeram uso do símbolo, na escrita, à semelhança do português, enquanto o símbolo (x) indica que a escrita foi usada seguindo a mesma estrutura da língua Portuguesa.

Escrita	Surda	Ouvinte
Assunto	X	-
Uso do símbolo de vírgula	X	X
Uso do símbolo de Interrogação	-	-
Uso do símbolo de ponto final.	X	X

Quadro 12 – O uso da qualidade da escrita à semelhança de português pelos sujeitos surdo e ouvinte na atividade final.

De acordo com o quadro acima, verifica-se que os dois sujeitos usaram o símbolo de vírgula e ponto final na atividade final. O uso desses símbolos, para a organização na produção da escrita e da experiência, referenciam as pausas e retomadas do texto, além e de identificar quantidades.

O uso dos pontos finais tem como intenção a mudança de tópico na história. O resultado apontou que a maioria fez o uso desse sinal de forma semelhante no português.

Observou-se que apenas um sujeito surdo fez uso desse sinal e “ASSUNTO”. Portanto, não há diferença entre surdos e ouvintes, pois alguns surdos não usaram a descrição do assunto que contariam e outros ouvintes o usaram. Então essa é uma decisão pessoal, baseada em uma ação de liberdade ao escrever um texto, no caso, uma carta.

Nenhuns dos dois sujeitos ou outros acadêmicos usaram o símbolo de interrogação, pois estava respondendo um questionamento feito pela professora, e a resposta não exigia interrogações.

No quadro seguinte observamos a quantidade da consciência fonológica referente ao que os alunos conhecem ou não, ou o que antes eram dificuldades. O quadro revela a aplicação da atividade, de uma forma lúdica, trabalhando as regras e desenvolvendo a memória através da prática de exercícios, que trabalham somente com os movimentos, que geram significados aos sinais.

Escrita	Surda	Ouvinte
Movimentos no plano parede	-	-
Movimentos no plano chão	1	-

Quadro 13. A quantidade e o uso com dificuldades nos movimentos após terem feito atividade de consciência fonológica.

Os dois sujeitos não tiveram dificuldades com movimentos no plano parede e demonstraram ser mais fácil memorizar os movimentos com direção para cima ou para baixo, com uso de setas duplas.

Um dos acadêmicos surdos errou um movimento de plano chão, no sinal de BEBER, que tem um movimento com direção para frente. Ele se enganou colocando o movimento para trás e essa dificuldade também apareceu no primeiro exercício, com o sinal para RESPOSTA. O aluno ouvinte não apresentou erros, usando todos os movimentos e suas direções sem nenhum engano.

Antes da atividade realizada sobre a consciência fonológica, os erros eram constantes, o que gerava muitos problemas na leitura. Era

trabalhoso descobrir o significado do sinal na pilha produzida. Muitos elementos da construção do sinal eram esquecidos.

Nas observações feitas por mim, os alunos, ao produzirem as cartas não contaram com apostilas para consultas. Estavam despreparados para uma consulta no material que não se encontrava com eles. Desse modo, pudemos identificar que eles realmente sabiam diferenciar os dois movimentos com setas duplas e setas simples.

Para pesquisas futuras, seria interessante temas como elementos da escrita da língua de sinais, que não são usados na escrita do português. Por exemplo, nos textos das atividades, os alunos surdos apresentaram a escrita de seus sinais e não seus nomes soletrados bem como a escolha do uso do símbolo FIM para finalizar os textos. Também é possível discutir sobre os usos desses dois símbolos \smile e \frown e pesquisar sobre a necessidade de incluí-los ou não nas pilhas para construção do sinal.

4.5.3 3º passo: Estrutura de texto

Como última aplicação do trabalho, solicitou-se aos alunos que fizessem, em escrita de sinais, qualquer poema em libras e, por coincidência, os alunos (dois surdos e dois ouvintes que formaram duas duplas diferentes) fizeram o mesmo trabalho, utilizando um vídeo do youtube¹¹, com a sinalização de Lívia Vilas Boas. Fizeram um poema em libras, legendado em língua portuguesa. Os alunos não transcreveram todos os sinais do poema, pois a pesquisa solicitava que se transcrevesse o máximo que fosse representado na escrita, por cinco linhas verticais, com seis sinais escritos em cada linha.

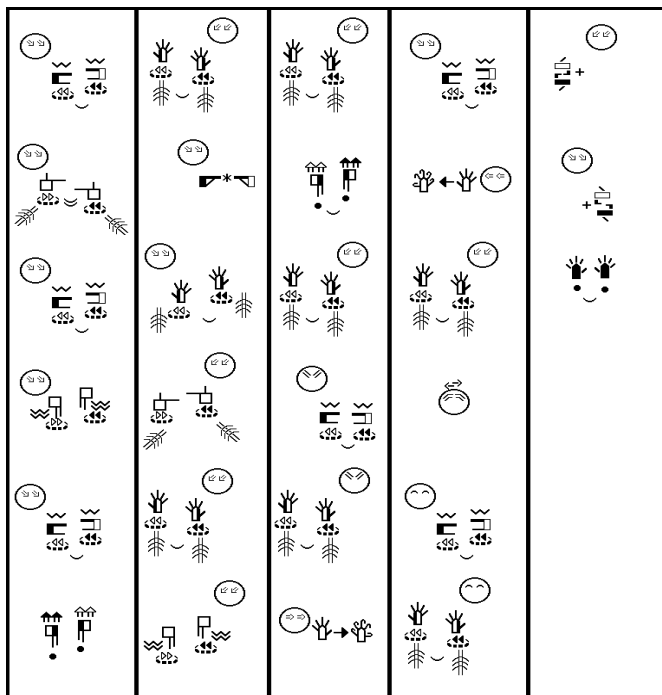
Ao final dessa etapa, apresento uma análise da atividade feita pelos sujeitos surdos e ouvintes, observando determinadas ocorrências

¹¹<http://www.youtube.com/watch?v=her93sHy7L0>

que indicam coerência e incoerência, usando a escrita de sinais, visando a compreensão da leitura e também o resultado de uso dos movimentos no plano parede e no plano chão.

A poesia em língua de sinais apresenta mais o uso da marcação do espaço, pelos olhares, a separação de sentenças e também as marcações de interrogação. Veremos o que os alunos surdos usaram:

I Trabalho feito pelos alunos surdos



Traduzindo:

Poema: Mundos

Bocas falam e riem
 Bocas falam e caminham
 Bocas falam e pulam
 Bocas falam e beijam

E as mãos?
Mãos falam e riem
Mãos falam e amam
Mãos falam e caminham
Mãos falam e pulam

Escolher bocas...
Ou escolher mãos?

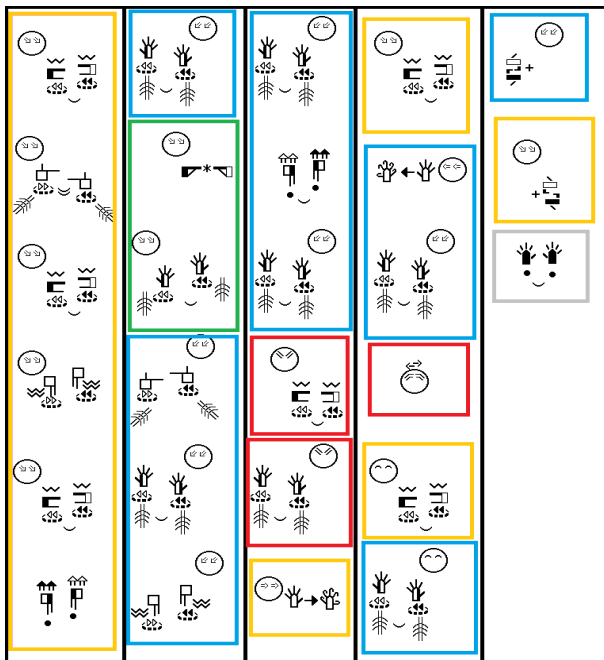
Bocas me fascinam
Mãos me maravilham

Me alegro ao entrar no mundo das bocas
As bocas comunicam

Me alegro ao entrar no mundo das mãos
As mãos comunicam

Posso unir as mãos e as bocas.

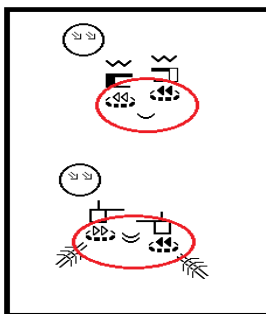
Os alunos surdos representaram o poema, através da escrita, sem marcar os elementos de coerência gramatical, mostrando suas diferenças em relação ao que era feito pelas bocas, em língua oral, e o que era feito pelas mãos, em língua de sinais, quebrando dessa forma a coerência que deveria mostrar claramente a oposição entre os elementos.



Para representar a mudança de assunto e de coerência na representação escrita, o texto foi marcado com diferentes cores. Os blocos em amarelo mostram as representações escritas que se referem às estrofes do texto que falam da boca. Os blocos em azul mostram as representações escritas que se referem às estrofes do texto que falam das mãos. O bloco em verde mostra as partes da escrita em que não há os elementos necessários como os da sinalização do texto, para diferenciar a função da boca e das mãos. Logo após a sinalização do beijo, que é realizado pela boca, o texto menciona as mãos que são sinalizadas num espaço específico para marcar a oposição de ideias. A não representação desse espaço na escrita é o principal elemento que afeta a coerência do texto. Os blocos em vermelho mostram os símbolos que representam a parte do texto com sentenças interrogativas. Os alunos registraram a expressão de atenção que é diferente da expressão de interrogação, que, conforme a gramática da língua de sinais, é feita com as sobrancelhas para baixo. Dessa forma representaram duas perguntas: Língua Oral? Ou língua de sinais? O bloco em cinza representa o símbolo da conclusão

do texto, em que a junção das duas línguas é feita através do sinal de inclusão.

Um bloco mostra que não há representação escrita de elementos como vírgulas, interrogação e outras pontuações. A leitura do texto fica contínua, sem pontuação, o que afeta o entendimento, por parte do leitor, dos elementos de coerência da história. Os alunos mostraram uma preocupação voltada exclusivamente para representar e organizar elementos como locação, olhares e alguns trechos com expressões faciais de acordo como foi falado, sem, no entanto, representar elementos como as pausas que mostram a coerência na escrita de sinais.



Nos círculos em vermelho destacou-se a escrita dos movimentos na frase “bocas falam e riem”, conforme a sinalização do texto original em português. No símbolo que representa a parte do texto “bocas falam”, o movimento foi marcado com dois símbolos de rotação circular, com as setas voltadas para o mesmo lado em ambos os símbolos, mas com e sem preenchimento para diferenciar a mão esquerda da mão direita.

Destaca-se o acerto no uso do símbolo de movimento, \smile ¹², que importante principalmente por tratar-se do gênero poema onde percebemos bastante influência da “musicalidade” da produção sinalizada.

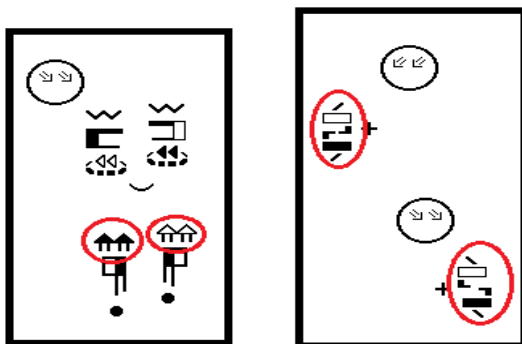
¹² \smile : Linha de simultaneidade – ambas as mãos movem-se ao mesmo tempo, com movimento de circulação ou direção.

Além do mais, o símbolo \smile não foi excluído por ter a rotação circular que se movimenta na mesma direção, com alternância, de forma repetida. Essa rotação circular também pode ocorrer na alternância.

Na representação do próximo trecho “riem”, foram utilizados símbolos diferentes para representar o movimento com setas opostas e, principalmente, pela utilização do símbolo \sphericalangle ¹³, além de combinar dois movimentos entre setas, o mesmo diferencia também a direção do movimento das duas mãos como uma forma de representar a intensidade da produção do sinal.

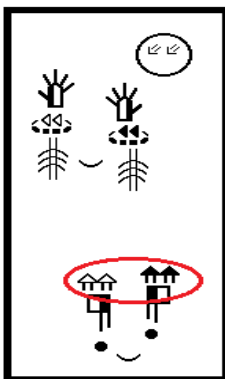
Os alunos surdos tomaram cuidado em cada pilha, inclusive com os movimentos com setas que combinem com os símbolos de \smile e \sphericalangle . Essas combinações são elementos que demonstram o aprendizado dos alunos que formam a pilha, dando sentido às conexões.

Apesar do cuidado, houve um erro perto da finalização. Aconteceu uma troca das setas duplas do lado direito e do esquerdo, bem como na configuração de mão que deveria apontar para cima, mas ficou para baixo. Além disso, houve a troca da cor das setas, que deveriam ser o contrário do que foi apresentado.

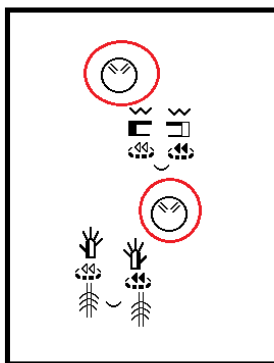


¹³ \sphericalangle : Linhas de movimento alternado – A mão direita move numa direção, enquanto a mão esquerda move na direção oposta. É um movimento realizado de forma diferente de circulação ou direção entre as duas mãos.

O erro aqui representado aconteceu por deslize, porque no primeiro sinal de pular, “bocas pulam”, ocorreu a troca, mas não ocorreu para o mesmo sinal de pular, para “mãos pulam”. Apenas nesse aspecto acontece o engano, pois nos outros momentos os sinais estão corretos.



Nesse trecho os alunos reproduziram corretamente a escrita das expressões faciais de interrogação, no entanto, a marcação usada por duas vezes faz com que o leitor pense em se tratar de uma pergunta, quando, na verdade, o texto mostra as duas perguntas .

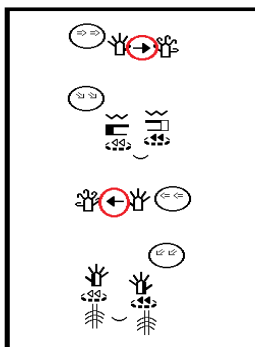


Aliás, os acadêmicos organizaram a estrutura do sistema SignWriting pela representação da sinalização e da espacialização que a língua de sinais utiliza, em três dimensões espaciais, essencialmente,

para o uso da marcação das relações sintático-semânticas. Stumpf comenta que:

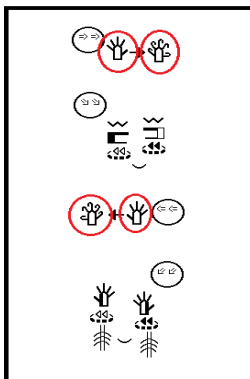
Na última versão do SignPrinting, descrita aqui, a notação e leitura do texto se efetua em colunas da esquerda para a direita. Uma coluna comporta três trilhos: O trilho do meio representa o eixo central que passa pela cabeça e o meio do corpo em posição neutra; os trilhos da esquerda e da direita permitem delimitar duas sub-colunas simétricas em relação à trilha central. Essas duas sub-colunas e os dois trilhos externos servem para criar referências de deslocamentos em relação à posição neutra do corpo e da cabeça. Passamos a dispor então de quatro posições possíveis sobre um mesmo eixo horizontal. Essa escrita em colunas procura solucionar o interrogante de como escrever uma língua tridimensional num espaço plano como é o papel (,2005, p.55)

A marcação de expressão facial é estabelecida com o uso das sobrancelhas bem expressivas, que indicam interrogação. Pela experiência visual dos alunos surdos, eles estavam mais atentos às respostas das perguntas e assim aprenderam a estrutura organizacional do sistema SignWriting. Este se separa em três eixos, sendo que o eixo do meio refere-se ao tema principal em relação à história que está sendo contada. Nesse sentido, existem três dimensões espaciais.




Ao escrever a sinalização de “fascinação”, com uma seta preta, que sai apenas da mão direita, a mesma representa exatamente a forma

como a sinalizamos. O sinal de coesão foi corretamente representado, conforme podemos observar acima.



Nessa imagem podemos observar como os dedos foram representados, no entanto, próximo à frase, percebemos que para o sinal “maravilham” não há uma conexão correta da leitura, pois para sinalizar a mesma mão direita indicando em direção à esquerda, o mesmo deveria

ser representado dessa forma  tal como foi feito, de forma análoga oposta, na representação anterior.

Novamente apresentamos mais um pequeno erro, pois eles sabiam a diferença das cores utilizadas para sinais apresentados com a mão direita ou a esquerda, o uso dos dedos nas configurações das mãos nos exemplos anteriores, como, por exemplo, de MÃOS que falam.



Na sinalização do texto, a parte do narrador que fica no meio, os sinais referentes à boca são feitos do lado direito e os sinais referentes à mão são feitos do lado esquerdo. A pergunta no texto em português quanto à dúvida entre escolher a boca ou os sinais é representada, no texto sinalizado, com o olhar para um lado e para outro, ficando no meio dos dois espaços. Durante as aulas, os alunos já aprenderam a escrever as diferentes referências do espaço, as quais acertaram na representação desse trecho do poema, em escrita de sinais.

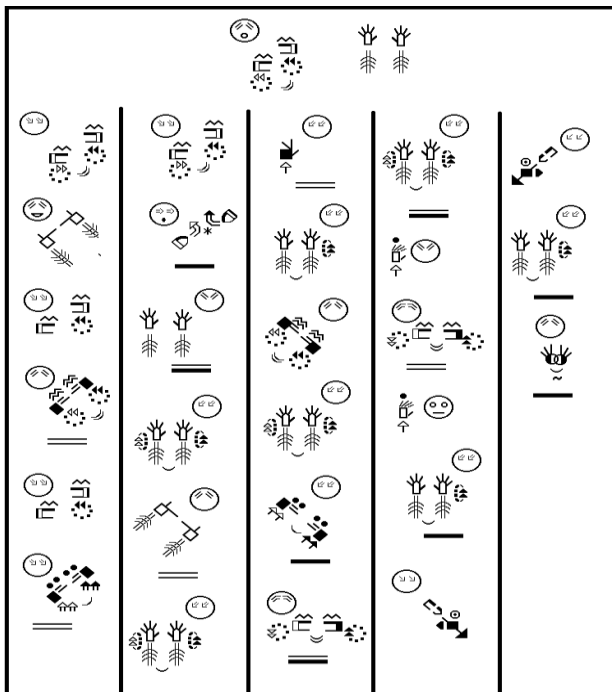


Esse quadro indica a representação do sinal que finaliza o poema. O sinal não tem uma tradução equivalente para o português. É como se a tradutora apresentasse o desfecho final do poema após o cansaço que a dúvida deixou. Mais uma vez o que foi representado pelo narrador ficou no meio.

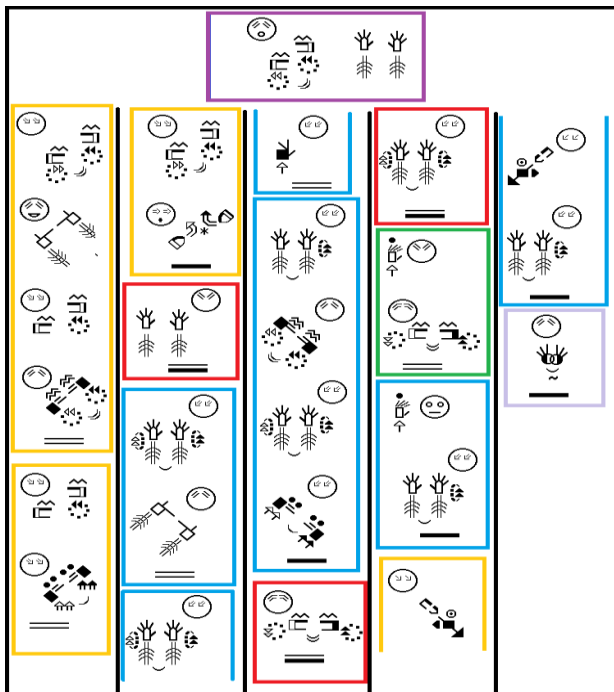
Em síntese, os alunos surdos acertaram na escrita pelo cuidado maior na representação dos movimentos, configurações e expressões faciais, elementos de coesão do texto. Apresentaram poucos erros, que foram as trocas de cores e de dedos. No entanto, não utilizaram figuras para representar as pausas, ponto final e outras pontuações. Com isso não sabemos onde começa e termina uma sentença, o que afeta o seu entendimento.

No final de atividades realizadas, percebo que os alunos surdos se preocupam apenas com o registro do sinal, de forma isolada, acertando assim muitos parâmetros da fonologia, mas não se preocupam com a organização textual. Ao comentar este tema com os alunos, eles concordaram que havia necessidade em aperfeiçoar alguns aspectos. Não sabem também que a escrita é o sistema mais preocupante em relação à leitura e à compreensão e interpretação.

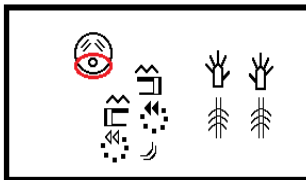
Abaixo segue o registro do trabalho feito pelos alunos ouvintes, com o mesmo poema feito pelos alunos surdos, para que possamos analisar como foram representados os elementos de coesão.



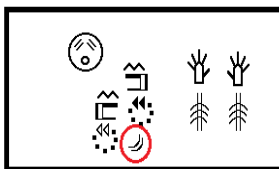
Ao analisar esta representação, percebe-se já uma organização diferente daquela feita pelos alunos surdos, pois reflete a experiência própria que cada aluno tem com a escrita de sinais. Isso porque os ouvintes já têm uma influência da utilização da escrita na representação de sua primeira língua. Nesse caso, o ensino da escrita da língua portuguesa, com todos os elementos para marcar a coesão e coerência, conforme as regras gramaticais, acontece desde o ensino elementar. São esses os aspectos que diferenciam a escrita da língua oral. Veremos o que eles organizam:





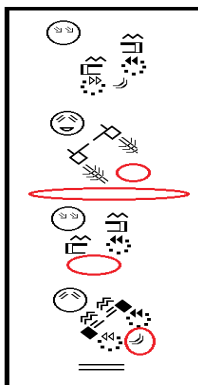
Para facilitar a compreensão, apresento recortes dos quadros, relacionando os símbolos como vírgulas, interrogações e pontos finais. Aqui, diferente do trabalho dos alunos surdos, agrupamos em seis cores os elementos de representação do texto, pois há na escrita dos ouvintes a representação do tema do poema, que não apareceu na escrita dos surdos. Apresento as divisões em cinco cores. O bloco verde traduz a ideia de oposição ao marcar o espaço em “fascinação”, direcionando-se para esquerda com uma referência de mão, que deveria indicar para a direita na continuação do contexto, querendo dizer que as bocas falam. No entanto, a marcação do espaço, no final, na entrada do mundo de bocas e no mundo de mãos dentro do bloco amarelo e do azul está certa. Porém, verificou-se um deslize em uma configuração na direita, devido a uma escolha de movimento, com seta preta para a direita, que devia ser representada por uma seta branca, associando-se a uma configuração à esquerda.




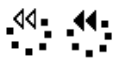
Na escrita do tema, os alunos ouvintes destacaram também o movimento da boca, para frente, juntamente com o olhar, como se quisessem destacar a posição do narrador que fala sobre o tema. Durante a representação do texto, no entanto, não destacaram a boca na sinalização.




O símbolo  com as setas  , porém, são conflitantes, pois mostram movimentos opostos. Para representar esses movimentos, as setas deveriam estar direcionadas para lados opostos. Já as configurações das mãos estão corretas , mas para dar sentido ao tema e fazer um questionamento, os alunos utilizaram-se da expressão facial.



Na parte referente a “bocas que RIEM”, com destaque ao termo “riem”, não vemos a utilização de símbolos de movimento tais quais os alunos surdos utilizaram, mas a representação pode ser considerada correta também. Isso porque na representação de “bocas que falam” são necessários os símbolos de movimento, indicando o lado, pois o sinal pode utilizar circulações diferentes, mas para o sinal de “riem”, pode-se mudar a posição sem ser necessário marcar a direção ou a circulação.

O sinal que se refere a “bocas que PULAM”, no caso específico do sinal PULAM, ocorre o mesmo erro representado pelo símbolo , com as setas . Elas são conflitantes, pois mostram movimentos opostos, assim entende-se que o movimento deve ser ao contrário.

Os alunos ouvintes mostraram menos cuidado na conexão de setas e símbolos como o , diferente dos alunos surdos, que apresentam esses elementos para conectar a pilha.

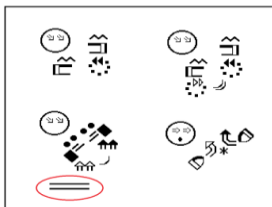
O círculo vermelho, mais largo, indica o que corresponderia ao local da vírgula em língua portuguesa. No texto sinalizado, vemos mais vírgulas quando há pausas, nas comparações referentes à boca ou às mãos. Essas estrofes estão separadas por vírgulas.

No entanto, o trecho já apresentado que fala sobre as bocas é organizado sem vírgulas. O texto da poesia, em escrita portuguesa, apresentou o uso de pausas ao invés de vírgulas.

Bocas falam e riem
Bocas falam e caminham

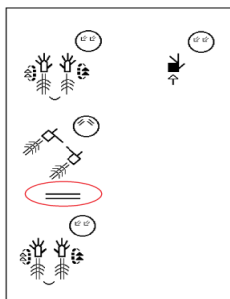
Na escrita de sinais, o texto apresentou vírgulas e pausas em português:

Bocas falam e pulam
Bocas falam e beijam



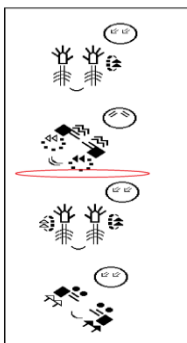
Quanto às “mãos falam...”, as configurações são escritas num outro eixo. As frases, na escrita de sinais, apresentam vírgulas, quando se apresenta pausas em português:

Mãos falam e riem
Mãos falam e amam



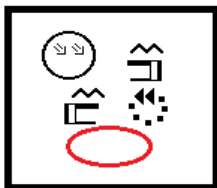
Agora, sem vírgula e com a presença de pausa em português:

Mãos falam e caminham
Mãos falam e pulam



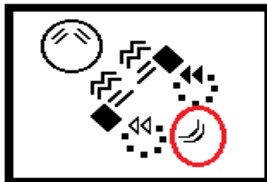
Apesar de serem as mesmas frases, há a diferença entre as sentenças que falam das bocas e que falam das mãos. Então, por qual motivo uma frase que, apesar da mesma repetição dos sinais como no trecho sobre as bocas ou as mãos, algumas tem vírgulas e outras não? Para entender melhor, é preciso compreender que o gênero poesia é muito diferente da produção de um texto comum. Em português, há pausas em uma poesia, diferente de um texto como uma carta, que não tem. Desse modo, é necessário que se convençionem regras para serem usadas na escrita de poesias em língua de sinais da mesma forma como está ocorrendo com regras na produção de textos de uso cotidiano.


O círculo seguinte, no trecho sobre as bocas, mostra a mão direita com o movimento de circulação e a mão esquerda sem o movimento. Essa é uma representação agramatical, pois o sinal que tenta representar na escrita tem o significado de que “todos falam” ao mesmo tempo, representado pelo movimento das duas mãos simultaneamente. Da forma como foi escrito, foi omitido um símbolo que daria o significado correto ao sinal.

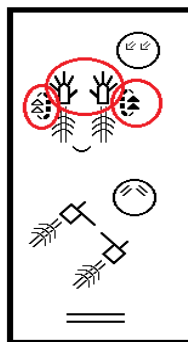


Normalmente há o esquecimento desse tipo de símbolo, que, geralmente, não é percebido durante a organização da pilha no sistema de escrita de sinais.

Outro símbolo sobre o “pular”:



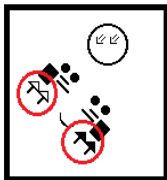
Como foi explicado anteriormente, o símbolo  não pode ser escrito junto a essas setas (imagem).







A escrita desse sinal, portanto, apesar do deslize, deveria ter as mãos “pintadas” (preenchidas) pela metade. Isso acontece com as crianças, indicando a visão do sinalizador da lateral de suas mãos com as palmas voltadas uma para a outra. Da forma que foi escrito, é agramatical, pois falta esse preenchimento. Também os símbolos de movimentos que foram colocados para representar a circulação, com linhas finas, que significam que as mesmas são produzidas de baixo para cima. O correto seria colocar movimentos grossos, de rotação, como




, indicando a direção para e frente para trás.



Precisamos tomar cuidado com a diferença dos movimentos

entre   ¹⁴ e   ¹⁵ que acabam se confundindo, pois devia ser


colocado este movimento  já que as mãos FALAM e PULAM. Da mesma forma está correto na primeira frase de as bocas FALAM e


PULAM na qual foi apresentado com os movimentos de  .

Finalizando as observações quanto ao espaço, que adquire significado através do próprio contexto do gênero textual, sem necessitar de símbolos assim, pode-se afirmar que o “entrar no mundo

das bocas” já é percebido pelo contexto.

É um caso de referentes ausentes, em que um ponto arbitrário no espaço de sinalização será associado ao mesmo. Assim, é possível associar “Bocas” a um ponto específico à direita e “Mãos”, a um ponto específico à esquerda. Então, as formas pronominais são direcionadas para esses pontos arbitrários no espaço: à direita para “Bocas” e à esquerda para “Mãos”. Lillo-Martin & Klima (1990) chama essa

¹⁴  O plano chão corta o corpo como um tampo, de mesa, para frente e para trás em duas vezes nas mãos de direita e esquerda.

¹⁵  O plano parede corta o corpo como uma porta de lado a lado. Movimentos paralelos com o plano parede são para cima e para baixo em duas vezes nas mãos de direita e esquerda.

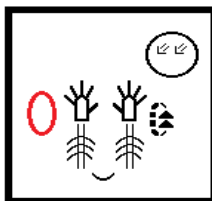
disposição dos locais para a referência associados a um referente de “estrutura da referência”.

Os sujeitos ouvintes aprenderam da mesma forma que os surdos sobre o uso das três dimensões do sistema e sua estrutura para o uso do espaço na sinalização e isso foi desenvolvido sem dificuldades.

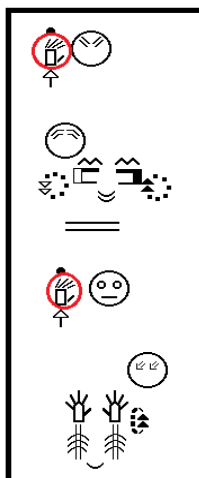
Mais uma vez com a perda de um símbolo como já expliquei



acima de uma figura fica a agramatical:



A mesma situação com sujeitos surdos que cometeram um pequeno deslize, devido à falta de atenção com os dedos, associado às setas. Os sujeitos surdos colocaram a seta direita com a configuração da mão esquerda e os sujeitos ouvintes colocaram a seta esquerda com a configuração da mão da direita.



Os sujeitos ouvintes da pesquisa apresentaram uma boa coesão e coerência ao escrever. No uso dos símbolos, é possível verificar pontos de mudanças presentes na história, porém tiveram algumas falhas devido à omissão de símbolos de movimento, da presença de símbolos contrários de movimentos em uma mesma pilha, de pequenos deslizes com o formato dos dedos e também do preenchimento das configurações de mão.

Após o término dessa disciplina, alguns alunos reclamaram por não haver continuação do uso da escrita de sinais em outras disciplinas, pois temem que ocorra o esquecimento devido à ausência de materiais e da prática para aperfeiçoamento. Como comprova a pesquisadora Fernandes em alguns depoimentos coletados com alunos ouvintes em seu estudo, quando afirma :

Através dos depoimentos aqui transcritos fica evidente que os universitários ouvintes necessitam da continuidade do uso da escrita para relembrar o conhecimento que foi adquirido, através da disciplina de Escrita de Língua de Sinais, ministrada durante um semestre. (2011, p 71).

4.5.3.1 Análise da produção dos sujeitos surdos e ouvintes

O quadro a seguir mostra o uso da escrita, no trabalho final. Continuando com o mesmo símbolo (-) que indica que os sujeitos não fizeram uso desse símbolo na escrita de acordo com o português, enquanto o símbolo (x) indica que a escrita foi usada seguindo a norma do português.

Escrita	Surdos	Ouvintes
Assunto	-	X
Uso do símbolo de vírgulas	-	X
Uso do símbolo de Interrogação	-	X
Uso do símbolo de ponto final.	-	X

Quadro 14 – O uso de qualidade da escrita à semelhança do português por sujeitos surdos e ouvintes, no trabalho final.

De acordo com o quadro acima, verifica-se que os sujeitos surdos não utilizaram a escrita de forma semelhante ao do português enquanto que os sujeitos ouvintes a utilizaram em todos os pontos da análise. Isto demonstra que os sujeitos surdos preferiram descrever a sinalização apenas como ela se apresentou no vídeo, pois não estavam habituados na organização de um sistema de escrita. Os ouvintes, possivelmente pela influência do aprendizado da língua portuguesa escrita e de seu sistema, utilizaram-se da organização e de elementos presentes em uma escrita. Nas duas situações, pela escrita não estar organizada do mesmo modo, não farei uma contagem de uso de cada elemento.

No quadro seguinte, será mostrado o uso de qualidade da escrita, com marcação da expressão facial, incluindo a sintaxe de perguntas e de espaço que a fala da língua de sinais apresentou no vídeo.

Escrita	Surdos	Ouvintes
Expressão Facial	X	X
Espaço	X	X

Quadro 15 – O uso de qualidade da escrita com marcação da expressão facial incluindo a sintaxe de perguntas e contexto de espaço, por sujeitos surdos e ouvintes, no trabalho final.

O Gênero poesia apresenta muitos usos de espaço e expressão facial, por isso é tão relevante conhecer a organização do texto.

É curioso que esses sujeitos surdos e ouvintes os usaram de forma correta. Todos eles colocaram a mudança da expressão facial quando ocorriam frases interrogativas de acordo com a estrutura da escrita e isso aconteceu por terem uma importante experiência na gramática da língua de sinais. Também não deixaram que o espaço se misturasse nas diferentes sentenças, no caso desse texto, onde se falava sobre as mãos e as bocas, que se referem à língua de sinais e à língua oral.

Em relação à quantidade da marcação de símbolos de interrogação, vimos que os ouvintes utilizaram as expressões faciais e os símbolos de interrogação, enquanto que os e surdos apenas usaram a expressão facial.

Escrita	Surdos	Ouvintes
Expressão Facial	3	2
Símbolo interrogação	-	3

Quadro 16 – Número de ocorrências das perguntas, no trabalho final dos sujeitos.

A marcação de pergunta na língua de sinais é produzida por uma forte expressão nas sobrelhas.

Os surdos optaram em usar duas expressões faciais, com grau de intensidade, com sobrelha franzida para baixo, como aconteceria em uma sinalização, mas com essa ausência do símbolo, perde-se o registro da prosódia na escrita. O que ocorre é que os dois são mais próximos e quase não é possível percebê-los já que são separadas por pausas na leitura e é preciso adaptá-los, acrescentando esses elementos na prosódia durante a leitura.

Preferindo não fazê-lo à semelhança do português, foi preciso buscar outra estratégia, como a combinação de marcas pela expressão facial continua, marcação de pausas, uma pausa realizada pelo corpo, ou até mesmo a marcação da cabeça, para cima ou para baixo. A presença desses elementos esclarece a leitura.

Existe uma outra marcação de pergunta diferente das outras duas. A marcação da testa para cima, ficando, porém, a dúvida entre eles, junto ao espaço, no meio, se o mesmo vai para mãos, que a atraem ou bocas que a atraem.

Os ouvintes optaram por colocar duas expressões, uma diferente da outra, ou seja: a testa para baixo ou para cima. O curioso é que colocaram três símbolos de interrogação, sendo que dois acompanham a expressão facial e uma a pontuação que não consta na expressão. A justificativa para isso pode representar que ela não consta na expressão facial, mas na organização do olhar e, por esse motivo, optaram apenas em colocar o símbolo correspondente à interrogação.

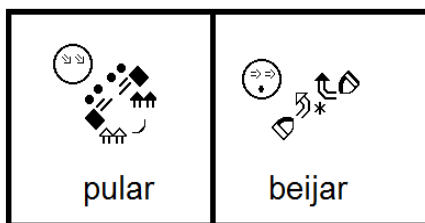
Escrita	Surdos	Ouvintes
Movimentos no plano parede	-	1
Movimentos no plano chão	-	-

Quadro 17. Número de usos que indicam dificuldades nos movimentos após uma atividade lúdica, de consciência fonológica, feita em sala de aula.

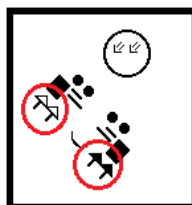
Os surdos, em princípio, não obtiveram um resultado negativo, pois só usaram um sinal que indica para cima sendo escrito de forma correta. Assim não apresentaram dificuldades.

Os ouvintes apresentaram mais sinais que os surdos. Em sua poesia, usaram dois movimentos com direção para cima e outros cinco movimentos com direção para frente. Dentre todos os escritos, encontrei apenas um erro, apondo que seja apenas um deslize, pois na primeira ocorrência está correto e na segunda encontra-se o erro.

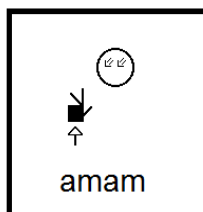
Os dois sinais que indicam direção para cima:



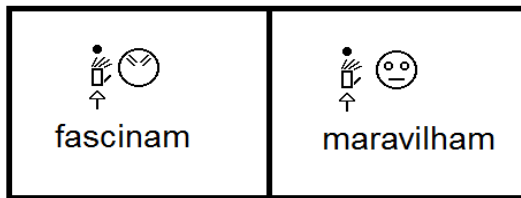
Percebe-se o erro na segunda ocorrência, no sinal referente a PULAR:



Os cinco sinais com direção para frente:

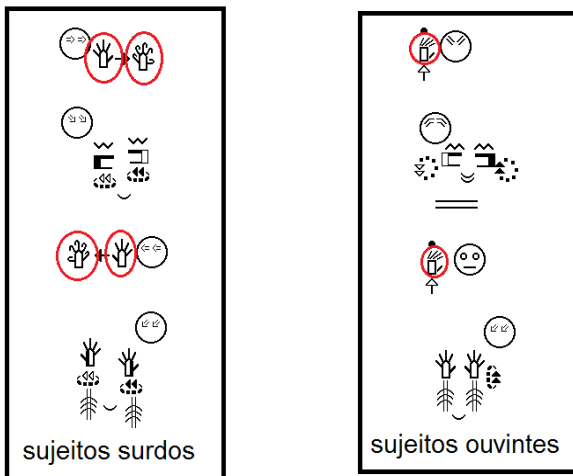


No trecho, “Mãos que falam e amam”, o sinal de amor, com direção para frente mostra a configuração de mão, na mão esquerda, com os dedos junto à seta de cor branca. Seu uso está correto.



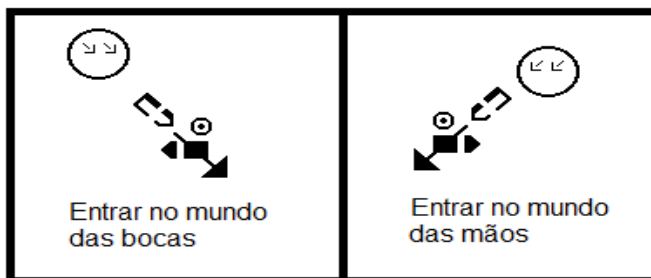
No português, esses termos são sinônimos, o que não acontece em libras, pois o uso deles depende do contexto e de aspectos como uso do espaço, para que a poesia emocione. Aspecto esse na língua de sinais não presente no português, pela diferença de modalidade.

Já comentei sobre o uso do espaço, de forma confusa, Os sujeitos ouvintes usaram este aspecto de forma oposta à marcação do espaço para o termo FASCINAÇÃO escrito do lado esquerdo cuja colocação deveria indicar a direita, para, assim, manter o contexto onde se fala das “bocas que falam”. Os surdos apresentam um pequeno erro nesse aspecto por colocarem os dedos na configuração de mão que ficou para a esquerda no segundo sinal em “maravilham”, pois o movimento é para a direita e os dedos na configuração da mão deveriam indicar para a direita, a fim de evitar que sejam opostos.



Os sujeitos surdos e ouvintes apresentaram erro nos mesmos sinais, mas o que difere é que os surdos acertaram a marcação do espaço

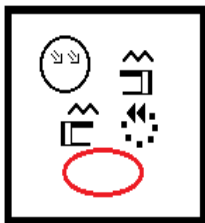
do lado direito, mas se enganaram na frase seguinte com a marcação de espaço, por dois motivos: a configuração dos dedos e o uso da seta preta para indicar movimento. Caso se apresentasse as configurações respeitando o lado e se vi mudasse a seta para branca (sem preenchimento), a mesma estaria correta. Os sujeitos ouvintes acertaram no uso da seta de movimento, mas erraram na marcação do espaço e na configuração dos dedos, pois deveria ser a configuração de mão esquerda, acompanhada de setas brancas.



Diferente de FASCINAÇÃO e MARAVILHAM, onde encontramos erros no uso do espaço, os sinais de ENTRAR NO MUNDO DAS BOCAS e ENTRAR NO MUNDO DAS MÃOS, os ouvintes acertaram a marcação do espaço. Mas, novamente ocorre um deslize, pois as setas da configuração da mão esquerda indicam cores contrárias, em vez de pretas deveriam ser brancas. Sobre os movimentos no plano chão, está correto o uso de setas simples.

Ao concluir, entendemos que os sujeitos desta pesquisa, surdos e ouvintes, apresentam pouca diferença entre si, pois os surdos mostram mais cuidados na construção de cada pilha para não haja desconexão de símbolos, mesmo assim eles erram um pouco. Eles demonstram, em sua escrita, usarem a base de uma sinalização natural e fazem o registro desse modo, sem se preocupar com elementos presentes. Isso pode contribuir para um melhor entendimento do leitor. Em contrapartida, os sujeitos ouvintes apresentam as experiências que já possuem com o sistema de escrita, preocupando-se com elementos importantes como os de coesão e coerência. Encontramos símbolos de vírgulas usados por alguns, nos textos, mas ainda não há uma convenção relacionada à produção de poesias em escritas de sinais. Há erros presente nas pilhas como um parâmetro fonológico, faltando também algum outro símbolo,

tornando assim o sinal agramatical, Por exemplo, faltou uma rotação nas bocas que falam,:



Concluimos que entre os sujeitos pesquisados, surdos e ouvintes, não há homogeneidade, pois havia alguns sujeitos surdos que se preocupavam muito com a coesão e coerência textual em escrita de sinais. Já os ouvintes tem a capacidade de organizar uma pilha de forma correta. Entendemos que o processo de aprendizagem é longo, até chegar a um ponto ideal. Com a experiência individual, eles demonstraram o modo como se organiza o texto e a forma como se escreve. Desse modo aparecem diversos tipos de leitura, mas alguns aspectos ficam descobertos. Em novas pesquisas, podem ser focados outros aspectos, tais como: como se desenvolve e se usa as pausas, a percepção da conexão dos símbolos nas pilhas, o uso do tema nos textos, a criação de um padrão na ordem vertical ou horizontal, a recorrência maior entre os alunos, de forma vertical e agrupamento dos elementos de expressão facial em escrita de sinais.

5 DISCUSSÃO SOBRE OS RESULTADOS OBTIDOS

Diante das minhas observações a partir dos resultados encontrados dos alunos e universitários nos textos em escrita de sinais, posso destacar, nesta análise, algumas semelhanças identificadas entre alunos surdos da educação básica e universitários surdos e ouvintes:

- em todas as idades, os sujeitos surdos ou ouvintes, apresentam o mesmo deslize como pintar com a mão direita, com setas no destro e outras pelas orientação das mãos no dorso da mão, ou no meio, entre a palma e o dorso da mão;
- o Ensino Fundamental e o Ensino Superior não escrevem mais com o símbolo de \smile . O seu não uso implica em uma economia na escrita, de forma natural, sem prejuízo à leitura.
- não percebem que ao escrever um texto, necessitam escolher e usar os sinais de destro, que é mão direita, quando tem sinal com uma mão, ou os sinais do canhoto, que é mão esquerda quando tem sinal com uma mão. É bom alertar os sujeitos, desde o início, para evitar a mistura de sinais e, conseqüentemente, prejuízo ao entendimento do texto;
- apresentar uma transferência positiva aos universitários ouvintes quanto ao desenvolvimento da produção na primeira língua, o Português, ou na segunda, a Língua de Sinais, ou seja, na língua materna dos alunos e universitários surdos, com a possibilidade para compreender a coerência textual no uso do espaço com a experiência do conhecimento;
- os alunos encontraram sua forma de aprendizagem para o registro de idéias, através do lúdico, pela ação da criatividade da linguagem individual com interesse nas interações.

CONCLUSÃO

Na pesquisa de meu estudo, pude analisar os processos de leitura reflexiva e das produções escritas, considerando aspectos linguísticos em nível fonológico (unidades individuais que compõem cada pilha), morfológico (combinação das unidades) e sintático (uso do espaço para produção de textos coesos).

Tive que fazer alguns levantamentos na escrita de sinais para poder identificar as relações linguísticas em um dos meus objetivos. Os mesmos envolviam o uso de parâmetros de movimentos escolhidos para o desenvolvimento da consciência fonológica, com a finalidade de errar menos no uso dos elementos que constituem a leitura de um sinal e a estrutura de um texto produzido, em escrita de sinais, considerando aspectos da coesão e da coerência.

Alguns aspectos encontrados que me surpreenderam pela escolha de três itens para produção de textual, como a coesão e a coerência, através da cultura surda, que foram: 1. Produzir um texto sem seguir as regras de português, tornando-se muito importante para própria gramática de LIBRAS e descobrir a possibilidade de usar um parágrafo, com apenas um ponto final e muitas vírgulas, quando houver pausas. Em português, a pontuação serviria para separar as ideias, com o uso de pontos finais. 2. O uso de sinais próprios dos alunos, ao realizar atividade de sonho, que em português não tem. 3. O texto finalizou com um sinal de FIM, sem colocar ponto final, como é hábito natural de todo surdo na sinalização do falar com sinais.

Conforme os meus objetivos que procuraram identificar, na análise linguística, como as crianças e adultos se assemelham através da escrita, obtive três resultados: 1. esquecimento do preenchimento da cor preta na configuração da mão ou movimentos; 2. redução do uso do símbolo de \smile ; 3. necessidade de percepção de uma das escolhas entre destro ou canhoto na mão de um sinal ligado diretamente ao texto; 4. transferência positiva aos universitários ouvintes e ao desenvolvimento da produção como primeira língua, ou materna, dos alunos e universitários surdos, com a possibilidade de compreensão na coerência textual e ao uso do espaço, com a experiência do conhecimento.

A comparação entre surdos e ouvintes na produção de textos evidenciou o uso de estratégias de leitura e escrita da L1, transferidas para a L2, no caso dos ouvintes comparados com os surdos. Fica muito claro que os ouvintes usam o seu conhecimento da escrita em português como referência para a produção de textos escritos em sinais, mesmo sendo esta este é um outro sistema de representação escrita. Esse ponto é muito interessante, pois pode ser considerado em pesquisas futuras, no sentido de aprofundar o que os pesquisadores tem discutido intensivamente e tratam na educação bilíngue, ou seja, a questão da importância do letramento na L1, que sustentará o letramento na L2.

Alguns alunos são da opinião que é justo usar as palavras junto aos sinais da língua portuguesa, nas produções, para não confundir a mim e nem a professora, pelas incertezas dos símbolos com o qual concordei. Acontece que alguns símbolos não foram traduzidos para português, porque tem algum sinal em libras que não existe em português. Ficam as interrogações em relação ao que não tem no português comparado à língua de sinais.

Todos os alunos que produzem um texto, com organização diferente, pela experiência e influência da sociedade bem como a seleção de idéias que foram desenvolvidas, as quais já foram descritas sobre os vários tipos de experiência lúdica, dependendo de todos os indivíduos nas interações. É o lúdico que torna a experiência mais dinâmica e mais significativa a forma de aprendizagem da escrita de sinais, o que possibilita ampliar e sistematizar o conhecimento.

Caso a disciplina tivesse continuação, o processo gramatical e o textual poderiam ser mais explorados com discussões e possíveis soluções. O sonho é ter na escola um currículo que aceitasse a disciplina em todas as séries, com o nome de escrita de sinais e que os professores pudessem se encorajar com esse novo desafio .

Ser professora não é aquela que sabe tudo, mas aquela que a cada dia descobre o que não sabia graças aos alunos. Pensar que é algo pode estar errado, temos, no entanto, encarar esse desafio, na realidade, é entrar em algo que não é fácil de conseguir, mas que pode trazer resultados inimagináveis. Comparando alunos surdos e ouvintes, pode-se afirmar que cada um deles tem experiências próprias que variam, dão dicas naturalmente ao processo de produção textual. Presume-se que

cada dia haverá mais descobertas para, futuramente, se tornarem os textos originais em cada gêneros.

O trabalho como pesquisadora foi minha paixão, no sentido de descobrir, organizar, e refletir sobre as opiniões dos alunos. Tudo indica que crescemos juntos. Posso até receber as críticas para quem ler a minha pesquisa. Ficarei feliz por saber que estes leitores estão descobrindo mais sobre as observações relativas ao processo e importância do crescimento da escrita, como ela deve ser produzida, com as regras gramaticais, para um bom entendimento. O ato de escrever envolve a preocupação de comunicar.

A maneira que cheguei aqui, com meus olhares acerca da escrita da língua de sinais, vendo a complexidade do que é realizar uma pesquisa, muitas vezes se descobre o inesperado, tornado-me, por muitas vezes, inquieta e cheio de dúvidas, porém, com muita motivação para o crescimento e o debates. Esses estudos que acabei de realizar, não tem o objetivo de de uma conclusão definitiva, mas poderão servir como degrau para continuar nessa busca desse processo da escrita e leitura de sinais para outros pesquisadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDET, J. e RÉJANE,S. **A criança e os brinquedos.** Lisboa. Editorial Estampa, 1975.

BEE, H. **A Criança em desenvolvimento.** Tradução Roseane Amador Pereira. 3ª Ed. São Paulo. Editora Harbra, 1984.

BITTENCOURT, G. FERREIRA, M. **A importância do lúdico na alfabetização.** Belém/Pará. Universidade da Unama. 2002.

BLUMER, H. **Symbolic Interactionism – Perspective and Method.** [1969]. Berkeley: University of California Press, 1986.

BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

BROUGÈRE,G. **Jogo e educação.** Porto Alegre: Artes Médicas,1998.

CALGLIARI, Luiz. **Alfabetização & Linguística.** São Paulo: Editora Scipione, 2002.

CALVET,Louis-Jean. **Tradição Oral & Tradição Escrita.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CAPOVILLA, F.& RAPHAEL,W. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Língua de Sinais Brasileira – VOL. II: M a Z,** USP, 2001.

_____.**Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Língua Brasileira de Sinais – Vol. I: A a L,** USP, 2004.

CAPOVILLA, F., RAPHAEL, W. & MAURICIO, A. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue – Vol. I: A e H,** USP, 2009.

CHATEAU, J. **O Jogo e a Criança.** São Paulo: Summus. 1987.

CHOMSKY, N. **Language and Responsibility,** New York, Pantheon, 1979. Trad. Fr. Langue linguistique politique: dialogues avec Mitsou Ronat, Paris, Flammarion, 1 éd. 1977.

CRUZ, C. **Proposta de instrumento de avaliação da consciência fonológica, parâmetro configuração da mão, para crianças surdas utentes da língua de sinais brasileira.** Porto Alegre: Pucrs, 2008.

ECO, U. **Como se faz uma tese.** São Paulo: Perspectiva, 2009. 22.ed.
FERANDES, E. **Surdez e Bilinguismo.** Porto de Alegre: Mediação, 2005.

FERNANDES, L. **Depoimentos de ouvintes universitários sobre a escrita da Língua de Sinais.** Florianópolis, Dissertação do Mestrado, 2011.

FERREIRA-BRITO, L. Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB. **Espaço: Informativo Técnico- Científico do INES.** Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.20-43, 1990.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre Alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2001. 24 ed.

FERREIRO, E. e TEBEROSKY, A. **Psicogênese língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FREIRE, P. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos.** (Brasil), 2007.

HUFEISEN, B. **O bê-á-bá do mundo.** Revista Viver Mente & Cérebro, São Paulo: Editora Segmento, V. XIV. n. 157, pg. 58-61, Fev/2006.

HUIZINGA, J. **O jogo como elemento da cultura.** São Paulo: Perspectiva, 2010. 6 ed. (Estudos/ dirigida por J. Guinsburg)

JUY, A. **Brincando também se aprende português.** 2004. Monografia. (Trabalho de conclusão do curso de letras) – FACINOR, Loanda.

KICH, I. & TRAVAGLIA, L. **Texto e coerência.** São Paulo, Cortez, 1989.

KOCH, I. & TRAVAGLIA, L. **A coerência textual.** São Paulo, Contexto, 1990.

LABORIT, E. **Le Cri de La Mouette.** Paris. Editora: Robert Laffont, S. A., 1993.

LAUAND, L. Jean. <http://www.hottopos.com/notand7/jeanludus.htm>

LEITE, T. **Leitura e Produção de Texto**. Florianópolis: Ufsc, 2009.

LILLO – MARTIN, D.; KLIMA, E.S. (1990) **Pointing out differences: ASL pronouns in syntactic theory**. IN: **Theoretical Issues in Sign Language Research**, Vol. I: Linguistics, eds. S.D. Fischer & P. Siple, 191 – 210. Chicago, IL: The University of Chicago Press.

LOPES, M. **A natureza educável do surdo: a normalização surda no espaço da escola de surdos**. IN: THOMA, A.; LOPES, M. (Org.) **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

MOOJEN, S. (Org.); LAMPRECHT, R.; SANTOS, R.; FREITAS, G.; BRODACZ, R.; COSTA, A.; GUARDA, E. **Consciência fonológica: instrumento de avaliação seqüencial**. [1966], tr. fr. Paris, Le Seuil, 196

NOBRE, R. **Processo de grafia da Língua de Sinais: Uma análise fono- morfológica da escrita em signwriting**. Florianópolis: Ufsc, 2011.
NUNAN, D. **Research methods in language learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

PIAGET, J. **A Formação do Símbolo na Criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

PICARD, G. **Todo mundo devia escrever: a escrita como disciplina de pensamento**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PIOLAT, A. **Retour sur le text dans l'activite redactionnelle precoce**. European Journal Of Psychology Of Education – Vol.3, nº4, 1988.

PISSARELLI, Lílian. **Ensinando a escrita: o processual e o lúdico**. São Paulo: Cortez, 2004.

QUADROS, R. **Alfabetização e o ensino da língua de sinais**. Textura, Canoas, n.3, p. 53-62, 2000.

QUADROS, R. e KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROJO, R. (org.) **Alfabetização e Letramento**. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

RUWET, Nicolas. **Introdução à gramática gerativa**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SILVA, F. **Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da língua brasileira de sinais: Signwriting**. Florianópolis: Ufsc, 2009.

SOARES, M. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 13. Ed. São Paulo: Ática, 1995.

SOUSA, A. **Surdos brasileiros escrevendo em inglês: uma experiência com o ensino comunicativo de línguas**. Fortaleza: Uec, 2008.

STUMPF, M. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de Sinais no papel e no computador**. Porto Alegre: Ufrgs, 2005.

SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: Um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2005, 3º Ed.

TUNMER, W.; COLE, P. **Learning to read: a metalinguistic act**. In: SIMON, C.(Ed.). *Communication skills and classroom success*, San Diego, CA: College Hill Press, 1985.

VYGOSTSKY, L. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.